

REVISTA DA SEMANA

Nº. 46
17-11-1945
Cr\$ 1,00



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

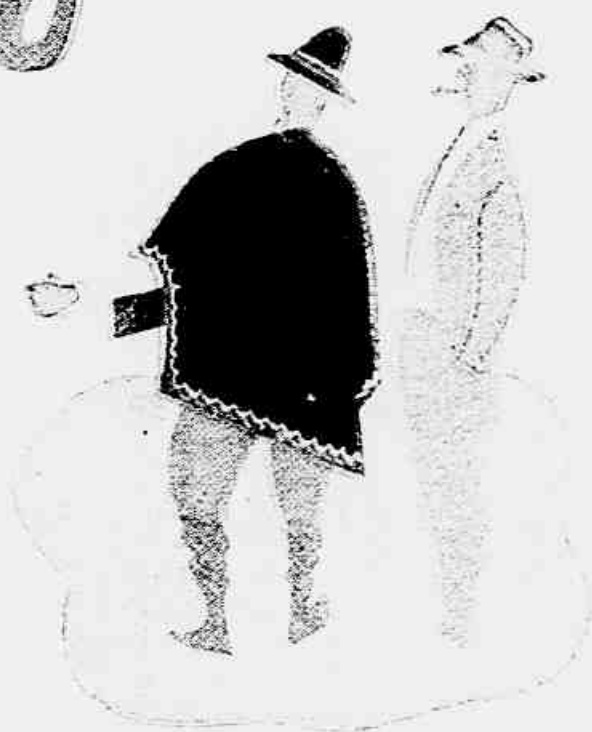


MENSAGEM AOS CIDADÃOS DAS AMÉRICAS

Devotando as suas instalações mundiais e 18 anos de experiência nas rotas aéreas internacionais ao problema do transporte de carga vital e de passageiros que precisam viajar pelas Américas em tempo de guerra, a Pan American estabeleceu, em 1944, novos records em cada uma de suas atividades. Por exemplo: nos primeiros 9 meses de 1944 percorreu um número de quilômetros-passageiro superior em 22% ao de igual período de 1943. Prova da utilização mais eficiente do material disponível é o fato de ter sido esse tráfego alcançado com um aumento de apenas 5% de quilômetros-avião.

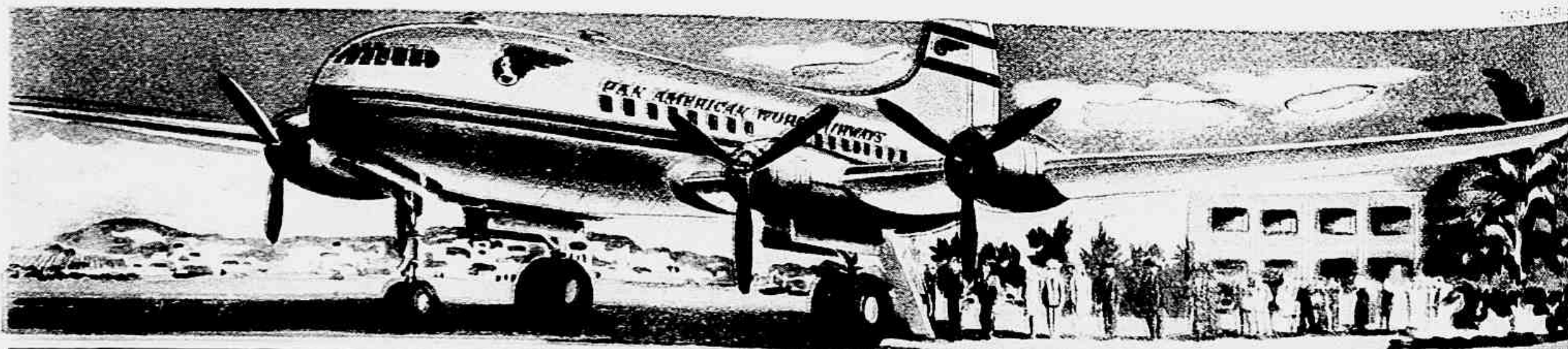
Embora fosse quasi impossível obter equipamento novo, a Pan American conseguiu, nos 3 trimestres de 1944, transportar 190.366 passageiros entre as principais cidades das Américas, contra 157.472 no ano anterior. Assim, 300 capitais e centros comerciais se viram mais intimamente unidos, por um sistema de aproximação continental. Todos os carregamentos bélicos possíveis e o máximo de mercadorias internacionais seguiram pela mesma via. Até setembro de 1944, 16.183.000 kg voaram pelos céus americanos contra 13.173.000 em 1943; mais 23% de carga levada aos pontos onde urgentemente a necessitavam.

Os "Planos de Paz" da Pan American incluem novos e gigantescos "Clippers", que trilharão as rotas aéreas universais, para que amanhã "o mundo inteiro seja seu vizinho."



Ouca AQUARELAS DO BRASIL

Todas as noites, das 22.05 às 22.35, na Rádio Nacional, um ondas médias (PVEB), 930 kcs, e curtas (PRLV), 30-60 metros. Evocação sonora da tradição musical e do folclore nacionais. Um magnífico programa com grandes orquestras e coros mistos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers



DESFILAM OS HERÓIS DO



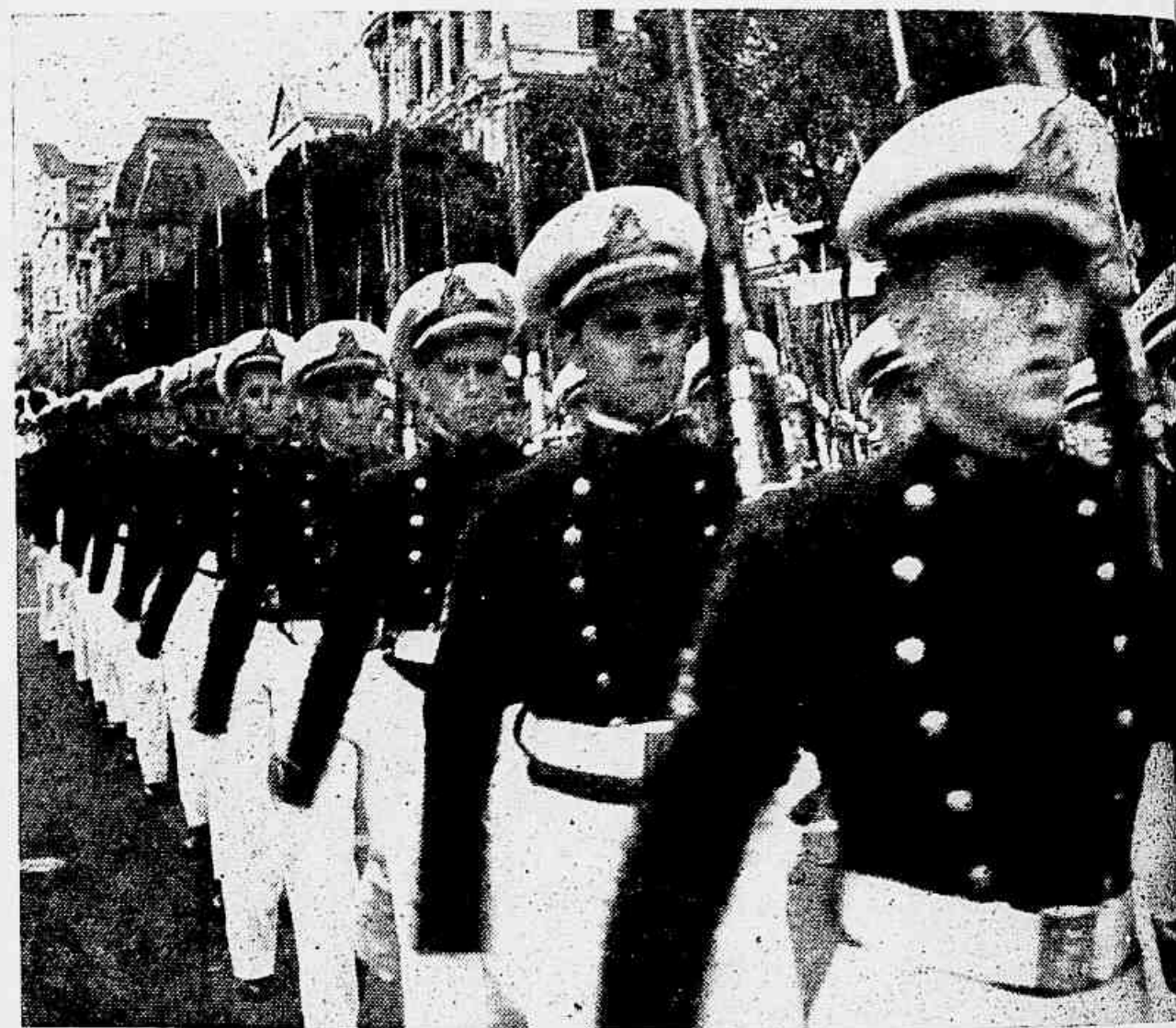
A ESCOLA MILITAR — Os alunos da Escola Militar de Rezende também participaram do desfile, prestando assim uma expressiva homenagem às forças de mar. Vemos aqui um aspecto tomado na praça Floriano, quando passava a infantaria da Escola.



A TODO VAPOR — Passa a todo vapor diante da ilha de Villegaignon o contra-torpedeiro G-5, em continência às autoridades que assistiram ao desfile de um palanque armado naquele tradicional bloco de terra.



COBERTAS DE CREPE — Cobertas de crepe, desfilaram em automóveis abertos as bandeiras das unidades brasileiras afundadas durante as operações de guerra em que tomou parte saliente a Esquadra. Aqui vemos o pavilhão do "Araraquara", passando pela Avenida.



OS ASPIRANTES EM DESFILE — Os aspirantes da Escola Naval participaram também do desfile em homenagem à Esquadra Brasileira. Eis aqui os rapazes de Villelaignon marchando garbosamente pela avenida Rio Branco.

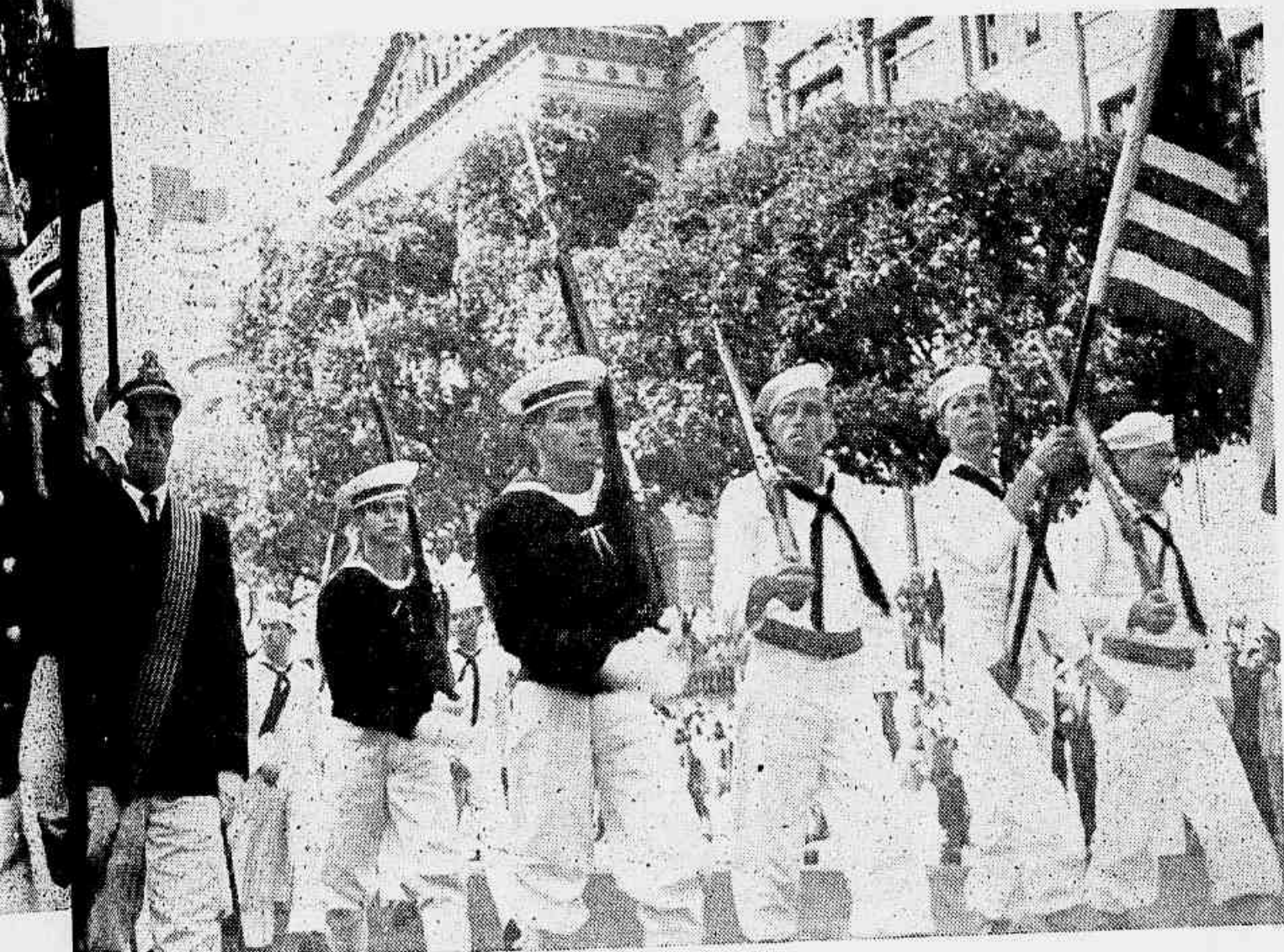


COMEÇA O DESFILE — A testa da coluna vinha o automóvel aberto conduzindo o almirante Dutra, comandante da Força Naval do Nordeste, cujas guarnições o seguiram em coluna por nove dias. O primeiro e mais flagrante foi feito quando o almirante fazia continência ao Chefe da Nação.

DO ATLANTICO SUL



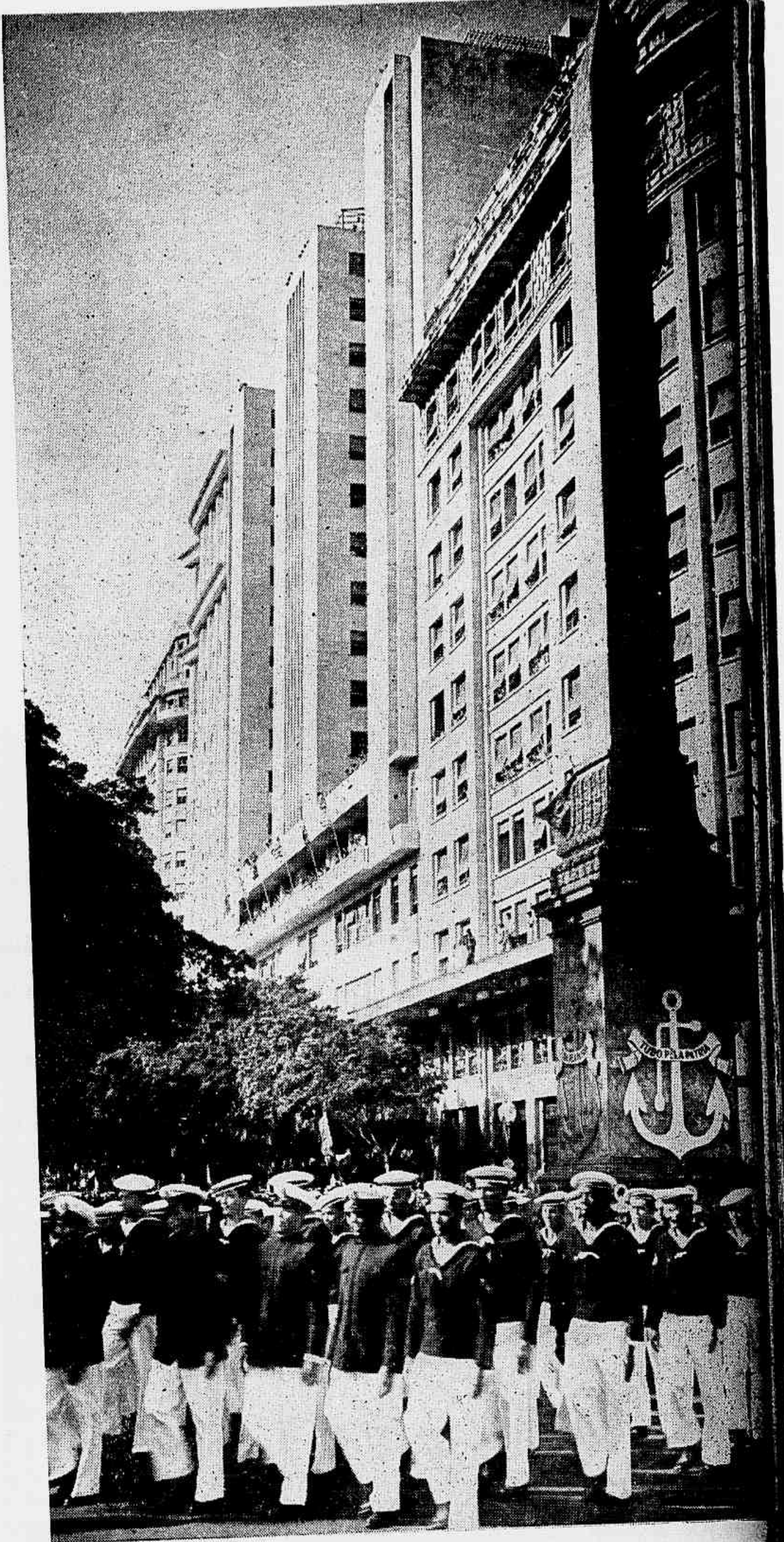
NO PALANQUE PRESIDENCIAL — Flagrante tomado na praça Floriano, durante o grande desfile das forças de mar, vendo-se, no palanque presidencial ali armado, o Presidente José Linhares assistindo à parada, ladeado pelos ministros Sampaio Dória, titular da pasta da Justiça, e almirante Jorge Dodsworth Martins, da Marinha.



DUAS BANDEIRAS IRMAS — Desfilaram também tropas da marinha norte-americana, que participaram da luta no Atlântico Sul. Nesta foto vemos a bandeira das quarenta e oito estrelas quando passava lado a lado com o auri-verde pendão do Brasil.



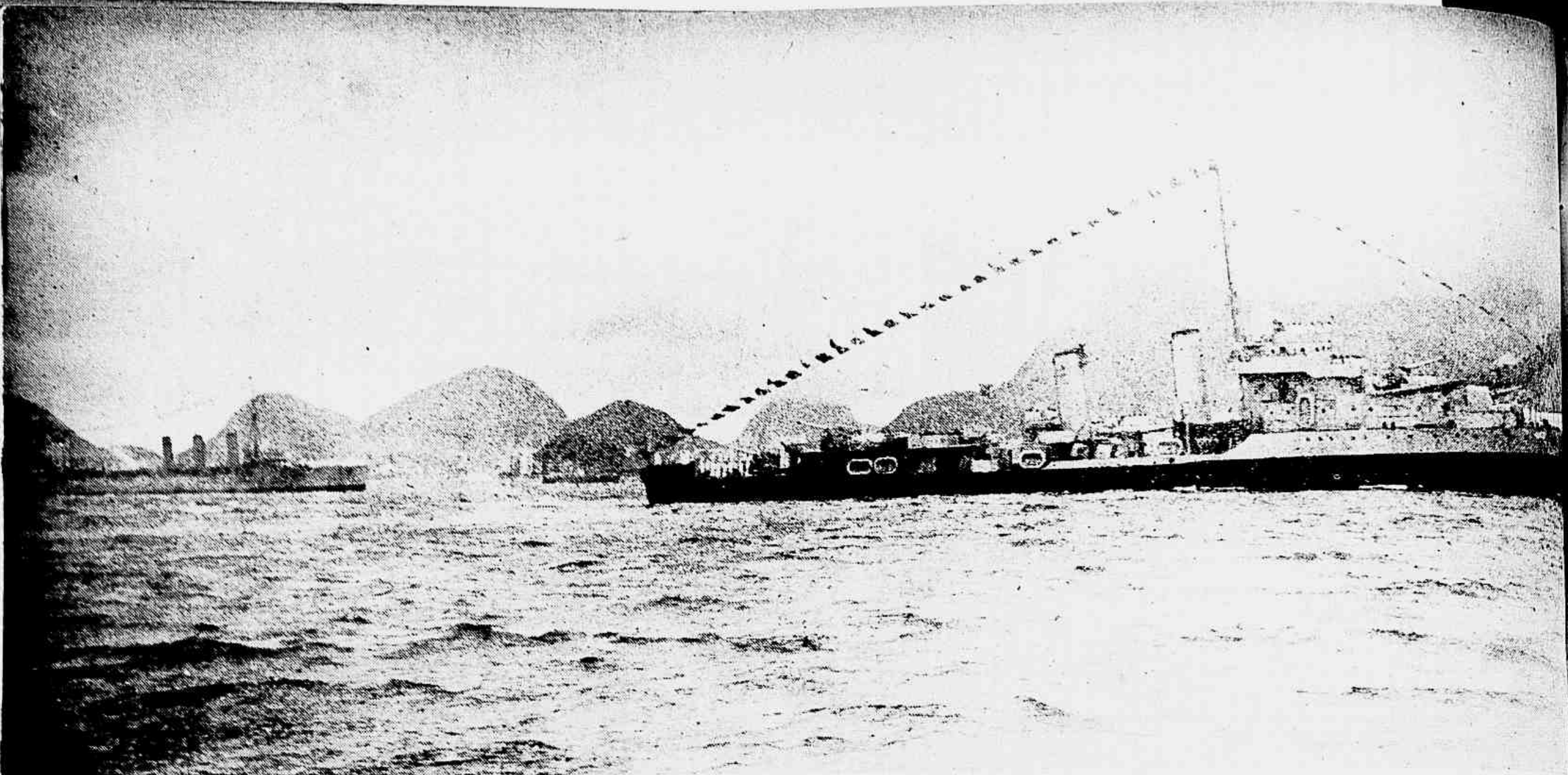
APLAUDINDO OS HERÓIS DOS MARES — Grande multidão aplaudiu entusiasticamente os heróis dos mares. Por toda a extensão da avenida Rio Branco estendia-se grande massa popular. O aspecto acima foi tomado na escadaria da Biblioteca Nacional, completamente cheia de povo.



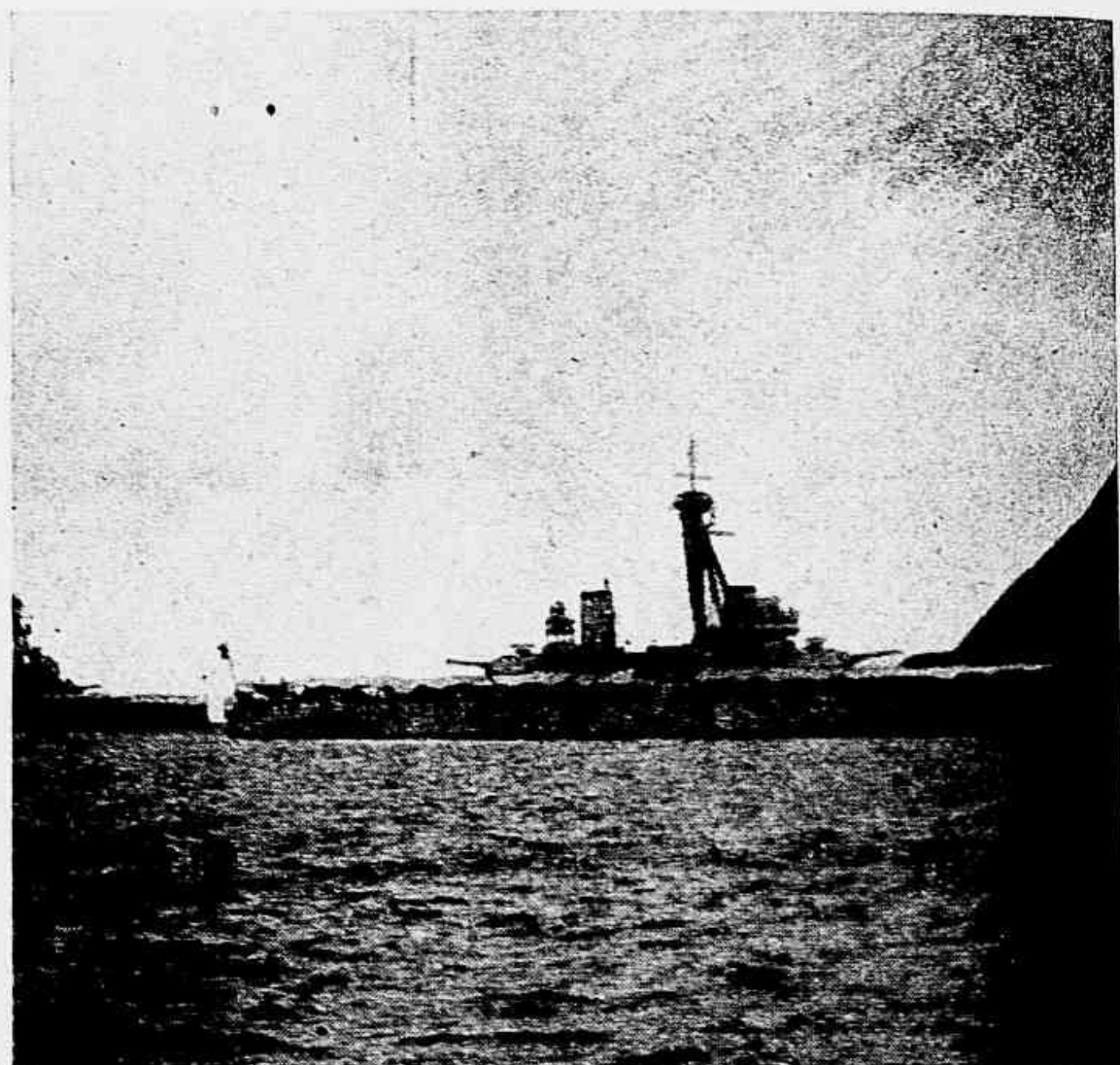
EM MARCHA PELA AVENIDA — As tropas passam pela avenida Rio Branco, entre a grande multidão que aplaude entusiasticamente os heróis da Batalha do Atlântico.



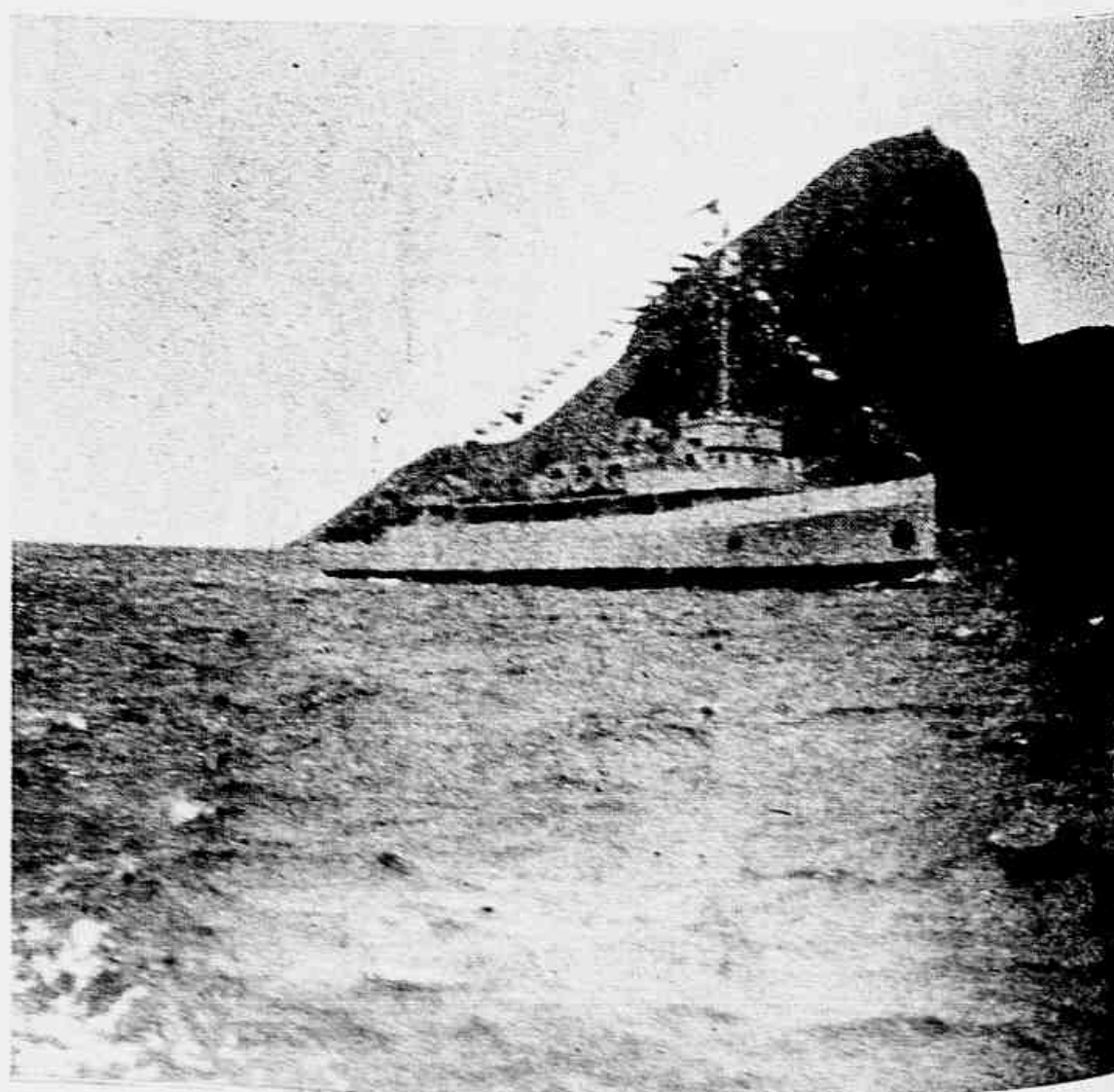
VISAO DA ESQUADRA — O couraçado "São Paulo, uma das mais possantes belonaves do Brasil, fotografado de bordo do "Minas Gerais", a Nau Capitânia da Esquadra.



DESFILE A MARINHA EM TERRA E NO MAR — Na gravura acima aparecem o cruzador "Rio Grande do Sul" e outra belonave da nossa esquadra, fotografados quando passavam pela ilha de Villegaignon em continência às autoridades. Todos os navios desfilaram embandeirados, em comemoração ao término das hostilidades, durante as quais a Marinha de Guerra do Brasil se salientou pelos atos de bravura dos tripulantes de suas unidades. Em baixo, à esquerda, um aspecto do imponente desfile dos nossos bravos marujos.



NA GUANABARA — Em cima, a Nau Capitânia da Esquadra Brasileira, vendo-se ainda o couraçado "São Paulo", em fotografia feita durante o imponente desfile das forças de mar. Em baixo, um navio espião da Armada Brasileira, que se salientou nos serviços de patrulhamento do Atlântico Sul, passa diante de Villegaignon.



Aconteceu...

HÁ 28 ANOS

Sob o título "Um sério problema", a REVISTA publicava em sua edição de 2 de junho de 1917, na página "Notícias e Comentários", o seguinte tópico:

"Sabem os leitores qual a cifra média anual da mortalidade infantil em nosso país? Pasmem, pois que nós ficamos pasmados ao verificar tal coisa: — monta a 200.000. Ora, a vida humana é avaliada, no Brasil, em cinco contos de réis, o que quer dizer que só em crianças perdemos anualmente um milhão de contos. Essa mortalidade é atribuída, numa proporção de 80%, a moléstias digestivas, porque as mães brasileiras, em vez de alimentar os pequenos seres somente com leite até que tenham uma dentição completa, dão-lhes uma alimentação que é a causa da morte. Não precisamos insistir sobre a gravidade do assunto, principalmente neste momento em que o capital humano aumentou muito de valor, e quando não podemos contar com a imigração estrangeira, que possa movimentar as nossas riquezas mortas. Os nossos homens públicos devem, quanto antes, voltar os olhos para a gravidade do caso, começando por uma propaganda eficaz no sentido de que a alimentação dos nossos pequenos seres passe a ser feita de uma forma mais racional e menos perigosa."

Vinte e oito anos depois, a situação não é igual: é muitíssimo pior. As pobres mães não têm, sequer, leite para dar aos filhos em qualquer idade. Há pouco mais de uma semana, os jornais relataram o caso do envenenamento de uma criança, aqui no Rio, depois de ter bebido certa quantidade de leite comprado na "vaca-leiteira".



Ainda existe, hoje, quem denomine o Rio cidade melancólica, da mais absoluta pasmação, sem movimento, sem dinamismo, principalmente quando a submetem a um confronto com Nova-York, por exemplo. Todavia, em 1917 já o cronista escrevia o seguinte: "No Rio de Janeiro, como acontece em todas as grandes cidades de vida intensa, são numerosíssimos os casos chamados de neurastenia, mas que os doutos passaram a denominar de "nervosismo", pois que em tais perturbações nem sempre a astenia se verifica".

E que remédio aconselhava o comentarista? Apenas este: coalhada. Lá está, bem claro: "Tempos houve em que no Rio de Janeiro o consumo da coalhada foi enorme, mas depressa passou o uso desse esplêndido alimento (como sempre acontece), que continua a ter grande extração no estrangeiro. Raro é o indivíduo neurastênico que não acuse perturbações digestivas, fermentações intestinais produzidas por uma digestão incompleta. Entretanto, Metchnikoff demonstrou que a farmácia não possui um anti-pútrido tão poderoso como seja a coalhada (sobretudo búlgara), que modifica para melhor toda a flora intestinal sem causar dano aos bons germens, como fazem todos os desinfetantes estomacais".

Valha a recomendação para os dias presentes, quando o Rio faz ainda jús ao título de "grande cidade de vida intensa"...

Mas — e o leite? Só mesmo importando da Bulgária. — XIX.

A ALMA DE LISZT

Franz Liszt! No arrebo das cadências, percebe-se um temperamento vibrátil: os baixos profundos revelam-nos uma fé inabalável; a melodia, ora sutil, ora grandiosa, os matizes de um espírito genial que era também um grande coração.

Foi um cabotino, mas todos os cabotinismos se eclipsavam ante a magnitude da sua arte admirável. Foi um volúvel, mas como não o ser em meio da multidão que calorosamente o aplau-

dia como senhor absoluto da música e do coração das mulheres. Foi um místico, um místico sublime, um místico singular que se transfigurava ao toque do Angelus, que se beatificava ao nome da Virgem, que soluçava diante da Paixão.

"Sonho de amor"... "Rapsódia húngara"... "São Francisco de Paula caminha sobre as ondas"... surgem-nos através dos tempos, compostas por um coração que só soube amar e que

ama, respectivamente, a Mulher, mulher com letra maiúscula e não apenas uma mulher, que ama o povo que com ele vibra e que, igualmente, sabe exteriorizar suas emoções, que ama, finalmente, o Criador porque sente que Ele é o fim como foi o princípio.

Quando, no silêncio de uma sala de concertos, uma música se eleva, vibrante, grandiosa, eletrizando sentidos, plantando emoções, quando nos mergulha num êxtase interior em que sentimos o próprio eu, certamente essa música será de Liszt, do nosso tão querido "São Francisco Liszt", que teve por lema "servir".

Ao piano, uma melodia de Liszt. Quando nossos dedos comprimirem as teclas, quando a música ardente delas se desprender, evoluindo-se no espaço, quando nos sentirmos em íntima união com aquilo que interpretamos, teremos compreendido a alma de Liszt, porque ela pode ser resumida numa só palavra — Música.

O espírito que deixou, deixa e deixará sempre, em milhares de corações, é a maior prova do seu valor, pois genial é todo aquele diante do qual se curva a eternidade.

Maria da Gloria

Até o Gênio!

Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dóres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dóres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:

"Considero **ARRID** o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO
Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desagradáveis, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use **ARRID** com regularidade.
Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,30

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A SEMANA EM REVISTA

O PRIMEIRO DE OITO MILHÕES



Nas eleições recentemente realizadas em New York City para o cargo de Prefeito da grande cidade, venceu com grande maioria de votos o candidato democrata William Odwyer, brigadeiro-general do Exército Americano. O candidato republicano foi fragorosamente derrotado, o que, segundo a palavra do presidente do Partido Democrático, indica o fim da influência do governador Dewey, adversário de Roosevelt e de sua política, nos negócios da municipalidade.

Mas o grande estouro é constituído, sem dúvida, pelo fim da gestão do sr. Fiorello La Guardia, no governo da cidade de New York. Sem barulho, como entrou, o grande homem vai sair. Voltará à sua vida privada, continuará a fazer seu "week-end" no campo, como o fazia antes de ser eleito chefe da edilidade. Será apenas um cidadão americano, um bom cidadão, cumpridor de seus deveres para com a família e com a Pátria. Irá às sessões políticas, aplaudirá oradores, lerá em casa os seus autores prediletos, escreverá de vez em quando para os jornais. De quatro em quatro anos fará funcionar a alavanca da máquina de votar. Não será governador de New York State, como quase sempre o são os prefeitos da cidade após os dois quadriênios. Voltará para casa como saiu, nem mais rico nem mais pobre. Mas voltará mais famoso. Ele foi, durante muitos anos, o governador da maior cidade do mundo, da "urbs" que é o próprio símbolo da grandiosa técnica do século. Durante a sua gestão, New York conheceu os seus dias mais históricos. Viu desfilar por suas ruas cinco milhões de pessoas, na afirmação magnífica da vontade da América de lutar contra o fascismo. Era a sua consagração, era o eco de suas palavras que impulsionava aquela multidão. Sim, pois fôra ele o primeiro que se erguera do lado de cá do Atlântico, contra as ameaças de Mussolini e as ações ofensivas de Hitler. Fôra ele que lançou o primeiro grito, quando as tropas regulares italianas desfilaram por Madrid. Fôra ele, filho de italianos, que combatiera com todo o ardor de sua inteligência e a força de sua palavra a conquista da Abissínia, marco inicial da ofensiva fascista contra todo o mundo civilizado. E justamente por isto Fiorello La Guardia foi cognominado o inimigo n.º 1 de Mussolini. E agora ele repousará. Já não mais ouviremos as suas palavras ousadas através do megafone, a sua figura esquisita de Quixote atarracado não se movimentará mais nos jornais cinematográficos. Mas estará ainda presente em New York, como parte integrante de sua massa arquitetônica, pois ele nada mais é que uma das pedras com que se construiu a Estátua da Liberdade.

"NO PASARÁN"



Entre as efemérides deste mês, destaca-se a passagem do 7 de novembro, que assinala a chegada das tropas de Franco às portas de Madrid e o lançamento pelos milicianos espanhóis e internacionais de sua célebre divisa: "No pasarán". Comemorando esta data aniversária, reabriram-se na cidade de México as câmaras do Governo Republicano Espanhol no Exílio, que funciona na terra de Juarez, uma das nações democráticas em cuja consciência não pesará jamais o crime de haver abandonado a pátria de Cervantes à fúria dos fascistas. Estiveram presentes à abertura das câmaras todos os membros do Governo Republicano no Exílio, inclusive o primeiro ministro Giral, que pronunciou o discurso de instalação. Vê-se, pois, que ainda restam para a Espanha esperanças confortadoras. Nem tudo está perdido. Na cidade de México estão reunidas as câmaras de uma república europeia. Uma república que, embora sob o domínio da tirania fascista, continua viva e ativa a muitos quilômetros de seu país. A Espanha não morreu. Nem morrerá jamais. Não morrerá porque em todo o mundo, onde houver um homem que a tivesse percorrido antes de 1936 ou que a tivesse visto durante a guerra, ela estará sempre presente em seu coração e em seu pensamento. No México vive hoje a República Espanhola. E é justo que a águia tenha encontrado ali o seu ninho e o seu abrigo. Sim, porque quando os espanhóis de Madrid, cercados por todos os lados pelas quatro colunas de Franco e de Queipo del Llano, lançaram o seu desesperado apelo ao resto do mundo, entre os amigos da Espanha que marcharam heroicamente para as trincheiras da Ciudad Universitaria, contavam-se muitas unidades milicianas compostas de mexicanos. Eles atendiam ao chamado da Mãe da América, filhos longínquos que corriam ao solar dos antepassados para defender, muitas milhas a leste de seu lar, a sua família e a sua honra. E os mexicanos das "Internacionais" repetiram em cântico as palavras de seus irmãos espanhóis: "No pasarán!".

Hoje está no México o Governo Espanhol. E o fascismo está exilado na Península Ibérica. Que as Câmaras Espanholas no Exílio, que todos os mexicanos, que todos os cidadãos da América tenham sempre na memória o caso da Espanha e conservem como sua esta divisa heróica: "No pasarán!".

JÁ NÃO É PECADO!



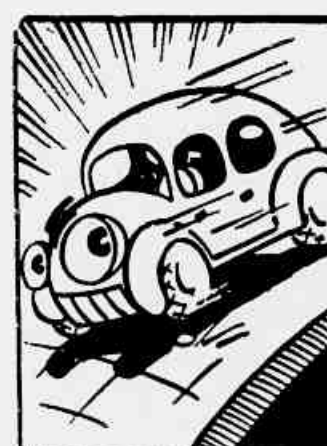
Um arcebispo inglês, chefe religioso de uma grande comunidade, homem de hábitos patriarcais e de costumes rigorosos e, portanto, adversário intransigente do divórcio, acaba de proferir uma declaração segundo a qual o adultério não constitui motivo justificado para separação legal de cônjuges, nem pode servir de argumento contra a indissolubilidade do matrimônio. O prelado falou veementemente, exaltando o casamento como uma instituição sagrada, um ato religioso e civil que, uma vez levado a efeito, deve prevalecer por toda a existência de suas partes contratantes, embora a nenhuma das duas interesse mais e venha apenas lhes servir de obstáculo à conquista da felicidade. Ninguém deve ter direito ao divórcio, afirma o arcebispo. Nenhum crime, nenhuma falta pode servir de base jurídica para a separação de um casal unido pelos laços sagrados do matrimônio. O adultério? A carne é fraca. É justo que o homem peque de vez em quando, e os seus pequenos deslizes não podem dar razão à esposa para uma petição de divórcio. Estas são as idéias do arcebispo. Quanto à mulher, o telegrama que nos dá notícia do fato não esclarece a opinião do sacerdote. Mas com certeza, de acordo com a norma de justiça ditada pela sua religião, ele pensará mais ou menos o mesmo.

Não conhecemos o arcebispo em questão, o seu próprio nome já nos fugiu da memória. Podemos afirmar, entretanto, que ele é um homem de coragem. Sim, pois tem sido o único neste século, além de Mussolini e de Plitigrilli (um por necessidade de aumento de produção humana, outro por amor ao paradoxo), a defender o adultério. Mas foi ainda além. Revogou as disposições em contrário do que a sua igreja vinha pregando por todo o Globo há dois mil anos quase. Declarou de público que não é pecado a traição conjugal, classificando-a, ao contrário, como um pequeno erro humano. Pecado, sim, é o divórcio. A separação de um homem que já viveu com uma mulher, isto sim que é crime. Mas umas feriazinhas matrimoniais, uma pequena variação na vida de casado, uma pequena viagem de retorno aos "velhos tempos de rapaz solteiro" nada têm de mais.

Aproveitamos a argumentação do arcebispo inglês para consolar aqueles que porventura tenham "casos" e tenham escrúpulos religiosos. Estes podem limpar agora a consciência e andar de cabeça erguida dentro de casa. Se a esposa reclamar, ponham-lhe na frente o recorte de jornal que noticia o caso: um arcebispo afirmando que comer maçã na rua é muito natural.

Será?

VAI PERDURAR O AUMENTO?



Quando ia mais forte a escassez do combustível para o funcionamento dos carros de praça, a classe dos motoristas pleiteou, com inteira justiça, um aumento no preço das corridas. Perfeitamente lógico, repetimos. E o aumento veio, primeiro um, depois reforçado, até quando, poucas semanas ou dias antes de cessar o racionamento da gasolina, foi permitido que tais corridas se pagassem pelo dobro da quantia marcada no relógio. Houve, mesmo, a substituição desses por outros relógios, saltando de vinte em vinte centavos, na metade do tempo e da quilometragem que, até então, marcavam a mesma quantia. Aumento de cento por cento, afinal. Pouco tempo antes, também se havia permitido que os carros utilizados em "lotação", aboletassem dois passageiros nos lugares da frente, junto ao "chauffeur", aumentando assim o rendimento. Muitos desses carros, velhos e desconjuntados, abrigavam nada menos de oito passageiros — e o "chauffeur", é claro. Total: um mínimo de quarenta cruzeiros apurado em uma viagem do largo da Carioca até antes da Muda, ou rumo à zona Sul.

Mas a situação mudou desde o dia 1.º do corrente, com a abolição do racionamento. A gasolina é vendida à vontade, os tanques enchem-se sem qualquer controle das autoridades, e não existe mais o "câmbio negro", outro argumento ponderável mediante o qual os dirigentes dos carros, na maioria seus proprietários, justificavam a elevação dos preços. Todavia, o aumento para o público continuou. Os relógios com o dobro das "corridas" estão em atividade, e pagam-se quarenta cruzeiros de Copacabana ao largo da Segunda-Feira, como nos tempos em que o litro do precioso combustível custava cinco e mais cruzeiros. Será justo? Parece que não. Pelo menos algum reajustamento deve ser feito agora, quando não se admitisse a volta aos preços de antes da guerra, o que já não se está pleiteando. Mas o caso tem aspectos ainda mais delicados: os carros de praça continuam escassos, porque alguns "taxis" terão voltado a funcionar como carros particulares, "et pour cause"... E os jornais noticiaram, esta semana, o modo descortez pelo qual um motorista chegou a ameaçar uma senhora que viajava com uma criança, por haver reclamado contra a manutenção do preço dobrado do relógio, mesmo cessado o racionamento.

Com vistas às autoridades.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,00 em qualquer parte do país; e número atrasado Cr\$ 2,00
Viceza de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-3282; Garagem: 22-3280; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-3270; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-3602

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7806

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Morassut & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Pressa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O RIO DE ONTEM E DE HOJE

CONTRASTES E CONFRONTOS ENTRE DUAS ERAS, ATRAVÉS DA ARQUITETURA — O LARGO DO BOTICÁRIO E A ESPLANADA DO CASTELO, OS DOIS EXTREMOS — NA RUA COSME VELHO, DOIS SÉCULOS PAREDEMEIA — O MORRO DE SANTA TERESA É UMA VISITA AO PASSADO

O homem — disse Alex Carrel, e parece que o conselheiro Acácio o repetiu — conhece tudo, ou quase tudo, mas não conhece a si mesmo. Parodiando êsses dois grandes, podemos afirmar que o carioca conhece tudo menos o Rio. Mas desculpamo-nos, pois o Rio é mesmo difícil de ser conhecido. Difícil ou impossível? Talvez seja mesmo impossível. Isto porque, se chegarmos hoje a conhecer um bairro em toda a sua complexão arquitetônica e urbanística, e passarmos depois as nossas vistas para os outros lugares da cidade, quando voltarmos ao ponto de partida, já lá encontraremos outras ruas e outros edifícios inteiramente diversos dos que ali deixáramos anos ou meses atrás.

Mas nem sempre o Rio mudou de fisionomia com a velocidade com que hoje o faz. O progresso era antigamente puxado a burro como os bondes do século passado, e o aspecto de uma cidade, por mais progressista e criadora que fossem as suas forças orgânicas, nunca poderia se desenvolver ao ponto de apresentar uma fisionomia completamente distinta da anterior, no curto espaço de uma existência humana. Hoje, no entanto, o urbanismo comprou motores elétricos e começou a usar dinamite. Vieram por terra morros e palacetes; vielas e pardieiros voaram pelos ares. E o Rio começou a renascer, como uma

flôr que se abrisse na própria antera da flôr mãe. Foram desaparecendo rapidamente as velhas ruas de casas solarengas, as esquinas românticas de muros brancos cederam lugar aos cruzamentos com sinais luminosos. E tudo se modificou de repente, como se a cidade fôsse de súbito tocada pela vara de condão de um feiticeiro gaiato. Acenderam-se numa tarde as fileiras infindáveis de luzes elétricas. Copacabana apareceu, saída das espumas como Vênus. Os subúrbios presunçosos botaram anúncios luminosos nas fachadas dos cineminhas poeiras, e passaram pó de pedra nos frontispícios das residências baratas. E as casas ganharam a fisionomia de velhas borrocadas com pó de arroz de um cruzeiro e cinquenta centavos.

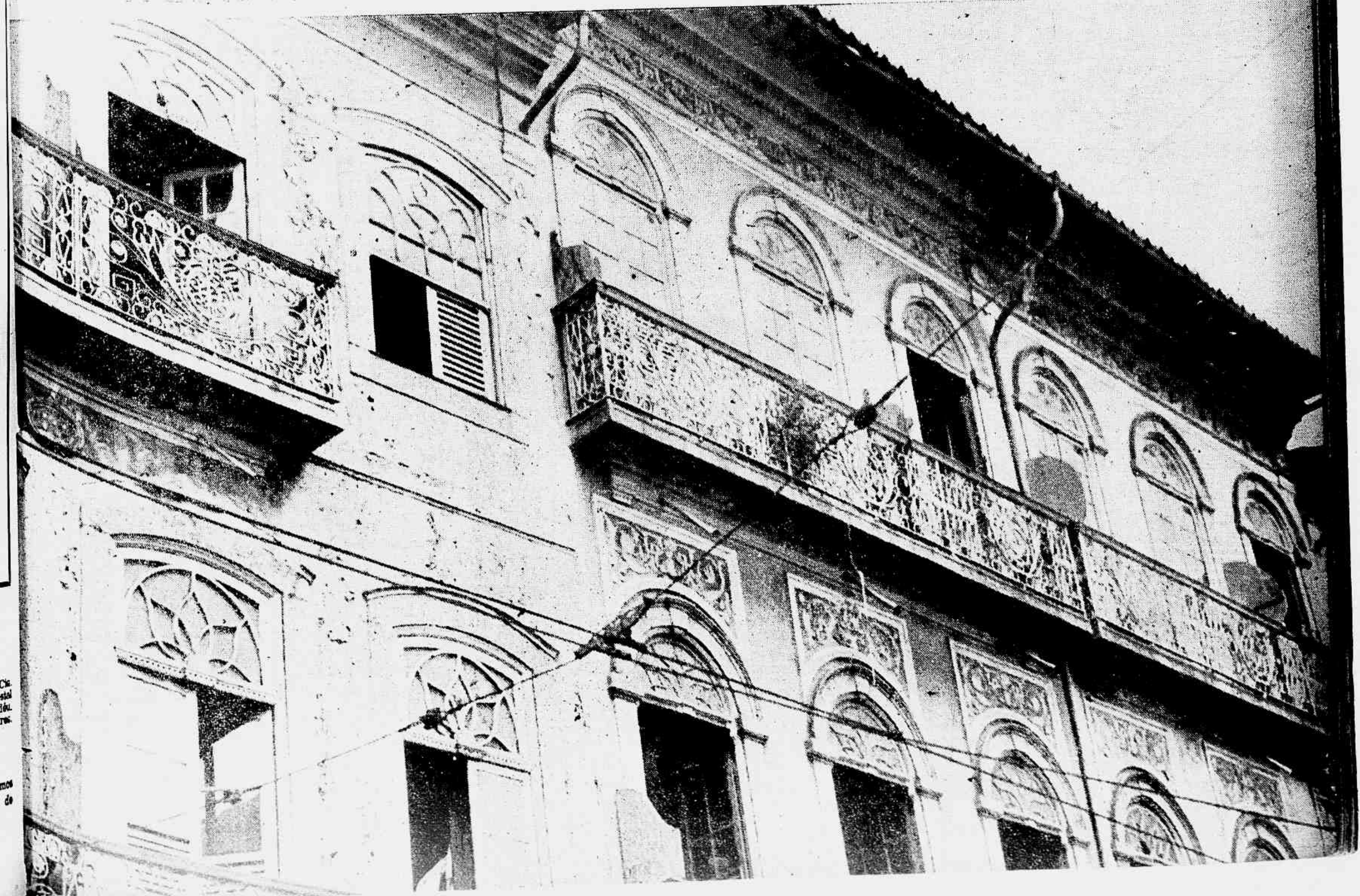
O RIO DE SOBRECASACA

Ficou, entretanto, perdido entre os arranha-céus e os "bungalows" um resto do Rio de sobrecasaca. Aparecem ainda hoje, aqui e ali, entre os focos de luz elétrica e os feixes dos faróis dos automóveis, velhos pedaços de uma cidade extinta, que a broca de ar comprimido e o T. N. T. perdoaram na sua fúria renovadora. São ruazinhas seculares que sobem entre o casario branco dos tempos de nossos tetravós. Aqui e ali um jardim gra-



MURALHAS DE CIMENTO — Aqui foi o morro do Castelo. Posta abaixo a elevação de terreno onde se situava a mais velha igreja do Rio, foram edificados no local os arranha-céus, que se estendem em longas muralhas ao longo das ruas asfaltadas.

TRES IRMÃOS BI-CENTENARIOS — Aqui estão três antiquíssimos sobrados, dos velhos tempos da Colônia, que ainda existem na rua do Lavradio, metidos entre as fachadas dos modernos prédios de cimento armado. Nas sacadas podemos ver as táboas que separam o espaço correspondente a cada moradia. Isto, no "tempo de dantes", evitava qualquer possibilidade de namoro chegado entre a sinhazinha de uma casa e o sinhô moço vizinho. Em dias de procissão enchiam-se êstes balcões de gente fina, pois estas casas eram então o que se podia fazer de mais "chic".



"SOU ÚTIL HA MAIS DE DUZENTOS ANOS" — Um garoto, trabalhado por Mestre Valentim, exhibe a sua famosa legenda há mais de dois séculos, aos que transitam pelo Passeio Público. Incontáveis gerações saciaram a sua sede neste chafariz. Hoje ele está quase esquecido, graças à água gelada dos modernos bebedouros.

deado com flôres, que já passaram da moda há mais de cem anos, nos traz saudades de um tempo que nunca vivemos, de coisas que não chegámos a conhecer. Mas se damos dois passos adiante um colapso de cimento corta a visão do passado. E logo depois, dobrada uma esquina, o século XVIII reaparece, sob a forma de um sobrado colonial, de telhado vermelho e azulejos no frontispício, as sacadas de grades em arabescos acenando para nós adeuses amigos. Assim é o Rio. Uma mistura de cenários velhos e modernos, uma miscelânea de arquiteturas desarmônicas, que o tempo foi lançando a esmo, entre montanhas e lagoas.

No centro da cidade um aglomerado simétrico de arranha-céus marca a sede de progresso, o ruído das perfuratrizes assinala a vida que se anima e se multiplica entre as marquises e as bate-estacas. A dois passos da Avenida encontramos porém velhas casas assobradadas de janelas rococó, onde as sinhazinhas pálidas, burlando a vigilância das mucamas espertas, vinham tôdas as tardes ver passar os seus elegantes namorados, repimpados no lombo de uma égua inglesa. Hoje as fachadas impassíveis dos velhos casarões coloniais vêem passar, com o mesmo ar impassível, os automóveis aerodinâmicos dos Romeus baratos, que procuram entre as portas de números encardidos aquela que assinala a morada da costureira morena que quer ir ao cinema.

Vamos pois aqui revelar, leitor, a existência desse Rio de sobrecasaca, que você (reconheça a sua ignorância) desconhecia, como a desconhecíamos nós até há pouco. Começamos pois a visita ao velho Rio de Janeiro calçado de lages e iluminado a querosene. Começamos pelo princípio — o princípio é o largo do Boticário, o logradouro mais velho da cidade e que ainda apresenta hoje a mesma cara que tinha nos tempos de sua meninice.

UMA PRAÇA ANCESTRAL

O largo do Boticário é um pequeno pátio pavimentado de lages, ligado ao beco do mesmo nome por uma velha ponte de granito que corta o rio Carioca, desembocando justamente no centro de uma de suas linhas divisórias, que é assinalada pela margem do canal por cujo leito corre o veio d'água, agora transformado num arróio insignificante, que cicia de encontro às pedras musgosas, descendo a custo por entre as samambaias e as avencas, até se meter no encanamento largo que o leva à praia do Flamengo. Tudo aqui é passado. O presente ficou lá fora, na rua Cosme Velho, donde nos chegam de vez em quando ecos do século XX, trazidos pelo ruído de um bonde "Águas Férreas", que sobe a ladeira penosamente.

Muito pouca gente conhece o largo do Boticário. E talvez todos desconheçam a delícia de uma hora passada aqui, no doce recolhimento dos anos perdidos no passado extinto, olhando de frente a imagem de uma era que os nossos pais não chegaram a viver, gozando a doce poesia destes muros e destas árvores que parecem fugidos do fundo de um laboratório de feiticeiro.

Ao meio dia, quando nenhum rumor quebra o silêncio melancólico de mosteiro que pesa sobre as fachadas estreitas das casas, a pequena praça, despida de canteiros e de enfeites, mostrando apenas, bem no centro do lagedo duro, um chafariz secular de pedra,

O CHAFARIZ DE HOJE — Em todos os cafés encontram-se hoje bebedouros automáticos como este, que nos dão água gelada a qualquer hora, bastando mover-se uma alavanca para conseguí-la. Estes aparelhos são os netos dos chafarizes que se espalhavam até os fins do século passado por toda a Cidade do Rio de Janeiro.





O "CAUDALOSO" CARIOCA — Aqui está o rio que deu nome à cidade. O seu curso é hoje quase todo subterrâneo. Mas ainda existem trechos onde podemos apreciá-lo em toda a sua "potencialidade", tais como este cuja foto conseguimos apanhar debaixo da ponte existente no largo do Boticário, o mais antigo logradouro público da Capital. As casas que dão o fundo para o "caudaloso" rio, são servidas por escadinhas de pedras. Cumprir aos nossos historiadores descobrir quais as funções destas escadas: descida para lavadeiras ou ancoradouro de pequenas embarcações? E' provável que o Carioca já tenha sido cortado por pequenas canoas. Hoje porém é apenas um fio d'água.

nos traz à alma uma tristeza imensa e nos põe no coração a poesia amargurada que evolva daquelas coisas mortas.

Foi a essa hora de recolhimento e mutismo que estivemos em visita ao velho largo e ali pudemos viver, dentro do centro urbano do Rio de Janeiro, quinze minutos de recordações e de saudades. O Carioca pobre e mirrado cantava nas pedras verdes um canto de desolação. Por uma escada de degraus limosos descemos ao seu leito. As paredes de pedras soltas que o cercam, estão aqui e ali enfeitadas por escadinhas de degraus salientes, talhados em lage escura, que descem dos fundos dos quintais das velhas casas solarengas da rua Cosme Velho. Talvez sejam estas escadas antigos ancoradouros, lembranças de uma era em que o rio que deu nome à cidade fôsse cruzado por pequenas embarcações. Ou talvez tenham sido apenas pontos de acesso das lavadeiras escravas ao curso do riacho. O fato é que ali ainda estão hoje as velhas escadinhas de lage, pondo uma nota pitoresca no pitoresco canal. Mas, como tudo o mais, está abandonado o velho canal do rio Carioca, que hoje serve apenas de depósito de lixo aos habitantes do largo do Boticário.

Subimos novamente a escada e entramos no velho recanto adormecido. Mais uma vez corremos a vista pelas fachadas das antigas vivendas que se enfileiram ao fundo. Em tudo a mesma calma. Os portões gradeados conservavam-se fechados com cadeados de dois séculos. Não estranharíamos se de repente aparecesse a uma sacada uma donzela de saia-balão. De uma das casas vinha uma melodia antiquíssima, tirada de um piano saudoso. Mas de súbito a busina de um automó-

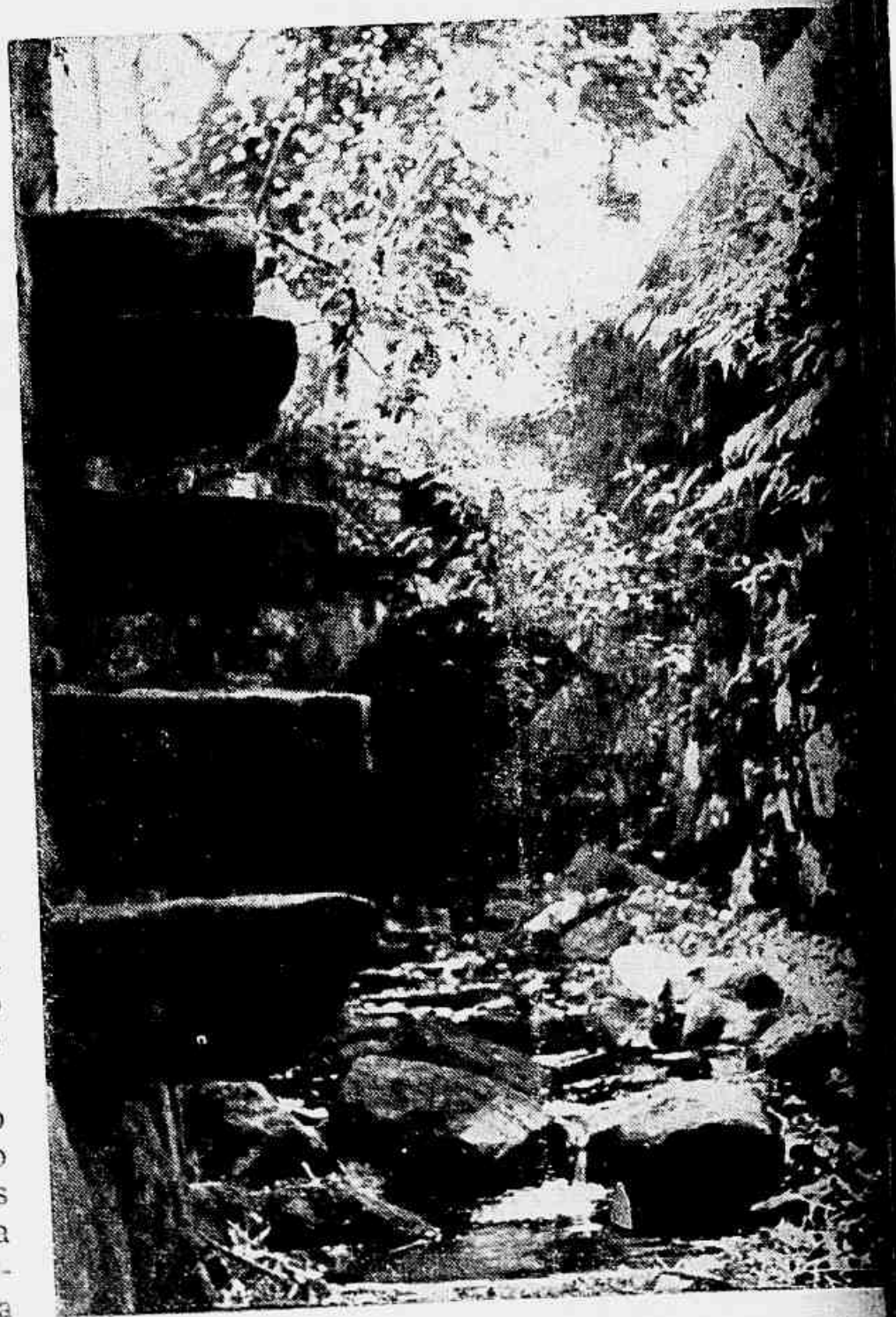
vel que entrava cortou a invasão do passado. O largo se transformou como por encanto. Era agora apenas uma pequena praça, original é certo, mas uma praça do Rio de Janeiro de hoje, um ponto de estacionamento de automóveis cercado por casas coloniais.

DOIS SÉCULOS PAREDE-MEIA

Fora, na rua Cosme Velho, ainda conseguimos encontrar alguns retalhos daquele velho Rio, do qual o largo do Boticário é a mais perfeita fotografia. Casas velhíssimas teimam em permanecer de pé entre os edifícios de apartamentos. Vemos muitas vezes, naquela rua tradicional, um prédio de dez andares levantando ao céu sua estrutura de cimento armado entre os jardins de dois palacetes do princípio do século XIX. E pelas alamedas por onde passearam os dragões do Imperador em noites de gala, hoje correm os automóveis dos grandes industriais cujas fortunas foram comprando solares e títulos por atacado à velha nobreza adventícia dos tempos do segundo império. A rua Cosme Velho foi assim se modificando aos poucos, parcela por parcela, casa por casa, quarteirão por quarteirão. Mas nem tudo veio abaixo. Aqui e ali, velhas paredes avós aparecem no alinhamento dos "bungalaws" modernos, como gritos de revolta indignados contra a idade do concreto.

De todos êsses aspectos da velha rua o mais interessante é sem dúvida o apresentado por uma velhíssima residência de batentes de granito e grades no jardim, que se junta estreitamente com uma casa moderna, coberta de pé de pedra, num abraço de avô para

OUTRA VISÃO DO CARIOCA — Do largo do Boticário desce para o leito do rio Carioca uma escada velhíssima, de lages cobertas de limo. Descendo por ela conseguimos ver este pitoresco aspecto do riacho. Ao fundo, a ponte que liga o velho largo à rua Cosme Velho.





NO LARGO DO BOTICARIO — Os automóveis estacionados aqui são como lâmpadas elétricas que se colocassem num castelo mal-assombrado. Tudo aqui nos lembra os velhos tempos da Colônia. Se aparecesse de repente em algumas destas sacadas a imagem de uma donzela romântica de sala-baile, não nos surpreenderíamos. A própria mangueira que ensombrêce o largo, parece ter sido plantada por algum jardineiro do tempo de D. João VI. Ao centro um chafariz secular, agora seco.

TRAVESSA DE MANUEL LEBRAO — Em homenagem ao dono da tradicional Confeitaria Colombo, que ali residiu, esta velhíssima travessa de Santa Teresa ganhou o seu nome. Para subirmos a ladeira, fomos obrigados a praticar prodígios de alpinismo. No entanto muita gente transita diariamente por esta arteria, que corta em dois pontos a rua Candido Mendes.



neta. Este amplexo das duas casas, que simbolizam muito bem dois séculos diversos, caracteriza a rua Cosme Velho, a via pública que maior contraste de linhas arquitetônicas apresenta dentro do Rio de Janeiro. São elas essas duas casas, a própria imagem do Rio, elas nos mostram a cidade nova florescendo ao lado da cidade velha, impetuosa e impulsiva, procurando a todo transe vencê-la e anulá-la, enquanto a outra se defende, tentando com as suas minguadas forças deter o avanço destruidor e construtivo da força edificadora do progresso.

Sim, as duas casas da rua Cosme Velho são bem o retrato dessa luta — dois séculos parede-mela. Um tentando vencer, outro querendo resistir.

O MORRO VENCIDO

Voltemos agora ao centro da cidade: aqui outrora existiu o morro do Castelo. A cidade recém-nascida estendia-se aos seus pés, serpenteando pela margem da baía. Vias tortuosas e becos escuros circundavam a elevação, em cujo topo a igreja do padroeiro da "turba" nova era o marco da edificação da comunidade portuguesa. Foram surgindo por entre os outros bairros. Aqui e ali cabanas de pescadores e casebres de lenheiros iam sendo substituídos por casarões de pau a pique. Outras ruas nasciam. Um arquipélago de casinhas foi surgindo em volta da Guanabara e se aprofundando pelas florestas e montanhas. O Rio Comprido e a Tijuca apareceram no alto, para lá do morro de Santa Teresa, nos planaltos elevados. Cobriu-se uma lagoa e apareceu Botafogo. Derrubou-se uma floresta e São Cristóvão surgiu.

No entanto, com a cidade a crescer vertiginosamente em torno de suas falhas, o morro do Castelo dominava o casario branco, alaranjado e multicolorido, com a coroa da igreja velha enroscando o seu cabeça heróico.

E todos julgavam que ali permaneceria

A LATERAL DO BURACÃO — Um jardineiro, que parece ter vindo de uma freguesia vizinha, está a trabalhar na lateral do buracão, que se encontra a cinco minutos da cidade.

A CINCO MINUTOS
DA AVENIDA
RIO BRANCO





MODERNISMO — Aqui está, entre outros arranha-céus, o edifício do Ministério da Educação, a obra de arquitetura de linhas mais arrojadadas que se têm erguido no Rio de Janeiro. Este é o ponto máximo do modernismo na Cidade Maravilhosa.

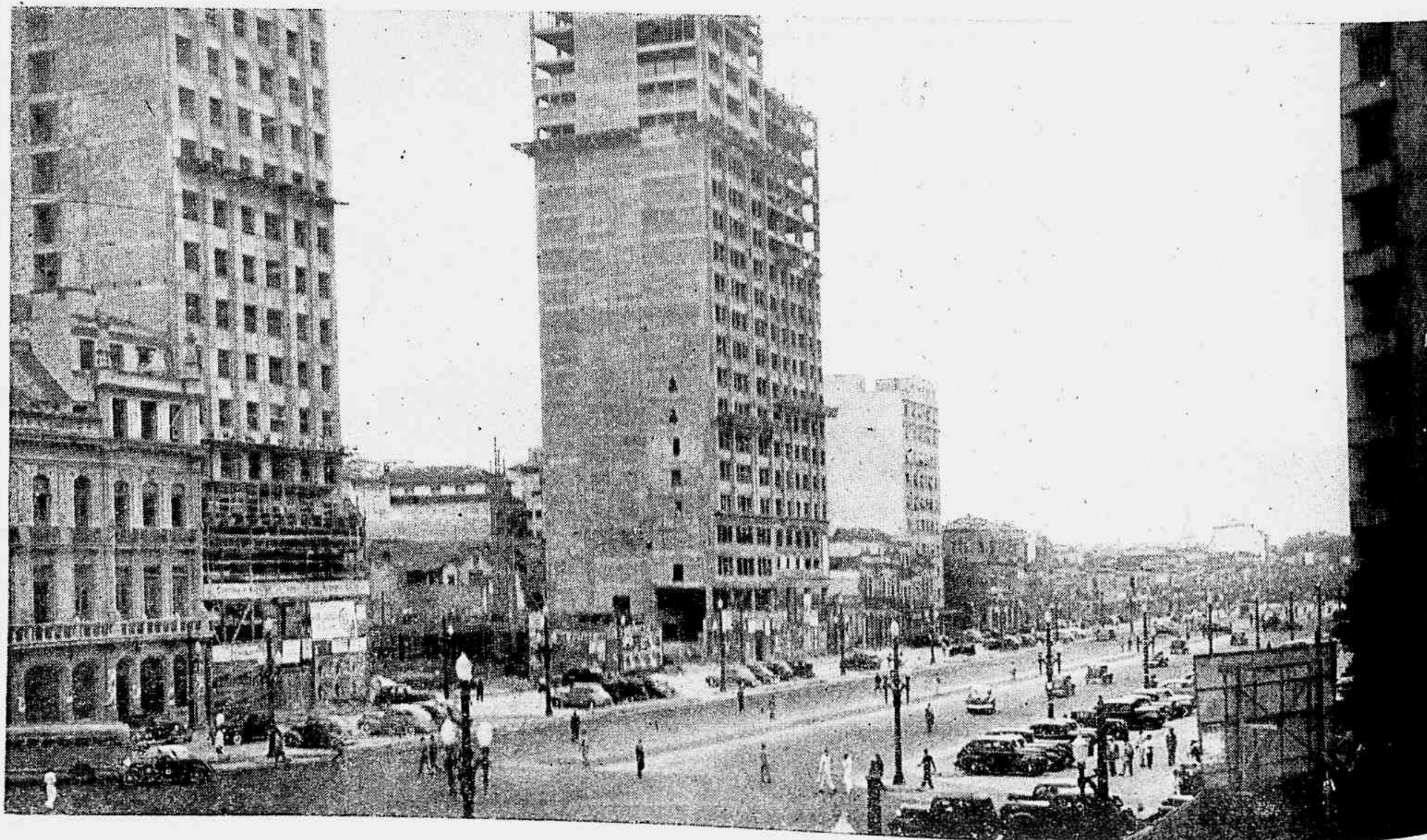
a igreja, para todo o sempre, dominando a cidade enquanto esta existisse.

Mas não. A força hidráulica, em rajadas

impetuosas, pôs um dia por terra o morro tradicional. A cidade precisava de espaço para os seus colossos de cimento armado. O morro

do Castelo era um empecilho ao progresso, uma tradição inútil que barrava a chegada do progresso à praia das Virtudes.

CONCRETO — Aspecto da avenida Presidente Vargas, feito em hora de tráfego reduzido. Esta é a mais larga pista de concreto da Cidade e se estende por mais de três quilômetros. São extremos, em todas as dimensões: esta avenida e o beco das Cancelas.



E onde um dia se erguera o primeiro marco da cidade infante, nada mais restou que uma esplanada seca, onde começaram a nascer como cogumelos os arranha-céus portentosos. As ruas retas se estenderam em retângulos regulares por toda a extensão da baixada plana. Ficaram porém, de um lado e de outro, dois pedaços de morro, como uma lembrança dos velhos tempos de sua glória. E esses dois montículos de terra vermelha parecem falar aos que passam: "Ainda existo. Eu sou o morro do Castelo". Mas as suas massas insignificantes estão sumidas entre os arranha-céus.

EM FRENTE AO VELHO PAÇO

Descendo pela rua São José, também ladeada de velhos sobrados, onde residiram no século passado os representantes da burguesia colonizadora, vamos ter à praça 15, onde tudo é velho também, menos o Entrepósito de Pesca. O próprio edifício da Cantareira e as barcas que ali atracam parecem também surgir de um passado remoto, quando a navegação marítima ainda era comandada pelas rodas centrais, vovós pre-históricas das modernas hélices.

No centro da praça, ainda lá está o velho chafariz, onde as mestiças bonitas iam buscar a água para os banhos periódicos dos patrões lusos, proprietários dos empórios e das casas de atacado que cobriam todo o centro da cidade e chegavam até perto da Saúde. Agora o chafariz está seco, mas ainda ali se encontram as suas pedras seculares, como um velho canhão imprestável guardado numa sala de museu.

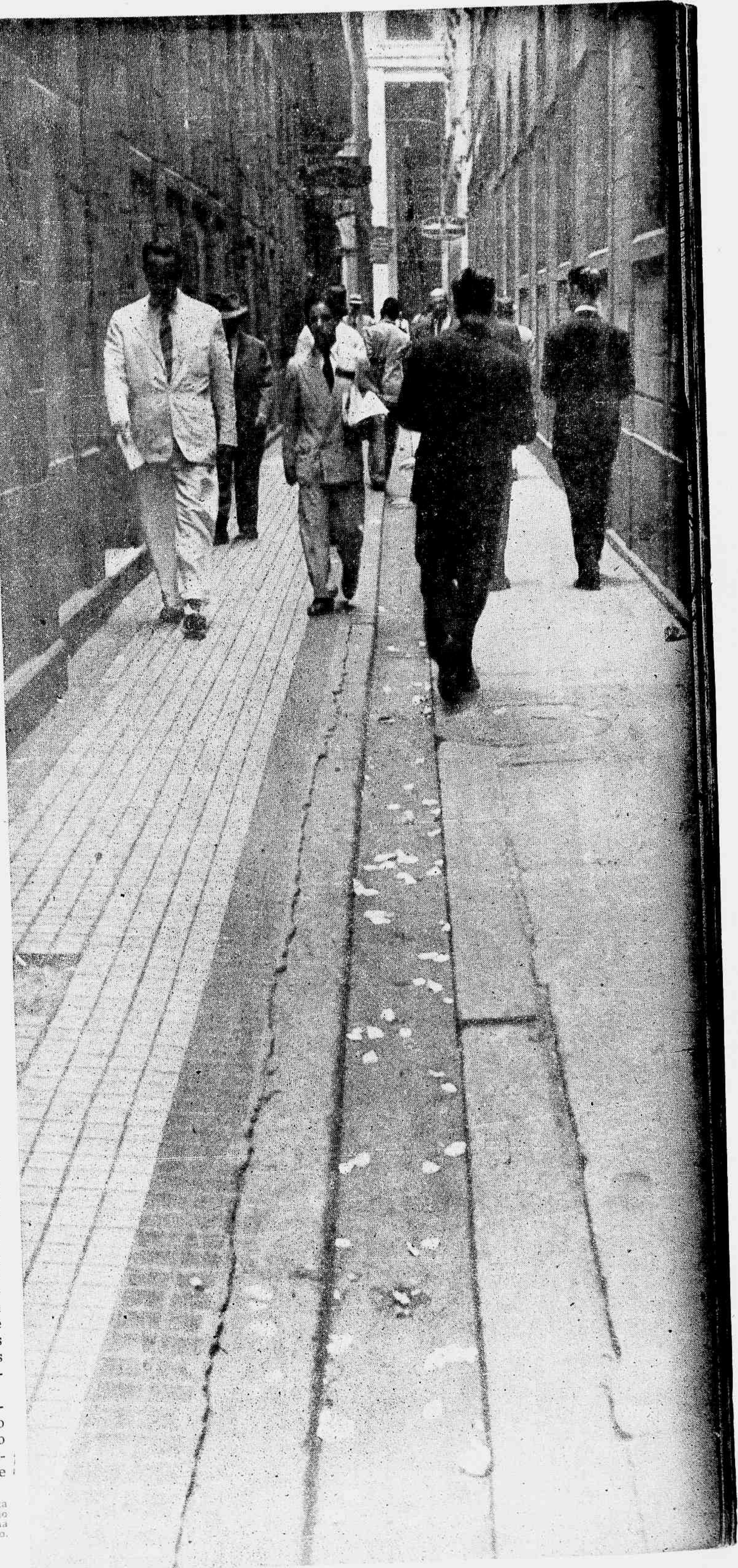
O que há porém de mais velho em toda a praça 15, é a travessa do Comércio, uma rua que parece tirada do extremo norte da cidade de Toledo. A influência espanhola de sua arquitetura uniforme mostra-se nas fachadas de todas as casas e aparece sobretudo no arco que marca a sua entrada, o famoso arco do Teles.

É um passadiço de dois andares, velho de infinitos anos, mal trabalhado em pau a pique e tabatinga, enfeitado por janelinhas coloniais. Nas frisas do teto abobadado, arcadas de granito áspero mostram a influência moura da arquitetura espanhola e portuguesa do século XVIII. Entrando pela praça 15 passamos sob o arco e fomos cair na travessa do Comércio, uma passagem estreita que ficou dos bons tempos em que as guitarras tristes choravam na penumbra saudades das cidades lusas.

Várias firmas construtoras estão interessadas hoje na reforma da travessa do Comércio, pretendendo erguer ali arranha-céus magníficos, mais próprios ao século e ao lucro. Mas a viela tem resistido. Nos seus muros, onde com certeza se escreveram dizeres reclamando a independência do Brasil, estão colados cartazes políticos da resente campanha eleitoral. E o arco do Teles ainda lá está, um pobre passadiço de um beco pobre, mas no entanto tão rico de recordações dentro de sua simplicidade e de sua modéstia.

Mesmo à hora de maior movimento, quando os comerciantes se dirigem em bando às pensões vizinhas para a "bóia" terrível de Cr\$ 3,50, o arco do Teles é todo silêncio e poesia. Nas janelas abertas cantam canários em gaiolas toscas. Mais acima uma velha bate um tapete, cantando um fado saudosos. E as colchas multicoloridas se penduram ao sol nos parapeitos, como nos dias saudosos das procições do Senhor dos Passos.

Ninguém diria, dentro da travessa do Comércio, que estaria no Rio, em pleno século XX, se não chegasse até lá a mensagem do progresso. Mas dentro da paisagem do passado colonial businam caminhões de lixo, e



VINTE E CINCO CENTIMETROS — A composição desta legenda, posta em linha corrida, talvez exceda em tamanho a largura da "plata" do beco das Cancelas, que se vê na gravura. Ela mede em realidade pouco mais de um palmo.

dos gigantescos veículos negros musculosos retiram caixotes de cerveja preta que vão sendo devorados com rapidez pela porta trazeira de um botequim da praça-15.

CAMINHO DE PEDRAS

Quando se fala em Rio antigo não podemos nunca nos esquecer do morro de Santa Teresa, onde a aristocracia dos dois impérios levantou os bairros mais belos e pitorescos da cidade. Ali ainda hoje se encontram palácios magníficos edificadas dentro de parques riquíssimos, onde outrora, nos tanques de borda de mármore, nadavam cisnes alvos. Sobrados solarengos lançam suas sombras sobre as ruas velhíssimas. Hoje, onde residiram outrora ouvidores e generais, moram famílias miseráveis, em quartos divididos por tabiques, na comunhão horripilante das casas de cômodos.

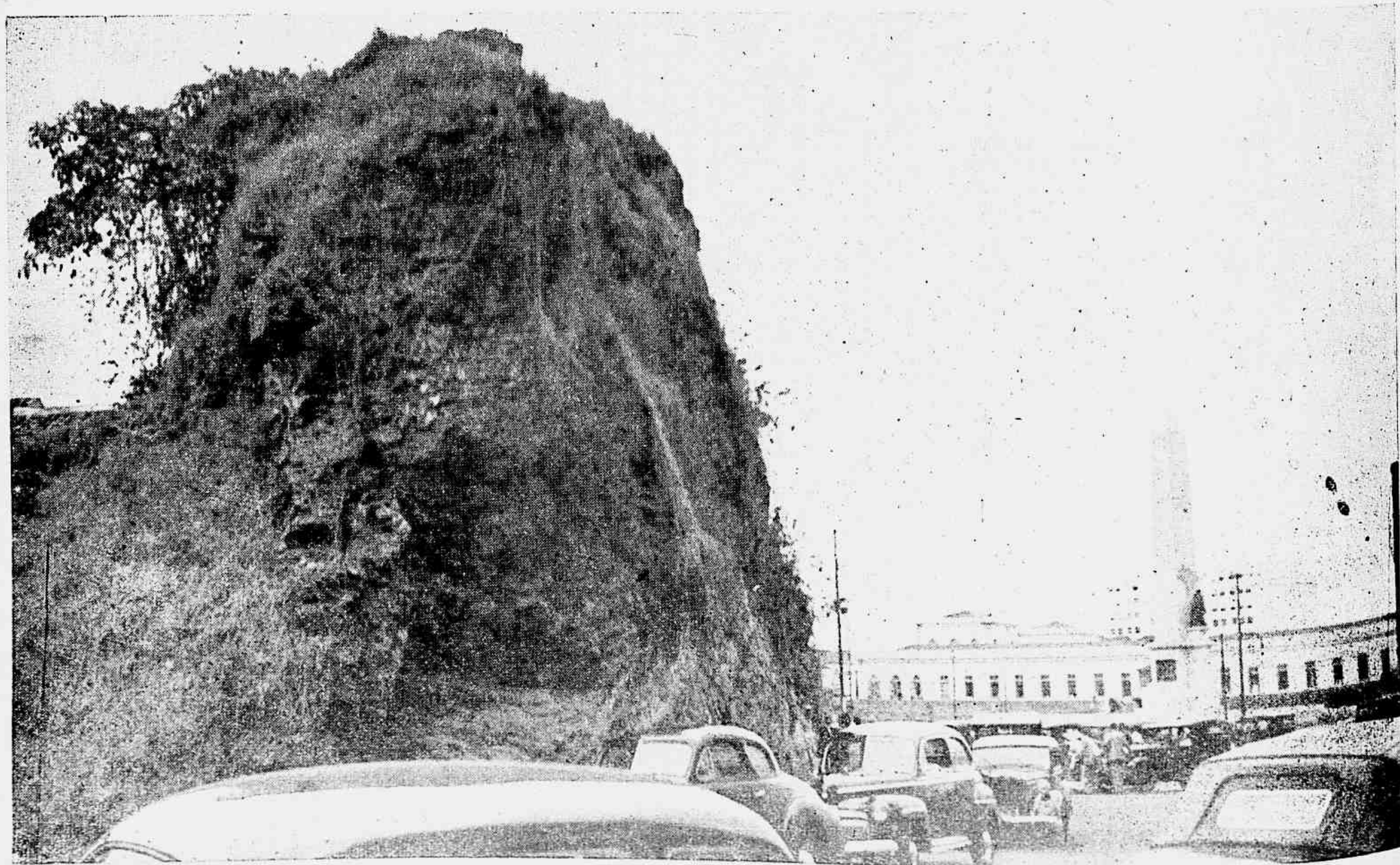
Mas, lado a lado com esses cortiços imundos onde campeam a fome e a desolação, erguem-se ainda os velhos palacetes de Santa Teresa, com brasões nas portas seculares e rosas chinesas nos jardins senhoriais.

Não precisamos ir muito longe para ver as velhas maravilhas do morro de Santa Teresa. Subindo pela rua Candido Mendes vamos ter à travessa do Cassiano, uma ladeira íngreme e estreita que parte da Glória para o alto do morro, mal traçada e mal iluminada, mostrando aqui e ali ilhas de terra vermelha entre as pedras negras e grandes de sua pavimentação em ruína. Sobre os muros esverdeados pelo tempo e pelas chuvas aparecem trepadeiras floridas. Para se subir a ladeira é mister praticar prodígios de alpinismo, pois os buracos e valas cortam a cada momento o caminho, barrando o acesso dos transeuntes. Chegado porém ao alto, o curioso vê que o trabalho valheu a pena.

Lá em baixo a cidade se estende maravilhosa e febril. Na faixa da avenida Beira-Mar, que se avista entre os telhados escuros, os automóveis passam em velocidade, na ânsia do trabalho e na conquista do progresso. Aqui entretanto a calma é completa. Os sobrados, batidos pelo sol da tarde, parecem trocar reminiscências em voz melancólica.

A TRAVESSA DO COMÉRCIO — Aqui está a travessa do Comércio, um dos aspectos mais característicos que nos ficou do Rio Colonial. Vê-se ao fundo o célebre arco do Teles e, em primeiro plano, aparece um caminhão, que estacionava no local ao ser feita esta foto. De quando em quando a fisionomia da secular travessa é prejudicada pela presença desses veículos.

O QUE RESTA DO MORRO DO CASTELO — O morro do Castelo está hoje reduzido à expressão mais simples. Apenas este pobre pedaço de terra vermelha assinala o lugar onde se ergueu o majestoso monte, no topo do qual estava edificada a igreja mais antiga do Rio de Janeiro. Derrubaram o morro e plantaram arranha-céus em seu lugar. Mas ficou, por descuido ou por piedade, esta pontinha de elevação, localizada junto à praça Rio Branco, constatando com os edifícios e monumentos de cimento armado, que se erguem orgulhosamente acima de sua crista.





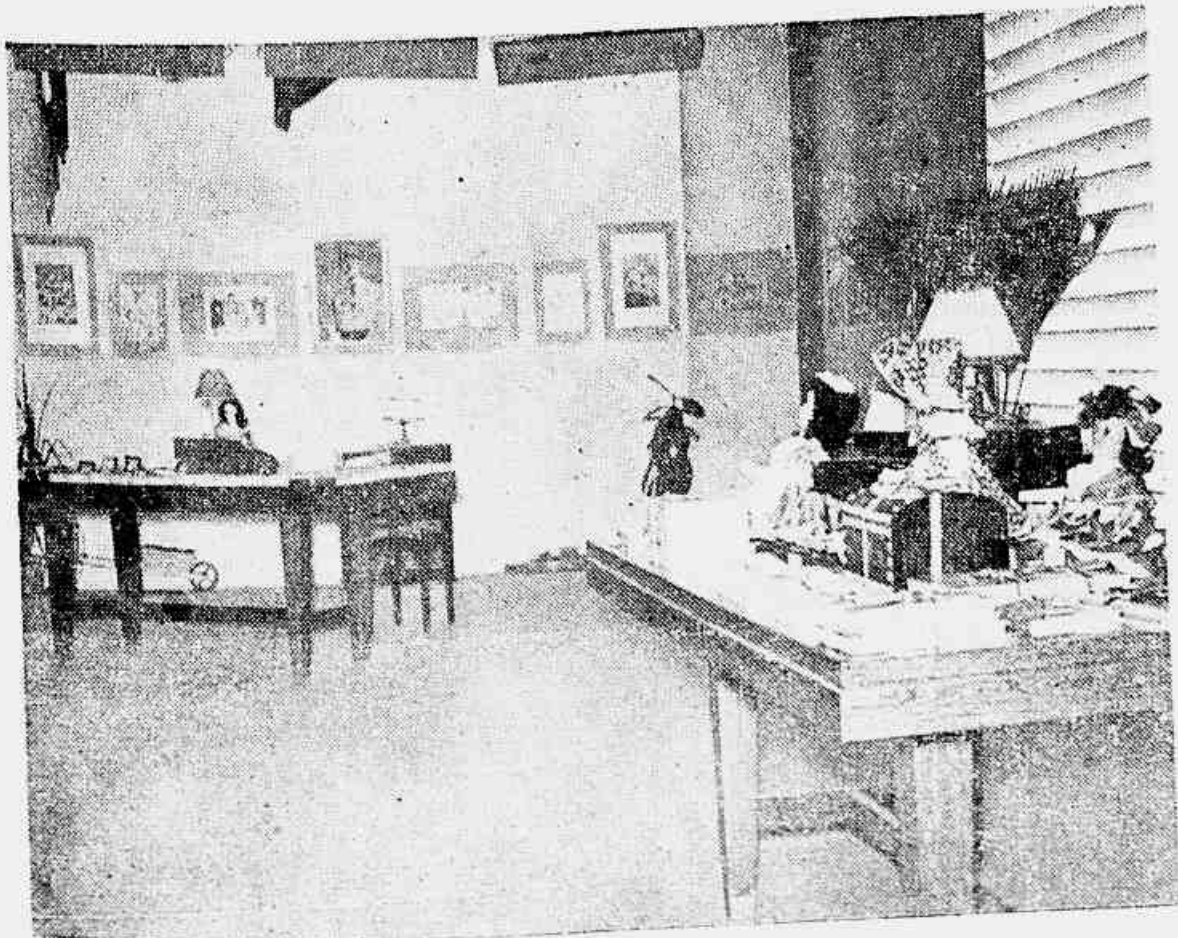
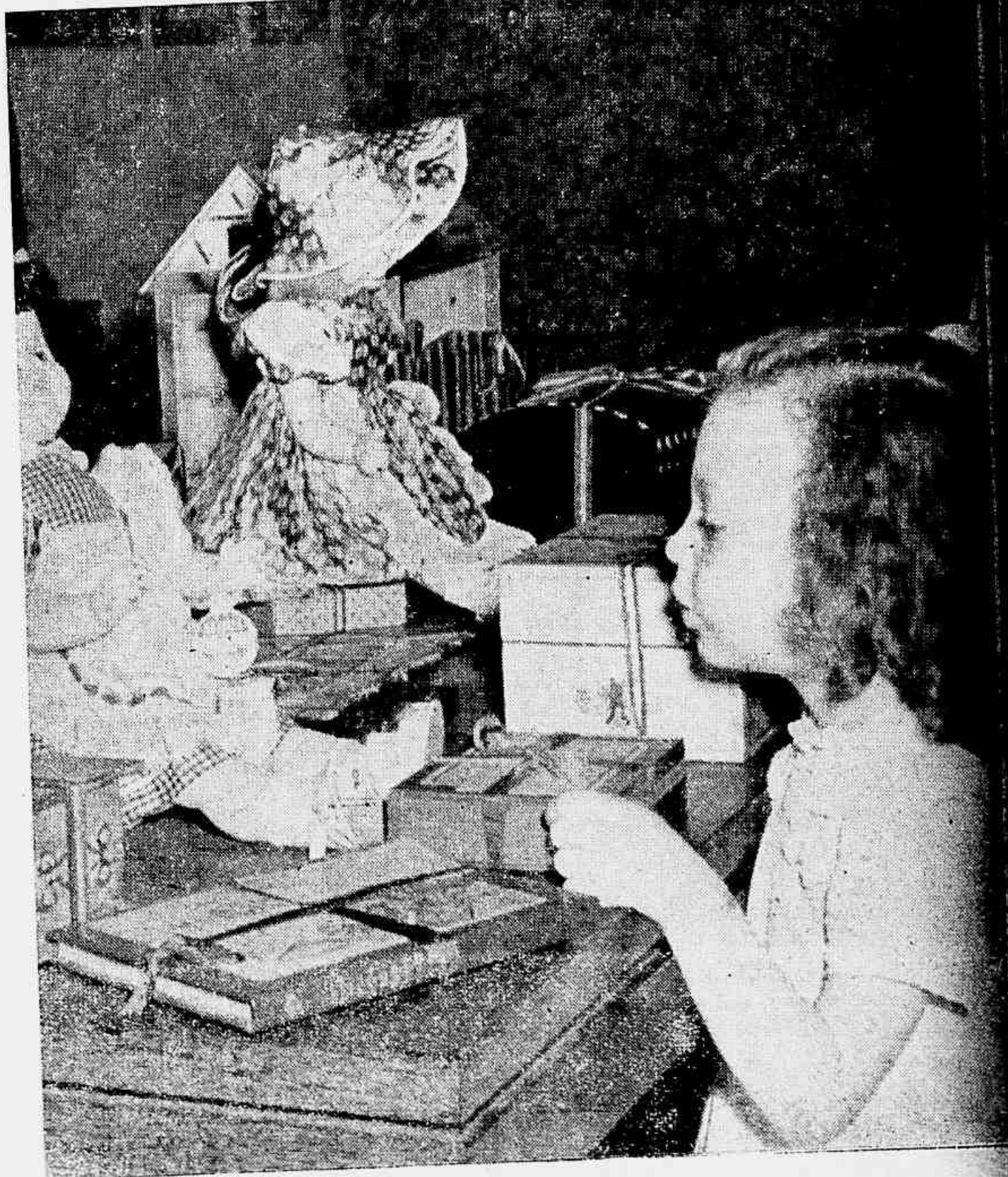
Nas paredes, os trabalhos apresentados pelos colegiais, interessantes e eloquentes manifestações de talento infantil, traduzindo o aspecto pelo qual as nossas crianças apreciaram, a distância, longe do perigo da guerra mas ainda assim acompanhando de coração e alma o drama das outras crianças, — a libertação da Cidade-Luz. Nas mesas os prêmios do concurso, examinados por dois pequenos candidatos.

COMO VÊ VOCÊ PARIS LIBERTADA?

Foi um empreendimento muito bem sucedido e louvável sob todos os pontos de vista, esse a que o Rio assistiu agora, do concurso de cartazes promovido pela poetisa Beatrix Reynal, sob os auspícios da sra. Embaixatriz da França. Centenas de pequenos colegiais deram largas à sua inspiração, traduzindo no papel, em sugestivas e bizarras alegorias, o pensamento próprio com relação à libertação de Paris. Os prêmios oferecidos à petizada eram tentadores. A exposição, aberta em uma dependência do palácio do Ministério da Educação, fez afluir desde os primeiros dias grande quantidade de público, e os trabalhos das crianças brasileiras mereceram aplausos pelas idéias e pelas execuções. De tudo isso irradiava um ambiente de solidariedade espiritual à nobre causa da França, que uma vez mais sofreu entregue à sanha do inimigo histórico, mas que também, mais uma vez, dele se libertou com heroísmo e bravura. Foi, sem dúvida, um capítulo brilhante e sugestivo da temporada de 1945, a exposição "Como vê você Paris libertada?".

Outro aspecto da exposição promovida pela poetisa Beatrix Reynal, sob o patrocínio da sra. Embaixatriz da França, empreendimento de nobre e acentuado cunho artístico, que também serviu de estímulo para a manifestação de muitos e engenhosos pendores das crianças brasileiras e do seu aprêzo pela França.

Esta pequena candidata mostra-se visivelmente interessada pela boneca francesa que talvez lhe tenha caído por sorte. A petizada carioca, os escolares dos nossos estabelecimentos de ensino, movimentaram-se com entusiasmo e alegria, associando-se desde os primeiros momentos à louvável iniciativa realizada nos últimos dias de outubro.



Os grandes concursos literários da "Revista da Semana"

TERMINA DIA 30 O PRAZO PARA RECEBIMENTO DAS PEÇAS E ROMANCES — DE SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, RECIFE E NATAL CHEGAM-NOS ORIGINAIS DE PEÇAS DE TEATRO — GRANDE O INTERESSE DOS ESTADOS — O CONCURSO DE CONTOS PROSSEGUE ATÉ 31 DE DEZEMBRO

Continuam a alcançar pleno sucesso em todos os meios literário do País os três grandes concursos estabelecidos pela REVISTA DA SEMANA, com o principal objetivo de incentivar os valores novos e premiar as verdadeiras vocações. Tanto o concurso de contos como o de romances e de peças teatrais têm atraído a atenção de quantos, desejosos de se iniciarem na literatura, nunca antes encontraram uma oportunidade análoga, que lhes abrisse de par em par as portas da popularidade.

O nosso concurso permanente de contos, que tem como patrono o saudoso jornalista Aureliano Machado, que durante muitos anos dirigiu a REVISTA DA SEMANA e a quem a pioneira das publicações ilustradas brasileiras deve em grande parte o prestígio de que hoje goza no conceito público, tem sido uma oportunidade da qual se valeram muitos jovens para se fazerem lidos. A primeira apuração desse certame, que tem caráter permanente, foi mais uma vitória para o já grande cartel de nosso semanário. Agora, começam a nos chegar às mãos os

originais de contos destinados à segunda seleção, a ter lugar no dia 2 de janeiro de 1946, na redação da REVISTA DA SEMANA.

O "Prêmio Apolônia Pinto" tem sido também outro motivo de grande interesse por parte dos intelectuais novos, que vêem nesse magnífico certame, que lhes faculta a quantia de Cr\$ 10.000,00 em sua estréia, um justo prêmio ao seu labor e à sua inteligência.

Assim como os outros, o concurso de romances. Dando aos novos uma magnífica oportunidade de lançar o seu livro de estréia, o "Prêmio REVISTA DA SEMANA" é um grande estímulo a quantos queiram se iniciar na difícil e espinhosa carreira de romancista.

Esses concursos são mais um motivo de orgulho para nós, porquanto vemos hoje que eles alcançaram plenamente os seus objetivos, e foram compreendidos por todos os nossos leitores os nossos intentos e o nosso trabalho.

BASES DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

(2.ª apuração)

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de dez contos literários, que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado

- 1) O prazo para o segundo concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de dezembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados, em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, enredo, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos de autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminada o prazo de segundo trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficam de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono e antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 2 de janeiro de 1946, será iniciado o 3.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

AVISO IMPORTANTE

Requisitos das pessoas que queiram concorrer à segunda apuração do nosso concurso de contos, o obsequio de quando trouxerem pessoalmente os seus originais, entregando-os diretamente ao sr. Celestino Silveira, ou a um redator desta Revista, na sede da mesma, à rua Visconde de Maranguape, 15 — 1.ª andar, para evitar possíveis extravios.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr\$ 10.000,00 para o primeiro classificado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 1.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "Prêmio Apolônia Pinto", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patronato do Clube Ginástico

Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros quer tenham ou não peças representadas.

- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.
- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representante da REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais; Flávio Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) consistirem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo e de duzentas e cinquenta laudas técnicas, no máximo;
- 3) Respostas às condições do 1.º item, não entendo que os temas possam obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico a que virá anexa ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda e do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1945.



— Não foi suicídio — disse O'Malley, calmamente.

— O que?

Pulei na cadeira, espantado.

— Disse que não foi suicídio.

— Como sabe?

— Palpite.

Ri, gostosamente.

— Mais um dos seus palpites.

— Meus palpites, em geral, não dão certo?

O argumento não deixava de ter valor, mas eu estava demasiado seguro da minha opinião para convencer-me.

— Um dia é da caça, outro do caçador.

O'Malley olhou para mim com ar irônico.

— Que quer dizer com isso?

— Simplesmente que você sempre está certo. Que os seus palpites são verdadeiras profecias. Mas que desta vez, para confirmar a regra (sublinhei a observação com um sorriso frio), você está errado. Eis a exceção.

— Vale uma aposta?

— O'Malley, meu caro amigo, não quero roubar seu dinheiro, mas já que insiste...

Ele riu:

— Mil dólares?

— Uma bagatela!
— Mas acontece que eu também não quero roubar o seu dinheiro.
— Agradeço a louvável intenção e aceito o desafio.
— Magnífico.
— Quando começamos?
— Agora mesmo.
— Qual é o primeiro passo?
— Você vai recapitular o caso.
— Um pequeno resumo?
— Pelo contrário. Um longo relatório. Todos os detalhes.
— As suas ordens.
— Sou todo ouvidos.
— Bem, na noite de 15 de fevereiro, a atriz Evelyn Adams estava sozinha, no seu apartamento, quando tocou a campainha...

★

— Lovering! Você por aqui!
— Posso entrar, Evelyn?
— Claro.
Ela levou-o para a sala.
— Sente-se.
— Evelyn, eu vim aqui porque...
— Não me diga que veio repetir sua proposta.

— N...não.

— Uma visita de cortezia? Para matar saudades?

— N...não.

— De que se trata?

A voz dela estava pouco firme. Estaria aborecida? Queria fazer uma **outra** proposta.

— Lovering, eu já lhe disse que...

— **Outra proposta** — interrompeu êle.

Ela acomodou-se na poltrona com um suspiro.

— Diga.

— Você precisa de um emprêgo, não é verdade?

— Sim.

— Urgentemente.

— Sim.

— Pois bem. Dou-lhe o emprêgo.

— Em troca de que?

— De nada.

Ela riu sem vontade.

— Meu caro Lovering, eu não sou assim tão ingênua.

— Em troca de... nada, repito.

— Súbita generosidade?

— Não. Ataque de consciência.

Ela riu.

— Não sei se acredite...

— Você riu, mas sem vontade. Perturbou-a a novidade?

— Confesso que sim.

— Promete pensar no assunto?

— Meu caro Lovering, não estou em condições de "pensar no assunto". Quando você se aproveitou da minha horrível situação para fazer uma proposta inaceitável, eu repeli imediatamente o oferecimento. Agora, dados os novos termos, aceito agradecida.

★

O'Malley ouvia, em silêncio, meu relatório. De acôrdo com o testemunho de Lovering, portanto, êle foi ao apartamento de Evelyn Adams para oferecer-lhe um emprêgo, de que ela necessitava.

A CARTA

CONTO DE

WILLIAM MAC HARG



— Sim.

— Quem corrobora isso?

— Não há corroboração.

— Hum... A que horas êle saiu de lá?

— À meia noite.

— Ainda segundo seu testemunho?

— Sim.

— Alguém o viu sair?

— Ninguém...

— Hum... Que aconteceu mais?

★

A polícia encontrou o corpo caído num canto com um revólver na mão. Havia uma carta de despedida.

"Isso não pode continuar assim. Adeus."

— Somente isso?

— E uma lista de canções.

— A caligrafia da carta era a mesma da lista?

— Sim.

O'Malley pediu a carta e a lista.

— Mais alguma coisa?

— A atriz não era casada?

(Continua na pág. 49)

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁPRA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Coum Cabeludo

M U S I C A

SÔBRE MÚSICA BRASILEIRA

Jennie Tourel conquistou o público carioca em sua "round". Seu primeiro triunfo na música de câmara repatriou-se esse ano, na época da despedida de vários propagandistas musicais, que acreditavam que a cantora das tumbas parisienses ia expandir o bafo da grande representação do teatro francês.

Não é recente a amizade de Jennie pela música brasileira. Um de nossos maiores compositores vivos, o paulista Camargo Guarnieri, em visita aos Estados Unidos, contou de que uma encenação a intérprete ideal para os seus câmples quando ouviu Jennie Tourel com a Sinfonia de Boston, precisamente um mês antes da data marcada para um concerto no qual ele apresentaria uma série de composições suas. Um câmplo a cantora foi escolhido com entusiasmo. Poucos ventos a obrigam de aprender tantos câmples num prazo tão curto. Depois de uma nota de trabalho com Jennie, porém, Camargo Guarnieri não continua mais a sua câmpção. Não somente ela compreendera perfeitamente os câmples como cantava em português como uma brasileira, o que é bem difícil para quem tem uma pronúncia tão cuidadosa.

Jennie Tourel sempre se interessou pela música brasileira, pelos artistas brasileiros. É amigo de Villa Lobos, admirador de Camargo Guarnieri e Francisco Mignone, que a acompanhou na sua primeira série de recitais entre nós. Além disso, mantém relações cordiais com um sem número de artistas nossos, que suficientemente admira e de quem se faz propagandista esmerada. Por conselho de sua primeira visita ao Brasil teve oportunidade de cantar a "Carmen" com Charles Kullman e Alice Ribeiro. Vivamente impressionada pela beleza da voz e pela técnica extraordinária da nossa patriota, foi procurada para dar o seu câmplo de câmplo e admiradora.

Dos Estados Unidos chegou agora, especialmente para a REVISTA DA SEMANA, algumas considerações sobre a música brasileira feitas por Jennie.

"Estudando a música brasileira, que inclui em quase todos os meus recitais, não posso deixar de admitir a fusão do câmplo mental dos compositores com o câmplo e o ritmo de seu povo, que nos permite identificar imediatamente, na primeira audição, os compositores brasileiros. Esta forte característica da música brasileira, conquistada a custa de muitas experiências falhadas, dá aos compositores brasileiros uma íntegra superioridade sobre os americanos, sob esse aspecto, na música erudita, especialmente nos câmples."

É com grande prazer que registramos aqui a opinião de Jennie, que estudou cuidadosamente a nossa música, chegando a uma conclusão tão favorável.

Roberto Lyra Filho

NOTICIÁRIO

Realizou-se quarta-feira 7, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, um concerto da cantora Delvaír Silva, que interpretou, entre outras câmples, as "Poemas Árticos" de Sylvia Moreaux, musicados por J. Otaviano. Figurava também no programa uma câmplo de câmplo de Delvaír, muito aplaudida pelo público seletos que se reuniu no pequeno salão.

DELVAIR SILVA, que recentemente deu um excelente concerto no auditório da A. B. I.



Hidrex

ELEGANTE,
PRÁTICO E
ECONÔMICO

★
FUNCIONAMENTO
GARANTIDO
POR CINCO ANOS

★
O CHUVEIRO
"HIDREX" É O
COMPLEMENTO
DO BANHEIRO
MODERNO



O CHUVEIRO ELETRICO
QUE NÃO FALHA!



VENDAS COM GRANDES FACILIDADES PELA
"SERVE" Ltda.
 LARGO DA CARIOCA, 5 - S. S. 7 - FONE 42-9301

A "SERVE" PODERÁ
 FORNECER TODOS OS
 APARELHOS ELÉTRICOS
 INSTALAÇÕES E REPARAÇÕES

C I N E M A

"ALMA RUSSA"

Será precipitado qualquer juízo menos favorável em relação ao filme de Paul Muni estreado esta semana pela Columbia. O que aconteceu com "Alma Russa" não é tanto o fato de ser um filme fraco; pelo contrário, se há história fortíssima, por vezes mesmo violenta, é a novela russa "Polyeda", de onde se extraiu esse espetáculo. E se o público desejar uma forte dose de emoções, permanecendo minutos e minutos sob um "suspense" que se diria interminável, então não deve perder "Alma Russa". Mesmo porque o desempenho em conjunto, particularmente o de Paul Muni, é seguro, equilibrado e vigoroso, obedecendo ao próprio espírito da peça. O que ocorre com esse filme é diferente. Justamente o realismo, tão bem vincado no filme, transmite-se da tela à platéia, dos intérpretes aos espectadores, e os faz participar, mais do que talvez desejassem, na luta daquela heróica gente. Ora, via de regra, ninguém vai ao cinema para sofrer. Mesmo quando nos atrai um filme intensamente dramático, domina-nos a intenção de distrair o espírito, arejando-o das tormentas de cada dia, e isso é o que não acontece no transcurso da projeção.

O episódio do paraquedista russo que foi cair em Stalingrado e ali procurou auxiliar os guerrilheiros, serve apenas de pretexto e moldura para situar o drama. No fim, esse episódio tanto poderia suceder com os soviéticos e alemães, como com qualquer outro povo que, naqueles tempos de triste e nada saudosa memória, precisava enfrentar os nazistas.

Acontece que os protagonistas, Paul Muni e Marguerite Chapman que o acompanha nessa jornada tão áspera, acabam soterrados, após uma explosão mais violenta, e soterrados, o que é pior, tendo como companheiros um pequeno grupo de inimigos que eles ambos desarmam e a quem precisam vigiar, noite e dia, aguardando socorro. Mas virá esse socorro? Sim, deve vir. Resta saber se oferecido pelos russos ou pelo inimigo. Em qualquer caso, só uns serão salvos — e os outros estarão irremediavelmente perdidos. Ninguém sabe, ali, nos escombros da cidade heróica, o que se está passando lá em cima. Escutam-se os bombardeios, o desfilar dos "tanks", mas ignoram os soterrados se são os russos ou alemães que dominam a situação.

Dois terços do filme transcorrem sob essa atmosfera pesada. Era como se nós, da platéia, também estivéssemos soterrados com Paul Muni. E todos ansiávamos pelo aparecimento dos salvadores. Quando eles chegam, há um suspiro de alívio em toda a sala...

Dá a dizer-se que "Alma Russa" seja um filme fraco a distância é enorme. Mas só o recomendamos para quem estiver movido do firme propósito de sentir essa reação dolorosa e não para quem vá procurar um divertimento para o espírito, coisa que ali não encontrará de modo algum. Abstraído esse aspecto, o filme é bem feito, a ação conduzida com segurança e o desempenho magnífico, notadamente por parte de Paul Muni. Marguerite Chapman pouco tem a fazer, mas o que faz merece referências. E Larry Parks, por vezes impressionante, mantém o nível alto do "cast". — C.

COTAÇÃO: 2½



Moças e senhoras "ohias"



A "Depilina Sarah" destrói os enfeites supérfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano de fácil aplicação. Faça seu pedido a F. S. NEVES — Caixa Postal 2308 — Rio de Janeiro. Cr\$ 20,00 em valor declarado ou pelo Serviço de Remessa Postal. A venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias do Brasil.



ESTA e a única apresentação
de água de colônia

JEAN MARIE FARINA



Exizam

a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO

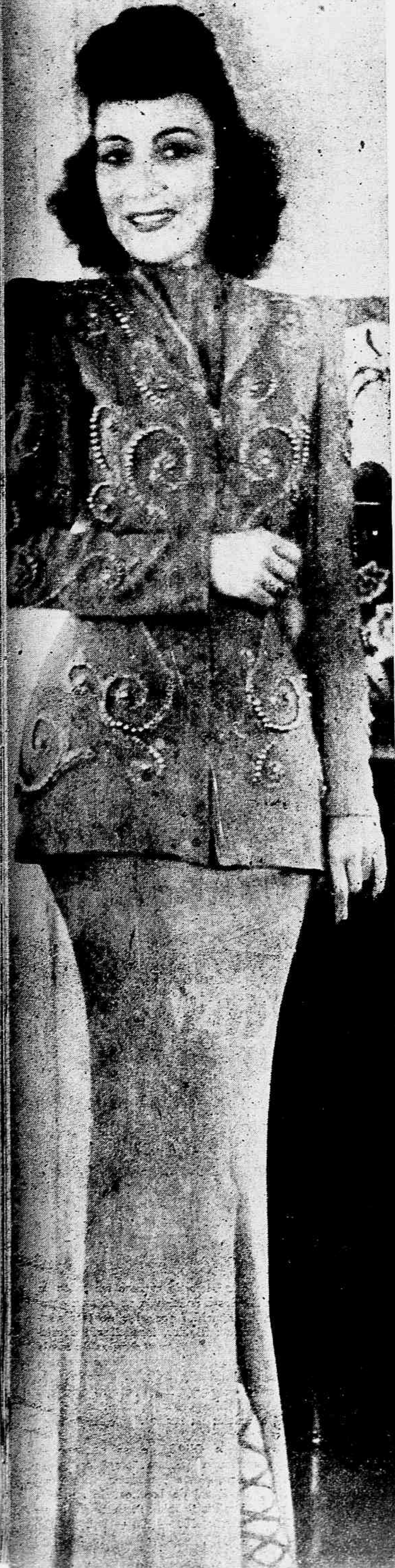
A mulher de Paris e de Londres

Paris — H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extratos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada,

oferece o máximo de sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta da turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá. Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

DULCINA VAI CRIAR O TEATRO DE ARTE



O silêncio de Dulcina e Odilon, este ano, após a sua bem sucedida temporada do Municipal, era significativa. Aparentemente, o casal de artistas não estaria fazendo muito. Encerrada aquela série de espetáculos, a companhia transferiu-se para o Ginástico, onde ficou, longas semanas, repetindo "Chuva" e onde, afinal, devia dar-nos apenas uma peça nova, "Sem rumo". Alguém das "reprises" e enfim "A Sereia Louca", para festival da "estréla". Foi em vésperas dessa "première" que a sós, em um intervalo do espetáculo, com a presença de Maria Jacinta, Dulcina falou, pela primeira vez, do Teatro de Arte e da Academia de Arte Dramática:

— A idéia esteve sempre em mim, traçada em suas linhas gerais e muito trabalhada em meus sonhos, até o momento em que fui obrigada a escrevê-la, a pedido do então ministro da Educação. Elaborei o plano já publicado que, como não tivesse sido aproveitado, não quis deixar inútil e resolvi usar em uma empresa de caráter particular. Coisa difícil mas perfeitamente razoável, uma vez que para isso há coragem, idealismo e, principalmente, consciência das lutas a serem lutadas.

— E as finalidades?

— Não tem finalidades comerciais — continua Dulcina — mas puramente artísticas e culturais. Refiro-me ao Teatro de Arte do Rio de Janeiro, cuja razão principal de existência é manter, com a renda de seus espetáculos, a Academia de Arte Dramática. Esta, sobretudo, me parece o ponto essencial da iniciativa, porque é grande e cada vez se faz maior, no Brasil, a necessidade de uma escola para aqueles que se destinam à carreira dramática. Sabemos, perfeitamente, que o problema do teatro não é apenas um problema de governar emoções e movimentar cenas, nem é um problema puramente técnico: é, também, um problema de cultura geral. Daí a amplitude do curso que terão de frequentar os que desejarem diplomar-se pela Academia de Arte Dramática — paralelo ao estudo especializado das coisas indispensáveis a cada especialização: dição, arte de representar, coreografia e noções de "maquillage", para o curso de formação de atores; literatura comparada, técnica e crítica literárias e, ainda, história de vestuário e de mobiliário, para o de críticos; desenho, história da arquitetura, das artes decorativas e cenografia, para o de cenógrafos; anatomia e fisiologia da pele e da musculatura facial, para o de técnicos de "maquillage", etc. Para todas as especializações, um curso comum de formação cultural: literatura dramática, história das artes e do teatro.

— E como vai funcionar a Academia?

— Na sua primeira fase porá em funcionamento apenas o seu curso de formação de atores. Uma iniciativa particular tem que ir aos poucos — esclarece a artista. — Não nos será possível fazer tudo, logo de início. Com o tempo, porém, outras coisas irão surgindo.

— Já traçou as diretrizes gerais?

— Temos que começar duas campanhas para êxito do empreendimento: a financeira e a da nacionalização do Teatro Municipal. Entenda-se por nacionalização do Teatro Municipal isto: vamos pedir ao Governo que, em reafirmação a esse teatro, por decreto que nos assegure data de estréia, nos conceda três meses do ano para as nossas realizações. Não será pedir muito: três meses, apenas, dos doze que constituem um ano, para uma companhia brasileira. E não entra nisso hostilidade ao teatro estrangeiro, pelo contrário. Acharmos indispensável a vinda ao Brasil das companhias estrangeiras de comédia, de lírica, do "ballet", etc. — arte e cultura de outros povos, das quais muito se tem beneficiado arte e cultura brasileiras. Entendemos, porém, que já é justo considere o Governo a situação das companhias nacionais, e que não negue a um empreendimento do novel do que iniciamos agora um teatro que, afinal, é nosso, porque é brasileiro e nós somos brasileiros — o único cujas condições técnicas permitem a apresentação dos espetáculos que anunciamos.

E concluindo:

— Devo dizer que embora saiba as dificuldades com que terei de lutar, estou perfeitamente confiante na existência do Teatro de Arte do Rio de Janeiro e da Academia de Arte Dramática. Penso que, com isso, daremos alguma coisa ao teatro brasileiro, ao qual tão pouco se dá, geralmente, e que vem sendo tão injustamente negado.

PLANO GERAL E REPERTÓRIO

Nessa mesma noite, Dulcina passava às nossas mãos um roteiro do plano de ação e organização inicial do seu empreendimento para o ano vindouro. E' o seguinte:

O "Teatro de Arte do Rio de Janeiro" é uma organização artística, de iniciativa particular, que tem como fundadores e diretores responsáveis Dulcina, Maria Jacinta, Odilon e Osvaldo Mota, e como diretor-tesoureiro e consultor-jurídico o advogado Dario de Melo Pinto.

Foi criado para realizar temporadas anuais do melhor teatro, cujos resultados financeiros, pagas as despesas da organização, serão destinados à manutenção da "Academia de Arte Dramática", que pertence ao "Teatro de Arte do Rio de Janeiro" e é a razão principal de sua existência.

O "Teatro de Arte do Rio de Janeiro" funcionará com a seguinte distribuição de funções:

1 — Diretora artística e cênica e ensaiadora: Dulcina — que terá também a seu cargo a seleção do repertório. Todo o movimento artístico do "Teatro de Arte do Rio de Janeiro" estará sob a sua direção. Atuará como primeira atriz do conjunto.

2 — Diretor geral: Odilon — ao qual estarão afetas funções da direção administrativa, controle de publicidade, etc. — além de sua colaboração de primeiro ator do conjunto.

3 — Diretora assistente: Maria Jacinta — que auxiliará Dulcina na direção artística do "Teatro de Arte do Rio de Janeiro", em todas as atividades em que se fizer sentir a necessidade de um assistente.

4 — Desenhista e figurinista: Osvaldo Mota — que atuará também como cenógrafo em algumas peças que lhe serão confiadas.

5 — Diretor musical: maestro Léon Gombarg.

6 — Técnico de luz: Cajado Filho.

A temporada de 1946, do "Teatro de Arte do Rio de Janeiro" apresentará o seguinte repertório:

"YERMA", de Federico Garcia Lorca — Tradução de Cecília Meireles — Cenário de Eros Gonçalves.

"LA DAMA DEL ALBA", de Alejandro Casona — Tradução de Valdemar de Oliveira — Cenário de Osvaldo Mota.

"RESSURREIÇÃO", de Tolstoi — Tradução de Maria Jacinta — Cenários de Cajado Filho.

"CRISTO", de Alberto Rebelo de Almeida — Cenografia de Dulcina e Osvaldo Mota.

"O CORSARIO", de Marcel Achard — Tradução de Bandeira Duarte — Cenários de Cajado Filho.

Os espetáculos serão a preços populares. Ficará reservado determinado número de entradas gratuitas, por espetáculo, para estudantes. Aos sábados, à noite e nas matinees de domingo haverá também localidades gratuitas oferecidas aos operários.

Uma vez em funcionamento, o "Teatro de Arte do Rio de Janeiro" abrirá um concurso de peça, entre autores brasileiros, com um prêmio e a garantia de ser a peça premiada incluída na temporada que se seguir ao Concurso.

A "Academia de Arte Dramática" — criação de Dulcina e toda ela organizada dentro do plano que apresentou ao ministro Capanema — será dirigida por Maria Jacinta.

Inicialmente, só fará funcionar o curso de formação de atores. São matérias obrigatórias desse curso: arte de representar, coreografia, dição, literatura dramática, história das artes, história do teatro, noções de "maquillage".

Para as diversas cadeiras que constituem o curso, Dulcina pretende convidar alguns elementos da nossa melhor cultura e outros elementos da mesma expressão radicados ao Brasil, como: Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Strawinski, Roquete Pinto, José Oiticica, Paulo Ronai, Margarida Lopes de Almeida, Gert Malgreem, Genolino Amado, Lucia Miguel Pereira, Bandeira Duarte, Viriato Correia.

A Academia organizará uma série de conferências culturais sobre teatro e sobre as artes, em geral.

A frequência da "Academia de Arte Dramática" será absolutamente gratuita. A verba para a manutenção do seu corpo docente, de seus funcionários e para a realização das conferências e provas públicas será retirada da renda de bilheteria do "Teatro de Arte do Rio de Janeiro".

Na "Academia de Arte Dramática" Dulcina ocupará a cadeira de Arte de Representar.



A escritora Maria Jacinta, diretora-assistente do Teatro de Arte do Rio de Janeiro e também uma de suas fundadoras.

A MAIOR RENDIÇÃO DE TODOS OS TEMPOS

(Por JOHN C. GARDNER. Copyright do B.N.S., especial para a "REVISTA DA SEMANA")

Londres, novembro — E' mais que evidente que foi a rendição total do Império Nipônico que marcou o fim da Guerra Mundial II, com a vitória dos Aliados. Mas quais as consequências dessa capitulação? Passadas as primeiras semanas de júbilo incontido pela vitória, torna-se interessante um exame retrospectivo, afim de bem se avaliar a importância do coroamento de êxito das ações dos bravos soldados das democracias. Foi ela a maior rendição, a mais completa e mais vergonhosa da história do mundo. O Japão entregou não somente os ganhos dos últimos quatro anos; não apenas os frutos de sete anos de guerra; antes concordou em abandonar as conquistas de cinquenta anos e a tradição de um século de hegemonia e agressão.

E isso não é ainda tudo. O vencido entregou também todo o seu bem equipado exército e ainda todo o seu imenso potencial bélico. Milhões de rijos e bem treinados soldados se encontravam ainda nas frentes de batalha quando sobreveio a capitulação. O Japão, porém, teve que abandonar tudo, tais os termos que foi compelido a aceitar. O próprio imperador, entidade divina para os nipônicos, teve que comparecer, pela primeira

vez na história milenar do país, perante um microfone para anunciar o fim dramático de sua guerra de conquista. A Alemanha, pelo menos, combateu até o esgotamento de suas forças de terra, até a queda de sua capital e até que a maior parte de seu território tivesse sido ocupada. O Japão, que se mostrara antes mais enrijecido, não esperou pela demonstração de forças de seu inimigo: rendeu-se diante da simples ameaça!

Nenhum comentarista autorizado jamais ousaria predizer êsses acontecimentos. Na verdade, êles impressionam mesmo depois de passados, pois não há a menor possibilidade de salvar-se o prestígio do inimigo derrotado. Certamente, o Japão lucrou com sua fuga diante do medo da ameaça latente. Seu potencial industrial sofreu relativamente pouco e permaneceram íntegros, embora sem poder efetivo, o seu estado maior e os soldados que poderiam ser empregados em uma outra guerra. O território metropolitano não sofreu as agruras de uma invasão. Mas, para uma nação que tanto se orgulhou por suas vitórias militares e que demonstrou uma inflexível má vontade em admitir a derrota em quaisquer circunstâncias, é difícil imaginar que elementos para uma outra tentativa de conquista pode ela extrair dessas vantagens conseguidas com a rendição.

A BORDO DO "MISSOURI" — AS cerimônias da rendição tiveram início no "deck" do "Missouri", com a presença dos emissários japoneses, enquanto o general Mac Arthur, pelo microfone, procedia à leitura das condições que impunham a rendição incondicional e absoluta do inimigo. Esse acontecimento foi, simultaneamente, irradiado para vários países, enquanto uma verdadeira legião de cinegrafistas e fotógrafos colhia os mais detalhados flagrantes destinados à posteridade. Os jornais animados de atualidades mostraram com todos os pormenores êsse acontecimento.

Signed at TOKYO BAY JAPAN at 0908 I
on the SECOND day of SEPTEMBER, 1945

重光 葵
By Command and in Behalf of the Emperor of Japan
and the Japanese Government

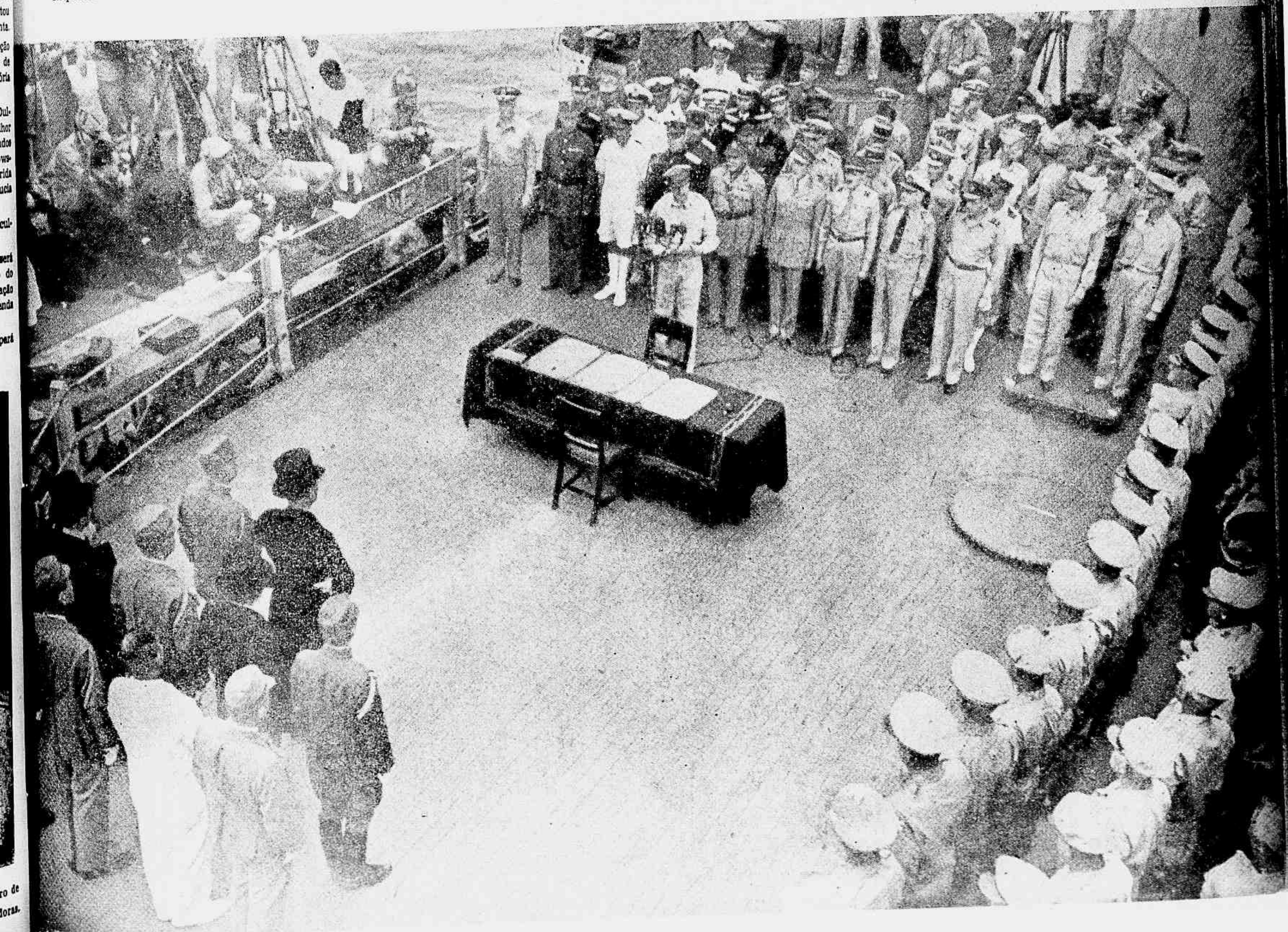
梅津 美治郎
By Command and in Behalf of the Japanese
Imperial General Headquarters

Accepted at TOKYO BAY JAPAN at 0908 I
on the SECOND day of SEPTEMBER, 1945
for the United States, Republic of China, United Kingdom and the
Union of Soviet Socialist Republics, and in the interests of the other
United Nations at war with Japan.

Douglas MacArthur
Supreme Commander for the Allied Powers

United States Representative
Republic of China Representative
United Kingdom Representative
Union of Soviet Socialist Republics Representative
Commonwealth of Australia Representative
Dominion of Canada Representative
Provisional Government of the French Republic Representative
Kingdom of the Netherlands Representative
Dominion of New Zealand Representative

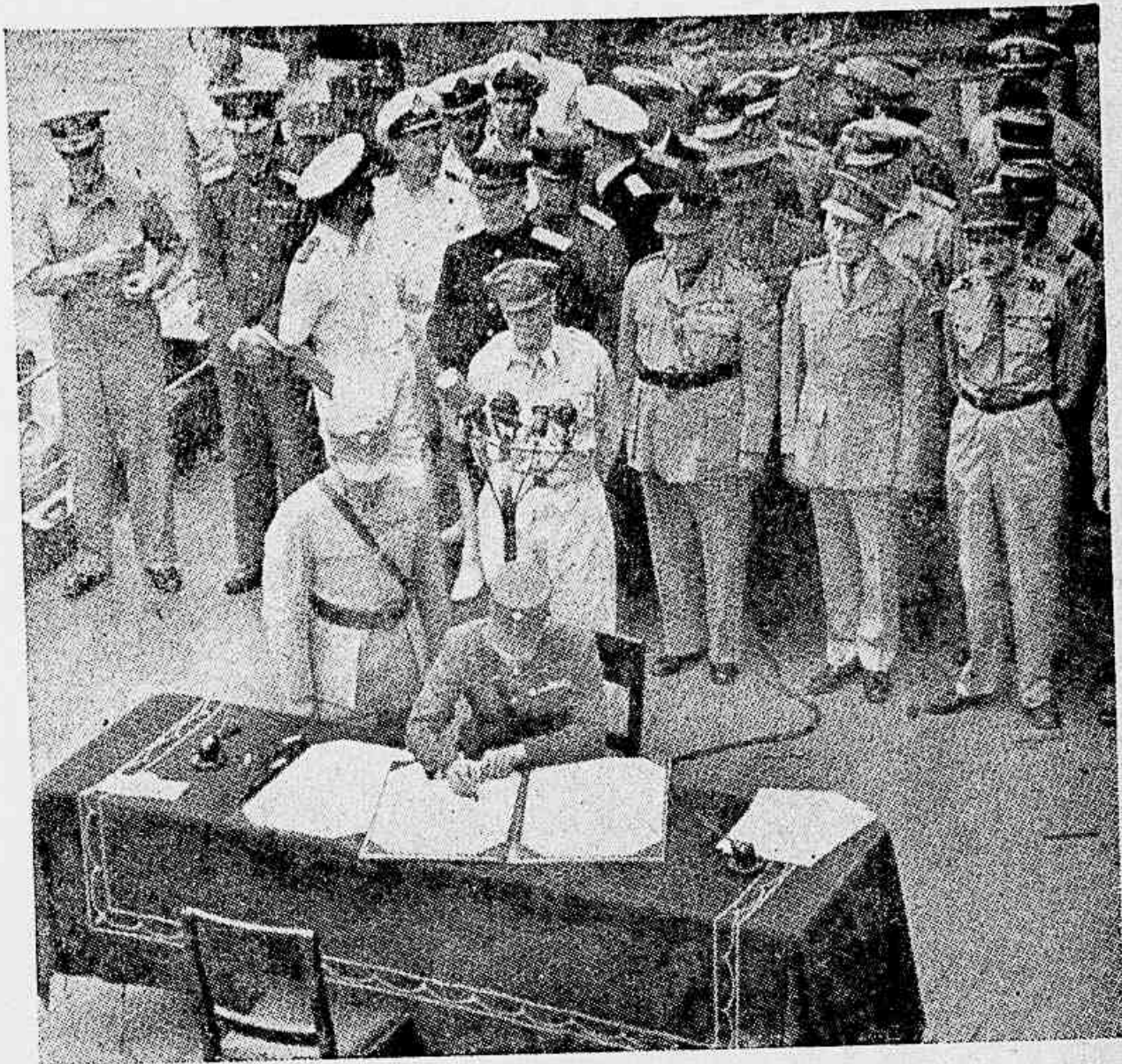
O DOCUMENTO DA RENDIÇÃO — Está assinado por doze nomes, dois em japonês, tendo sido feitas duas cópias desse precioso documento. Uma foi entregue aos representantes do Japão derrotado, a outra ficou com as autoridades norte-americanas. Mediante a simples assinatura desse papel, terminou a guerra no Pacífico.







ASSINAM OS NORTE-AMERICANOS — Neste momento o almirante Nimitz preparava-se para apor sua assinatura. Estavam presentes outros oficiais, inclusive o vice-almirante John Mc Cain, que viria a falecer de um ataque do coração, em San Diego, quatro dias após. Ele deixou também a assinatura nas duas cópias do documento de rendição japonês, feito nesse momento.



ASSINAM OS CHINESES — Na pessoa do general Hsu Yung-chang, ministro das operações militares, as autoridades da China estão presentes e firmam também. Em 1937 surgiu o incidente Marco Polo Bridge. O general Mac Arthur continua presidindo à solenidade, mantendo-se, no entanto, dois passos atrás dos signatários, de braços cruzados nas costas e junto ao microfone.

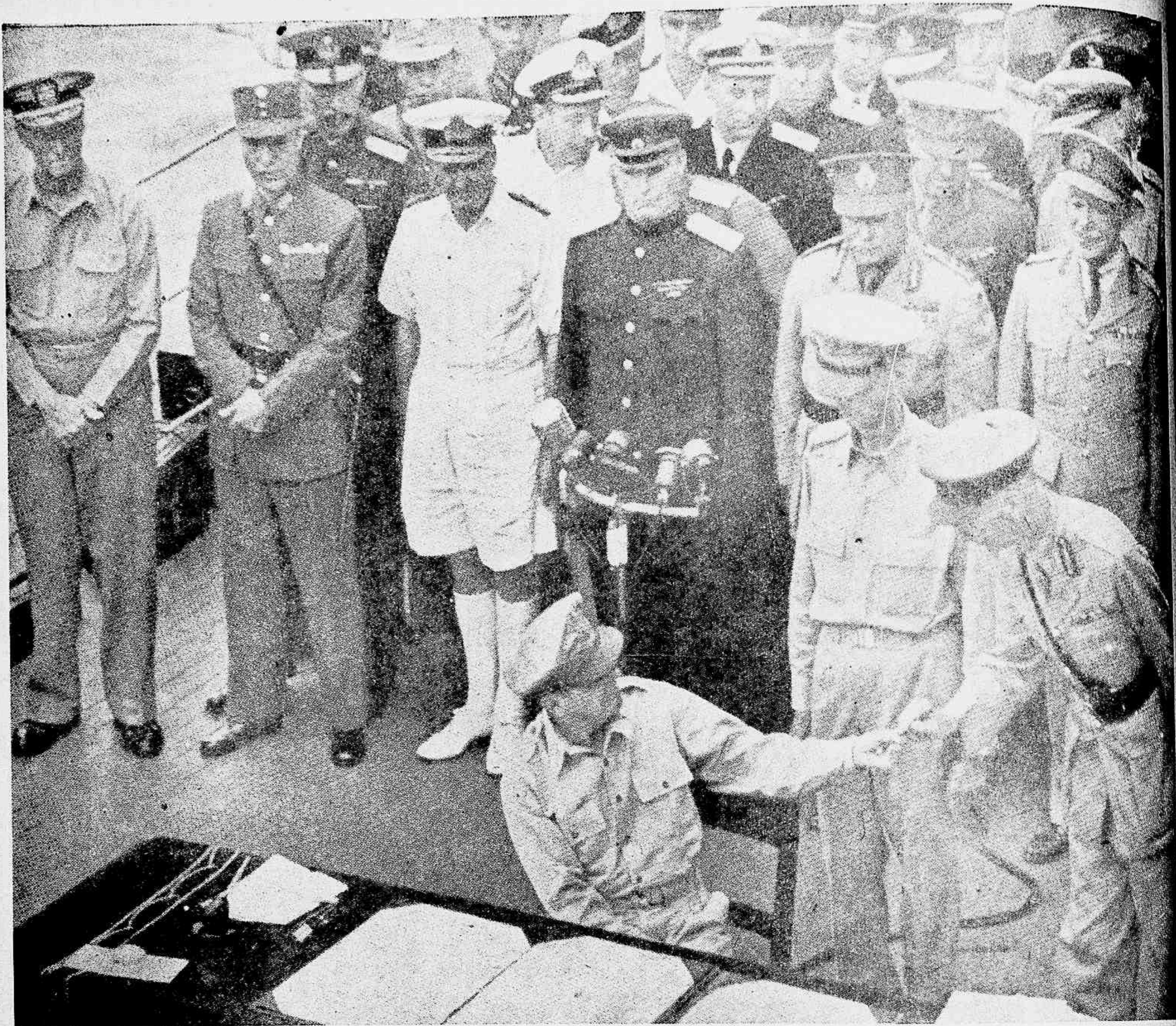
O discurso do imperador Hirohito deixou claro que a decisão de pôr termo à luta foi estabelecida algum tempo antes que a bomba atômica viesse semear a destruição no Japão. A bomba atômica mostrou apenas mais um recurso aliado e uma outra modalidade de ataque. Não se ignora que o governo nipônico pediu à Rússia que servisse de mediadora entre o Japão e os Aliados, semanas antes do lançamento da primeira bomba atômica e mais tempo ainda antes da tremenda ofensiva soviética. A que razões então se curvou o Japão? E' preciso que se leve em consideração que a força aérea nipônica, terrivelmente castigada, estava em marcha para sua destruição total, que sua marinha encontrava-se praticamente aniquilada, fatores esses que aceleraram o processo de rendição do inimigo. Além disso, a sua navegação, único elo entre a metrópole e o continente asiático, estava quase paralizada, e é precisamente nesse elo que se alicerçava a sua economia nacional. Por outro lado, devemos lembrar que Mountbatten preparava uma esmagadora ofensiva no sudoeste da Ásia, que Mac Arthur também estava em vias de se arremessar contra o território metropolitano nipônico, assim como não podemos ignorar que era cada vez maior o poderio aéreo aliado, contrastando com a fraqueza inimiga nesse setor, e que tornavam cada vez mais poderosos os ataques chineses. O Japão, afinal, tinha que reconhecer o peso de todos esses fatores e que direção tomavam os acontecimentos.

E' extraordinário que a nação que menos sinais mostrava de admitir a própria evidência, estendesse, afinal, a mão ao adversário, muito embora pudesse ainda combater. E' que o Micado reconheceu que valia a pena salvar alguma coisa do naufrágio de seu jogo. Mas como é raro esse procedimento no jogador comum, e o Japão parecia ser o mas astuto jogador de "poker" do mundo... A bomba atômica foi usada apenas duas vezes, mas seu poder foi suficiente para pôr termo à resistência japonesa. Quando os russos inicia-

MAC ARTHUR USOU CINCO CANETAS — O Comandante Supremo das Forças Aliadas usou cinco canetas para firmar esse documento. Com a de seu uso particular escreveu "Doug", com outra escreveu "las", com a terceira "Mac Arthur", e com as duas restantes completou a segunda via do documento. A caneta própria ficou em seu poder. As outras foram distribuídas por altas patentes norte-americanas, que ali se encontravam presentes e que as guardaram como preciosas relíquias de um acontecimento mundial de tão grande importância.



CHEGAM OS EMISSARIOS JAPONÊSES — A comitiva dos nipônicos era chefiada por Mamoru Shigemitsu (de chapéu alto), acompanhado imediatamente pelo general Yoshijiro Umezu. Repare-se a extremidade inferior da bengala do primeiro, revestida de borracha. Shigemitsu é capanga. Os outros serviam-se para testemunhar a assinatura do documento de rendição.



PRESENTEANDO — Uma das canetas usadas pelo general Mac Arthur foi por ele mesmo oferecida, nesse momento, ao general Arthur E. Percival, capturado pelos japoneses na defesa de Singapura. Outra foi destinada ao arquivo oficial dos Estados Unidos, uma para West Point, reservando-se Mac Arthur de ficar com a sua caneta própria, que devia oferecer à esposa. A observar, nesse detalhe, a importância que os norte-americanos emprestaram, com inteira justiça, ao acontecimento da rendição nipônica.

ram a invasão da Mandchúria e chegaram a cerca de 250 milhas de Pekin e somente a 200 de Makden, tornou-se claro que não havia tempo a perder. Um outro segredo da vitória

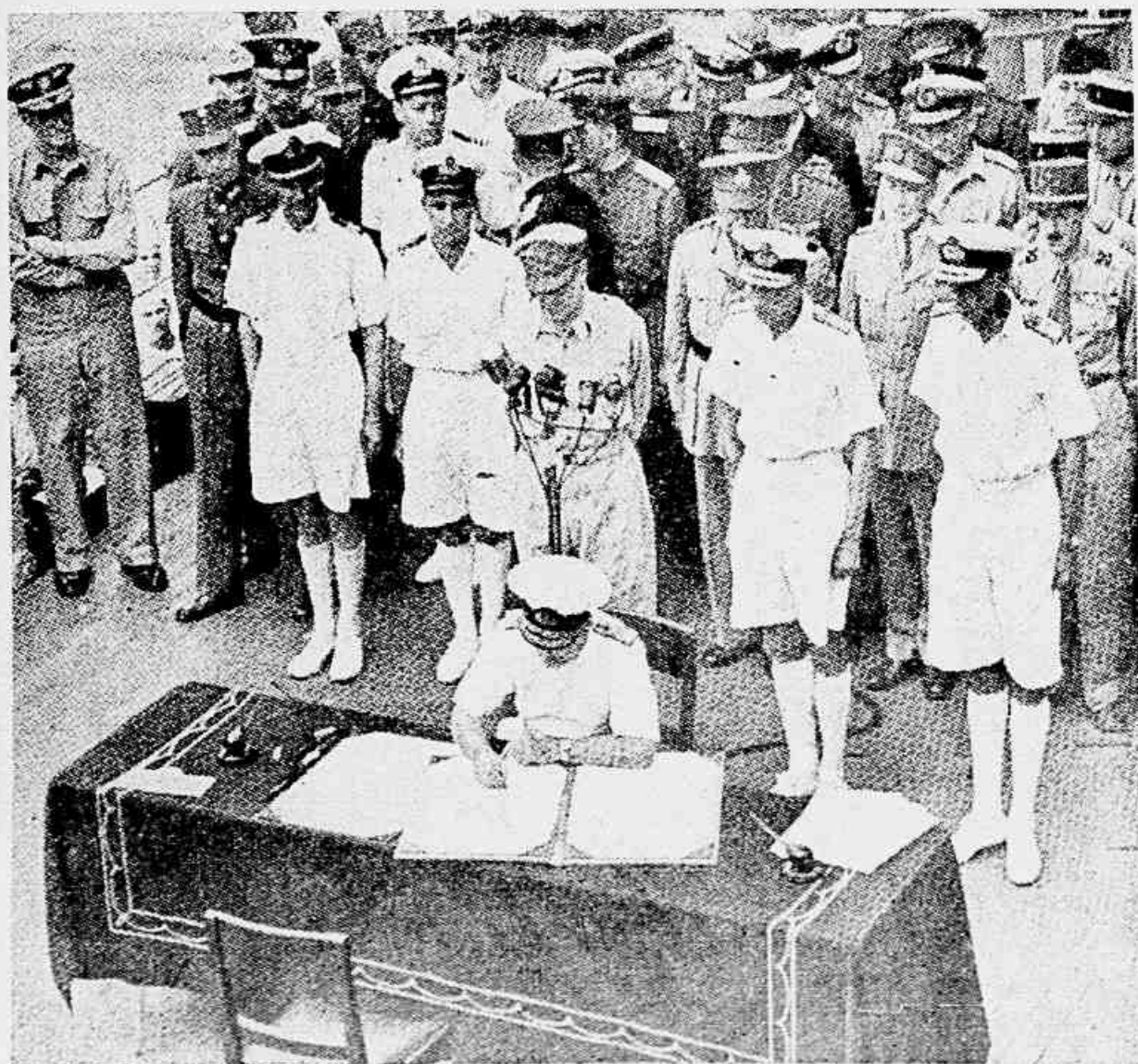
ria aliada, sem dúvida mesmo um dos fatores de maior importância, foi a conquista das distâncias da imensidão do Pacífico. Com a aproximação dos aliados do território metropoli-

tano, estavam plantadas as sementes da vitória. Sem essa aproximação, jamais os aliados poderiam ter destruído a arma aérea e

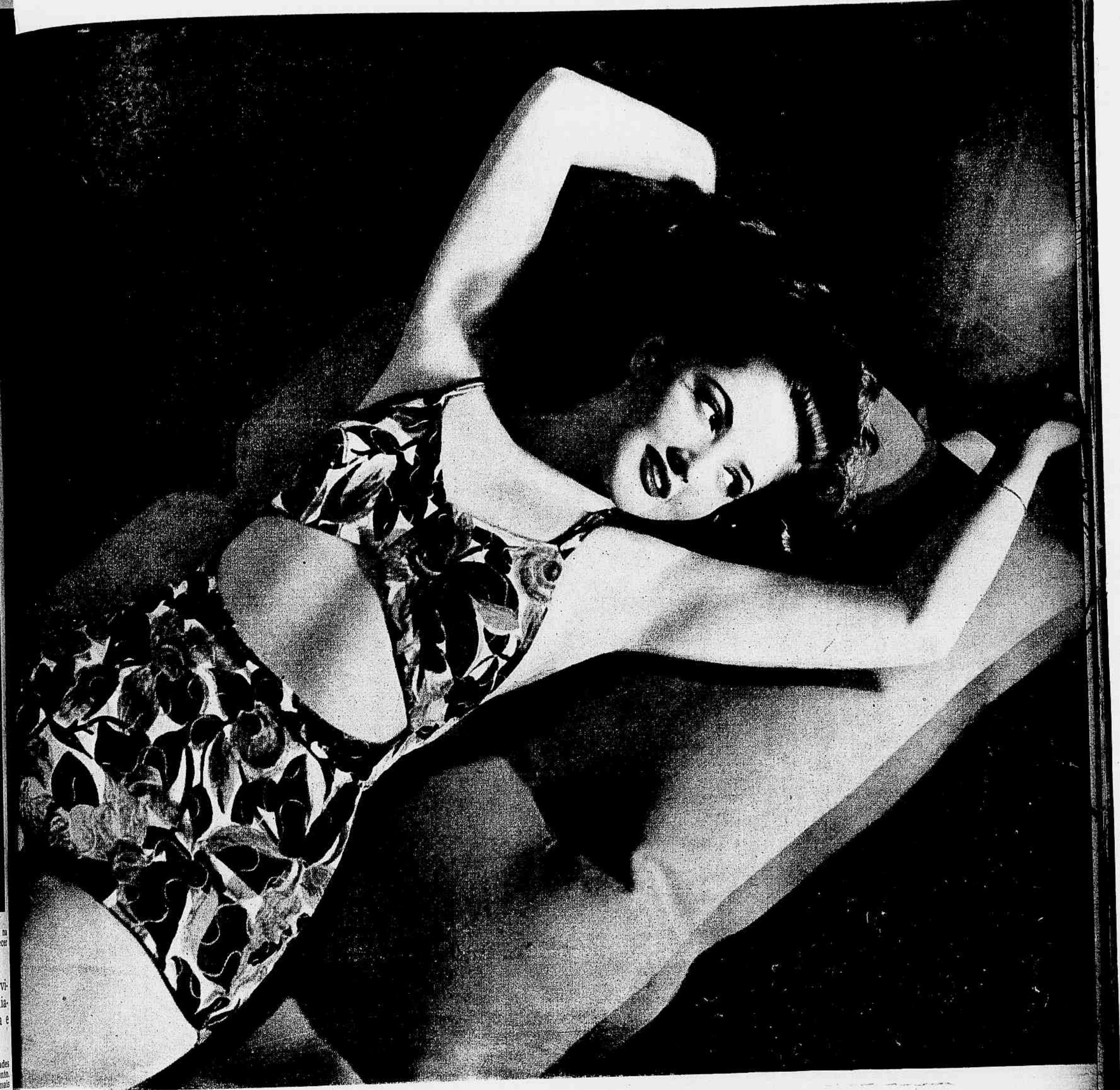
Continua na pag. 49

ASSINAM OS INGLESES — O representante da Grã-Bretanha, almirante Sir Bruce Fraser, que comandou a marinha inglesa em ação no Pacífico, foi o signatário pela sua pátria. Aqui o vemos subscrivendo a ata da rendição, com toda a simplicidade. A chamada de cada representante das Nações Unidas era feita de viva voz pelo general Mac Arthur.

ASSINAM OS RUSSOS — Exatamente vinte e cinco dias após o início das hostilidades entre os russos e os japoneses, o representante soviético assinava esse vitorioso documento. Aqui vemos o general Derevyanko, sentado na mesma mesa onde anteriormente os demais haviam firmado as duas cópias do termo de rendição. E estava encerrada a solenidade.



(Fotos "Life")



MARTHA VICKERS
(Warner)



APOSTASIA



POR
JESY
BARBOSA

DIANTE do rico espelho que a luz da tarde iluminava — tarde de céu azul que era como um quadro de cores na moldura larga da janela; ali estava Maria da Graça de olhos atentos, de fisionomia grave, a olhar interrogadora e angustiosamente para o fundo claro de cristal.

As suas mãos, de dedos longos e morenos, iam seguindo os traços de seu rosio numa pesquisa angustiada, pousando aqui e ali, à procura das rugas, calcando, apontando, como quem segue num mapa o roteiro indesejável donde não quer naufragar.

E seus olhos largos nada mais eram que lentes mágicas a criar-lhe os sulcos imperceptíveis que, ao raio X do desalento, assumiam as mais desoladoras proporções, e os seus dedos nervosos iam tateando a pele fina e trigueira detendo-se no canto dos lábios, subindo à vizinhança das pálpebras, alisando a fronte alta e macia onde os cabelos negros e brilhantes eram um cartaz a anunciar em letras bizarras todo o viço dos seus belíssimos trinta anos.

Maria da Graça porém não via a vida a esplender naqueles coracóis luziais; não via a expressão quase infantil das suas pupilas douradas, nem via a púbera harmonia do seu busio, nem se apercebia da linha moga e harmoniosa de seu corpo. Apenas sabia que já fizera trinta anos e ainda não se casara!

Daí aquela inquietação agita diante do espelho da aquela angústia no tremor das mãos que repuxavam a pele vigorosa que ornamentavam a cósia sadia em holocausto àquela orientadora sugestão que reduzia toda a sua mo-

cidade exuberante, toda a sua pujante e magnífica beleza à escravidão convencional de um salgarismo.

Ali pois, diante daquela penteadeira onde as mãos suaves da tarde punham a carícia de um colírio repoussante, os pensamentos de Maria da Graça ferviam como um vulcão.

E ninguém diria que, diante do vidro rutilo que o céu beijava num relexo tão bom, Maria da Graça, como se estivesse ante o altar de alguma estranha liturgia, decidia, naquele momento, o seu destino e o destino de alguém!

Esquecendo os anseios que lhe palpitavam na alma sonhadora e vibrante, esquecendo o sonho tenaz de amor e de ternura que não lhe abandonava o coração, de olhos fechados à natureza que lhe giiava, naquele instante decisivo, nã, apesar de luz, de cor e de perfume, Maria da Graça, naquele momento mesmo, surda ao grito de luz da natureza, cega à advertência que a terra toda, explodindo em flôr e em beleza, lhe fazia, resolve casar. Casar sem amor, sem ideal, com um homem qualquer que, dias antes, lhe pedira a mão!



E mais uma esposa burguesa entrou para o rol das esposas burocráticas e surdamente revoltadas de que está cheio este mundo tão mau, onde as mulheres, até para envelhecer, têm o tempo marcado no calendário das convenções sociais!



CARMEN EM RITMO CUBANO

Hollywood, novembro. (Por Luiz Serrano, correspondente especial da REVISTA DA SEMANA) — Em seu mais recente filme para a Fox, Carmen Miranda surpreenderá seus "fans" brasileiros com interessantes números de canto e dança, em legítimo estilo cubano — rumbas e congas ultra-dinâmicas — executadas com Ciro Rímac. O marido de Alzirinha Camargo, que já visitou o Rio, tem assim uma grande "chance" no cinema, graças à "bombshell", que precisou dançar inteiramente descalça, como se vê na gravura à direita. A indumentária de Carmen, o estilo cubano, o espetacular das côres e a vibração incomparável da antiga intérprete do "Taboleiro da Baiana" fazem esperar uma nova e bonita "performance" de sua parte. Carmen deseja visitar o Brasil na primeira oportunidade, circulando a notícia, sem confirmação aliás, de pretender muito breve posar um filme no Rio para uma das grandes produtoras desta cidade.



Ilustração de
ARMANDO MOURA

EU morava numa casa pequenina e clara, que se erguia alegremente no meio de um jardim muito verde. As casas em redor também eram, todas elas, cercadas de canteiros ou de gramados, pois a companhia que vendera aqueles terrenos (uma companhia curiosamente idealista!), mais preocupada em encher a cidade de beleza do que em encher seus cofres de dinheiro, exigira de cada comprador o compromisso de fazer um jardim em volta da casa que construísse no seu lote. O sadio resultado disto era que naquele bairro desimpedido, enfeitado e risonho — o primeiro de uma série que a companhia projetara, e por enquanto o único da cidade no gênero — se desfrutava uma vida perfeitamente tranquila.

Mais do que perfeitamente tranquila, a vida que eu desfrutava era perfeitamente feliz. Pertencço a essa classe ditosa de pessoas que após uns minutos de doce contemplação de um trecho de natureza verde se sentem livres de qualquer aflição. Ora, é evidente que naquele risonho bairro, tão profusamente ajardinado, não me faltavam trechos verdes de natureza para contemplar...

E perfeitamente feliz minha vida decorreu até o malfadado dia em que, morrendo o morador da casa do lado, um velho simpático e sossegado, que já a ocupava desde muitos anos, veio habitá-la novo inquilino. O novo vizinho chegou certa manhã, na hora do meu café. Era um homem muito alto, posso mesmo dizer agigantado, e de feições medonhamente emburradas. Permaneceu bastante tempo no jardim, fiscalizando a descarga do caminhão que trouxera seus móveis e suas malas. Só depois de postas dentro de casa a última mala e a última cadeira ele entrou, para logo em seguida reaparecer na varanda carregando embebecido a gaiola de um pássaro grande, branco com

a cabeça verde, que fôra a primeira coisa descarregada cuidadosamente do caminhão. Eu nunca vira um pássaro como aquê! e, completamente admirado, exclamei de mim para mim que nunca vira um pássaro tão lindo! Mal o homem pendurou a gaiola num gancho da parede, o pássaro começou a cantar.

Do seu bico, grossamente aberto, saíam umas notas muito altas, extremamente duras e metálicas — mais ou menos isto: **pé-úm, pé-úm, pé-úm** — as notas mais horrendas já moduladas por uma garganta de homem, de pássaro, ou de que outro dano de animal for!... Logo à primeira saltei vivamente da cadeira:

— Diabo de passarinho! Será que o canto dêle é êsse mesmo?

Era. Desgraçadamente era. E para cúmulo do meu infortúnio o pássaro cantava o dia todo. Começava ao raiar do sol, tão alto que infalivelmente me acordava, para só silenciar noite fechada!

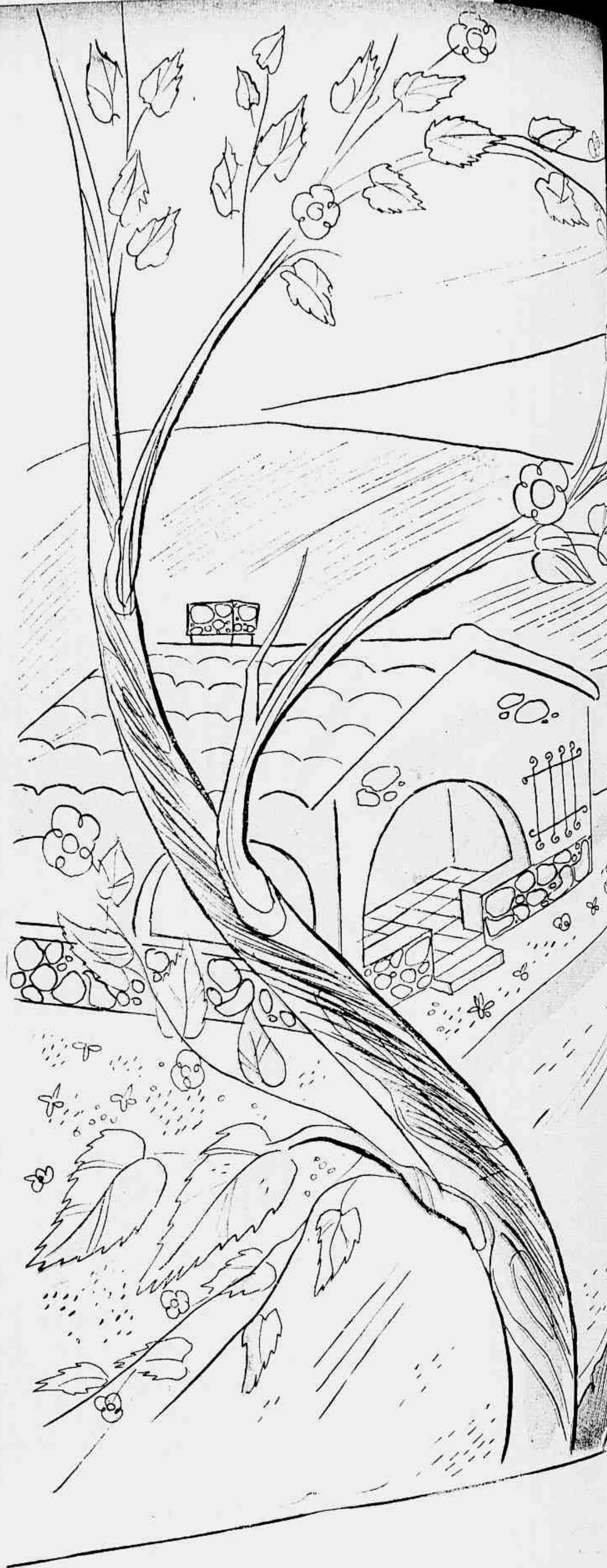
Duas semanas após a chegada do novo vizinho eu era um homem fuminho. Emagrecera horrivelmente, a voz me saía difícil e succumbida, e em volta dos meus olhos, que desprendiam a todo momento um inexplicável lampejo de terror, negrejavam sinistramente duas medonhas olheiras, muito fundas e muito escuras. Um amigo que me parou, comovido, na rua para saber o que se passava comigo, e a quem contei lacrimosamente a história do pássaro terrível, quase estourou de rir:

— É uma araponga! — declarou meio sufocado, entre duas formidáveis gargalhadas.

E quando dominada a crise pôde enfim falar com naturalidade, passando vagarosamente o lenço pela testa suada e vermelha, de veias muito inchadas:

— Uma araponga, meu caro! Que azar colossal o seu! Quer que eu seja franco? você aí só tem uma coisa a fazer: obrigar o vizinho a se mudar.

E desatando a rir outra vez:



— Ou então se mudar você mesmo!...

Com a razão da nova risada francamente não atinei. E'le achava engraçada a hipótese de me mudar? Pois não tinha nada de engraçada. Ao contrário, era a única coisa que me restava fazer. Com efeito, de que maneira irresistível eu obrigaria meu gigantesco e furibundo vizinho a se mudar, se eu era pequenino, franzino e amare'o, e tinha um ar tão brando que as próprias crianças da escola onde ensinava latim riam gostosamente quando me metia a ralar com alguma? Não, por mais do'roso que isto fôsse, eu tinha de mudar era que me mudar. E comecei logo a procurar uma casa. Proceedi primeiramente a uma

busca porfiada entre as casas do bairro. Busca vã: tôdas ocupadas. Ou eram habitadas pelos proprietários, que não as pretendiam deixar em hipótese alguma, ou estavam nas mãos de inquilinos, que tampouco em hipótese alguma as pretendiam deixar. Então, na falta absoluta de outra solução, fui ver casas e apartamentos anunciados noutros bairros. Durante cinco exaustivos dias não fiz outra coisa. Corri a cidade toda, um mais de cem moradias. Não havia de p'orave'mente uma só que não se localizasse em rua ruidosa, escura e triste. A simples lembrança da araponga porém era suficiente para que eu me sujeitasse a tomar qualquer delas e ajudar-me desse por muito satis-



Mas aí! Não havia tam-
bém a única cujo aluguel (ra-
to inferior ao da minha)
era acrescido de luvás, ou
para obrigatória de mó-
vel nunca ia a menos de
doze cruzeiros. Acabei vol-
tando para casa, tristemente
de que se me era im-
possível viver ao lado de uma
casa igualmente impossível
de pagar dez mil cruzeiros
e passasse de um aluguel
de não tendo nada de meu,
para arduamente na escola
de um dandozinho de mil e ois-
tos cruzeiros mensais, e
de por mês, apertadamen-
te oitocentos cruzeiros.
Mas a dias porém a sorte,
finalmente se mostrava
piadosa para comigo, me
de surpresa. Tenho o pa-
reço hábito de jogar com fú-
tebol, e de tarde, ao vol-
tar da escola, conferindo no pos-
sível a quinola o resultado do dia,
me embasbacado que ge-
ralmente me embasbacava

nhara dez mil cruzeiros! O bicheiro, ansioso por contentar o mais antigo e perseverante dos seus iregueses, com certeza também um dos mais rendosos, esperava-me junto da banca, com o dinheirinho pronto:

— Enfim, o seu dia chegou, “seu” Francisco!

Sim. O dia entre todos afortunado, no qual eu não acreditaria mais, em que me mudaria daquela casa onde minha vida se tornara insuportável, e iria viver bem longe da medonha araponga, chegara enfim!

Abraçeí com efusão o bicheiro, emboísei o dinheiro e corri para casa.

Chegado em casa comecei a arrumar alvoroçadamente as malas. No dia seguinte mesmo me mudaria! Ora se... logo de manhã cedo! Mas vinha de fechar a primeira, quando uma ideia luminosa me ocorreu. Por que não procurar o vizinho e oferecer os dez mil cruzeiros pa-



ra êle se mudar? Sem o menor amor pelo silêncio, seria perfeitamente igual ao bruto morar naquele bairro ou em outro qualquer. Sem dúvida, pois, êle dispensaria à minha proposta a mais entusiástica das acolhidas. E eu conseguiria talentosamente livrar-me da araponga, sem abandonar aquele bairro querido, onde tão bem me sentia.

Do corridoio, um minuto, já batia na porta do homem. Ele veio abrir, perguntou com despaço da sacura o que eu queria, ouviu minha proposta, feita aflitadamente, numa voz tôda tremida, pensou um instante... e — para minha tremenda alegria — aceitou.

tou-a! Dei-lhe o dinheiro e não tenho de que me queixar — foi irresponsavelmente honesto: na manhã seguinte mudava-se.

Tão disputadas eram as casas daquele bairro que nem bem tinham passado vinte e quatro horas e já parava diante do portão vizinho um caminhão com as bagagens dum novo morador. Da minha varanda acompanhei atentamente a descarga dessas bagagens, e foi com um alívio bastante fácil de compreender que constatei não haver entre

(Continua na pág. 51)



★
A MODA
VEM DE
HOLLYWOOD



Sim, é ainda de Hollywood que continuam chegando as novidades femininas. Certamente Paris está reconquistando o trono perdido com a guerra, no setor das modas, mas até que essa reabilitação se faça por completo é o cinema americano que orienta as mulheres elegantes do mundo. Na página à esquerda, estão três interessantes modelos de Vivian Blaine, "toilettes" simples e graciosas para tôdas as horas. A observar, o bonito estampado do primeiro modelo, ao alto, à esquerda. E nesta página dois bonitos figurinos posados por Jeanne Crain, o primeiro para passeio e o outro para campo, em estilo genuinamente juvenil. Os costureiros da cidade do cinema continuam em franca atividade, os figurinistas dão largas ao seu grande poder de imaginação, e as "estrêlas" vão alcançando sempre maiores sucessos, pelo mérito dos papéis que desempenham e também pela circunstância de enviarem, em cada filme, uma grata mensagem de elegância, bom tom e requintado "chic" para as mulheres que se apuram no vestir, e por isso mesmo alcançam, mais facilmente, as simpatias dos "fans". Ambas as "estrêlas", Vivian Blaine e Janne Crain, pertencem ao "cast" da 20th. Century-Fox. A primeira vai figurar em "Dolly Face", o mais recente filme posado por Carmen Miranda e do qual demos, já, em edições anteriores, outros sugestivos "stills".

CONFUSÃO

Conto de MARGERY SHARP

SE você ficar perplexo ao ler esta história, console-se comigo. Estou perplexo, mais do que perplexo: estou confuso. E as personagens mais do que confusas: desorientados. Se seu espírito gosta da ordem, ama o racional, o lógico, afaste-se quanto antes: aqui só há confusão.

Nem todos os dias uma moça recebe dois pedidos de casamento. Nem mesmo quando é linda como Jeannette. Mas Jeannette recebeu. Nem sempre, no caso de mais de um pretendente, é esse dois e são irmãos. No caso de Jeannette também isso ocorreu. Acontece ainda que além de irmãos eram gêmeos, e gêmeos parecidíssimos. Não. Ao dizermos parecidos, admitimos uma diferença, uma distinção, por menor que seja. Essa distinção não existia. Não havia diferença. Eis que Jeannette, sinceramente apaixonada, não o estava por um, mas por dois; porém esses dois, praticamente, eram um só: não estava confuso? Eu já avisei.

Jack e David vieram e pediram. Pediram a mão da moça e é fato que ela possuía duas, mas nem todas as partes de seu corpo, nem sua alma, eram em número duplicado, para possibilitar uma divisão justa e honesta. O coração de Jeannette, sem se divertir, pois ela não distinguia entre os dois: amava a ambos e por eles batia mais apressado. A moça, num instante de loucura, consultou um sacerdote: em casos semelhantes seria permitida a bigamia? Diante da negativa enérgica do guia espiritual, ela voltou para casa e entregou-se inteiramente ao desespero. Como? Como? Como solucionar seu problema?

Um deles era alto, robusto, de feições regulares. O outro... a mesma coisa. Até a voz e os gestos. E, conscientes daquilo, eles, inconscientemente, agiam sincronizadamente. Gestos por gestos, palavra por palavra, irritantemente, desesperadamente duplicados.

— Mamãe, eu dou um tiro na cabeça!

— Calma, minha filha.

Jeannette não teve outro remédio. Procurou um outro pretendente, um rapaz medíocre que a amava e casou-se com ele. Jack e David constituíram um capítulo encerrado de sua vida. Para ela estavam mortos, o que não a impedia de guardar um retrato entre os seus papéis: uma fotografia dupla. Seu olhar corria todos os dias para aquelas fotografias e procurava, ansiosamente, esquecendo o marido, um sinal, um detalhe que separasse os dois, para basear naquilo uma escolha. Agora que estavam longe, que uma barreira se erguia diante dela separando-a deles, queria, para sua tranquilidade, encontrar a diferença. Um tra-

ço somente, e já estaria satisfeita. Nada, absolutamente nada.

— Sabe quem está por aí?

Jeannette levantou os olhos da costura e encarou a mãe.

— Não.

— Os teus gêmeos...

Jeannette conteve um gesto brusco.

— Quando chegaram?

— Semana passada.

— E' estranho.

— Que há?

— Ainda não apareceram aqui.

— Tanto melhor. Para que voltarmos à época triste da indecisão?

— Sabe de uma coisa, mamãe? Eu sempre tive a impressão de que se eu olhasse para um deles e pensasse, comigo mesma, "é este que eu prefiro", se já não fôsse casada, casaria com ele agora mesmo. Acho que depois disso poderia ficar tranquila.

— Que idéia horrível! Já pensarias que o marido era um obstáculo, haverias de querer divorciar...

— Li orciar-me de Robert? Não. Ele é bom de mais. Eu não teria coragem...

Jeannette não sabia que o marido ouvira a conversa. Nem o fato tinha importância, uma vez que ela falava de coração, e seu coração transbordava de ternura pelo marido, ternura, é verdade, mas não amor. O amor era de Jack, ou de David. Ela não

sabia. Não era, em todo caso, de Robert. Este, porém, de vistas largas, apreciava o ineditismo da situação e perdoava a esposa, que era fiel e boa.

Jack e David, entretanto, apa-

receram. O marido ficou um pouco receioso, ao saber da visita anunciada, mas não teve coragem de negar a Jeannette a entrevista. Além do mais, seria contraproducente. Chegaram Jack e David. Jeannette, sem reparar, pusera seu melhor vestido. Fizera isso sem perceber a significação do fato, mas o marido percebera e franzira o sobrelho.

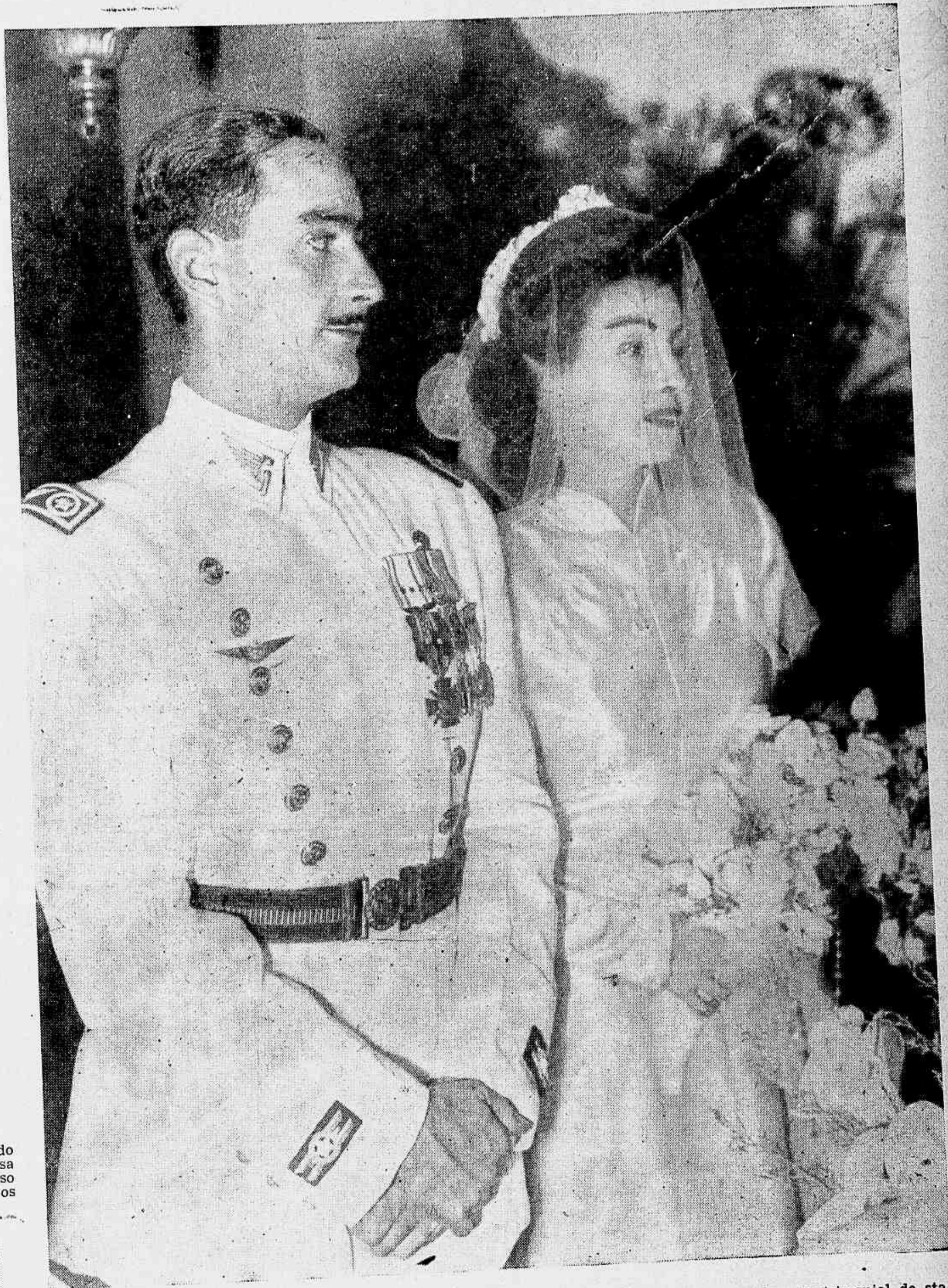
(Continua na pág. 48)



FIGURAS E FATOS



Nilza Aparecida e Waldir Flavio, filhos do casal Guido Bianchi, que no dia 2 de outubro, na igreja de Nossa Senhora da Paz, comungaram pela primeira vez. O piedoso ato foi patrocinado pelo Colégio Fontainha, do qual os jovens comungantes são alunos distintíssimos.



Realizou-se a 27 de outubro último, na igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, o enlace matrimonial da sta. Vera Maria Guimarães com o tenente-aviador Newton Neiva de Figueiredo, distintos elementos da nossa melhor sociedade. Na gravura um flagrante obtido por ocasião da bênção nupcial.

A menina Norma Cianella de Oliveira, dileta filhinha do sr. Dario de Oliveira e de dona Aida Cianella de Oliveira, cujo aniversário natalício transcorre hoje, 17 de novembro.

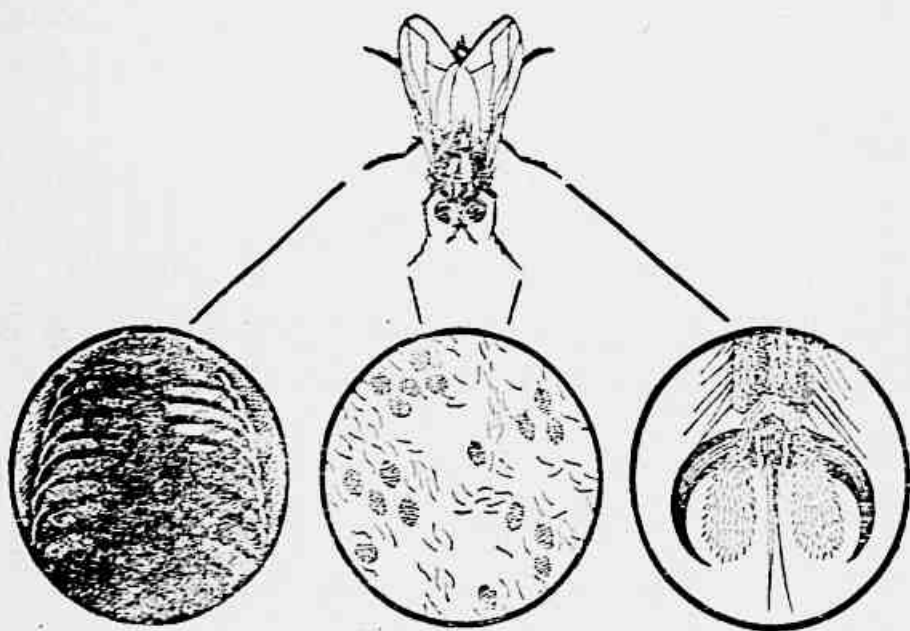


Senhorita Antonia Pereira de Figueiredo, filha do comerciante João Pereira de Figueiredo e dona Euridice Ferreira de Figueiredo, cujo aniversário natalício transcorre no dia 30 de outubro último.



A TUBERCULOSE ~ e as m^oscas

A tuberculose, um dos grandes flagelos da humanidade, pode ser transmitida, não só pelo contágio humano, como também pelo contágio animal. As m^oscas, cuja preferência por lugares onde se atiram desperdícios, é bem conhecida, podem pousar sobre objetos que estiveram em contacto directo com expectorações de enfermos ou com animais mortos que eram portadores de bacilos de Koch, os quais depositam a seguir nos alimentos de onde passam às vias digestivas do homem são. Devemos, pois, proteger-nos, do contágio directo com enfermos e do indirecto por meio de m^oscas. Estes perigosos insetos são eficazmente exterminados com SHELLTOX, o inseticida científico.



Radiografia pulmonar. Nela pode-se ver uma lesão provocada pelo bacilo de Koch.

O bacilo da tuberculose, descoberto por Koch, é um dos piores inimigos da humanidade.

Em suas patas as m^oscas transportam os germes das enfermidades que transmitem aos seres humanos.



SHELLTOX

Não tonteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.
PRODUTOS DE PETRÓLEO



Livros

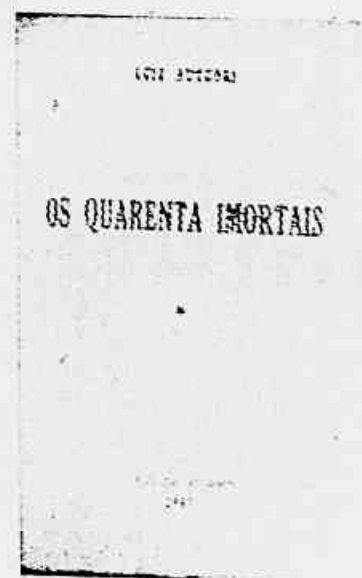
A MORENINHA, romance de Joaquim Manuel de Macedo, prefácio de Rachel de Queiroz — Livraria Editora Zélio Valverde — Rio de Janeiro, 1945.



A *Moreninha*, jovem como sempre, luçã, ingênua, menina e moça, firmeza e cândida de espírito alma como se, apontada com certas flores e certas árvores, houvesse nascido pontualmente da terra doce e rica de Paquetá — a *Moreninha* completou um século de existência. Não é caso de se aplicar a frase corrente: "Ninguém dirá! Com efeito, quem a lê se hoje pela primeira vez, e sem qualquer informação prévia a seu respeito, logo lhe adivinharia a idade... a primeira edição. Nem a figura das pessoas nem o tom dos diálogos nem a nota dominante dos costumes deixam deixar a hipótese duma reconstituição. Para isso, haveria as páginas de Macedo, ao mesmo tempo, verdade e poesia e mais. Qualquer escritor de hoje, que tentasse recuar até aquela gente e aqueles episódios, ficaria com incrivelmente quem do ambiente que ali domina, os cenários que se oferecem, as vozes que se fazem ouvir, os sentimentos que nos envolvem e se nos transmitem a ponto de os não diferencarmos dos propriamente nossos. São coisas que se não inventam, por completo, que a imaginação, só por si, não consegue criar. É preciso que o autor as tenha pessoalmente conhecido, como o romancista da *Moreninha* as presenciou, acompanhou, viveu. Macedo, que escreveu este livro aos vinte e três anos, figurou — como provam alguns biógrafos — entre os personagens; podia ser irmão da protagonista, podia ser o estudante — herói da ação. E, em todo caso, alguma indicação de verificação, de acontecido, o força a declarar, nas "Duas palavras" liminares que é atrevimento da sua parte dar aquilo "o nome de romance".

A *Moreninha* celebra o seu centenário, remogada. As diversas edições lhe haviam alterado um tanto a fisionomia, fatalmente a prejudicando, dalgum modo a envelhecendo. Desta vez, um especialista escrupuloso, o Sr. Francisco de Assis Barbosa, auxiliado por outro homem de letras, o Sr. Américo Jacobina Lacombe, se encarregou de restituir àquela semblança admirável as linhas puras e a autêntica expressão. Para isso se recorreu, entre outras diligências, a uma biblioteca onde existem as primeiras edições: a do beletrista fidalgo, além de insigne homem de ciência, Dr. João Marinho. Voltou, pois, o texto, tanto quanto possível, à dignidade e graça primitivas. Só a ortografia se modificou, em obediência ao acordo das Academias do Rio e de Lisboa. Tudo o mais tornou a ser o que era. E ainda ao valor da obra se acrescentam agora algumas páginas de prefácio, nas quais o senso apreciativo e as reminiscências pessoais — reminiscências de leitora, bem entendido — se harmonizam na arte da Sra. Rachel de Queiroz.

OS QUARENTA IMORTAIS, biografias de Luiz Autuori — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Luiz Autuori, escritor muito moço ainda mas já autor de boa meia dúzia de livros de romance, ensaio filosófico e outros gêneros, não pensa, como outros jovens, que em cada figura componente da insigne companhia há um velhote fatigado, sonolento, incapaz de qualquer atividade mental. É difícil explicar como tal noção se encaixou na cabeça dos mancebos — alguns dos quais já bem em idade de ter juízo. O fato é que lá se encontra, de lá não sai. E essa persuasão dos rapazes que talvez nunca cheguem a homens... de letras os leva a não perder ocasião nem pretexto de demonstrar como a fábula da raposa e das uvas continua a projetar através das gerações e dos séculos a sua irônica moralidade...

O biógrafo aqui presente entrou na Casa de Machado de Assis, aproximou-se dos acadêmicos de hoje, estudou-lhes a vida, compulsou-lhes as obras e verificou que, mais ou menos idosos, todos aqueles homens exercem cargos de alta responsabilidade ou atendem a exigências de trabalho que lhes absorvem cada dia muitas horas; dirigem publicações, escrevem livros, fazem conferências, desenvolvem em fim um esforço de que muitos jovens são incapazes — mesmo por não terem onde nem em quê. O Sr. Autuori traçou a história de cada ocupante das poltronas da Casa Ilustre. Cumpre observar que, em geral, se ocupou bem mais extensamente dos vivos do que dos mortos. Por quê tal diferença? Alguns comentaristas maliciosos farão a ponderação correspondente a um brado de aviso: "Cand' datô à vista"! Isso, porém, não importará em definir ou julgar a maneira como as quatro centas e vinte páginas do volume foram escritas. Além do propósito louvável de render homenagem à suprema instituição literária do país, devemos acentuar no livro do Sr. Autuori o cuidado de enobrecer o estilo, adornando-o de citações, eruditas e dando-lhe pessoalmente o caráter das obras que não foram feitas de afogadilho, mas refletidas e apuradas até onde pode ir a capacidade realizadora.

FARÂNDOLA, novelas de João da Silva Correia — Editorial Inquérito Regional Limitada — Lisboa, 1945.



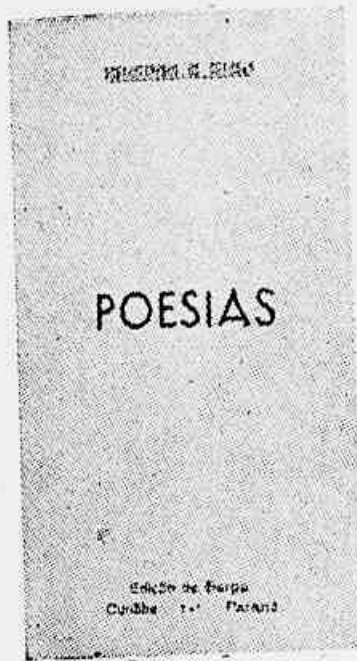
O Sr. João da Silva Correia pratica o regionalismo como alguns romancistas ou contistas brasileiros: aditando no próprio estilo o linguajar dos personagens. Há nisso uma espécie de mimetismo. O escritor sacrifica ao cuidado do exato, do flagrante, a sua natural facilidade de expressão. A força de querer retratar os personagens, torna-se parecido com eles. Converte-se, na sua intimidade, como feito à imagem e semelhança daquela gente. E, se é gente ignara, de manias e palavras toscas, o narrador a copia em si mesmo. Abandona a dignidade astoral. Em vez de superiormente observar e julgar, amida-se, iguala-se. Não fizeram isso em Portugal, por exemplo, Júlio Dinis nem Teixeira de Queiroz; não o fizeram no Brasil dois escritores vindos muito depois daqueles: Alides Maya e Valdomiro Silveira. Deste último há as *Lezírias*, integralmente no falar caipira, mas o subtítulo do volume assim o justifica: "contadas por eles mesmos". Possivelmente, Valdomiro não se apresentava assim. Nas suas outras obras, como nas de Alides, uma coisa são os diálogos, as frases dos roceiros ou dos caúches e outra a maneira de o autor se exprimir a si mesmo. E nem por isso os *Caúches de Portugal*, ou as *Palavras do riograndense* desfiguram de o instituir obras em que a realidade, a verdade triunfa, em todo o poder impressante.

Novos

Não importam estas considerações em condenação geral. Não pretendemos censurar em princípio um processo literário que é nta adeptos de valor indubitável. O Sr. João da Silva, aqui presente, patenteia uma visão clara e segura, recursos de apreensão e exteriorização das mais eficazes, e com eloquência nos transmite a alma dos seus heróis, nos momentos de expansão jubilosa, como nos de enternecimento, angústia, revolta ou desespero. Além disso, em não poucas páginas, sobretudo nas que tratam assuntos urbanos, a sua prosa se eleva e esmera como saída da pena de quem realmente sabe escrever e quer que bem sintamos isso. Mas as narrativas alheias do livro são, não há de negar, as mais sugestivas. Oferecem-nos o transe apavorado por que passa uma lindinha cachopa, vendedora de fruta, envolvida numa sarrafusca política de "progressistas" e "regeneradores"; numa festa de arraial, a rivalidade entre um rapação do campo e um estudante almiscarado que lhe seduz a noiva, o encontro dos dois, e a tragédia que se segue de epílogo a tais amores; cenas da invasão francesa em princípios do século passado; a "corrida" ao volfrâmio, com a sua ilusão e as suas decepções; e outras ainda, pitorescas ou dolorosas, imagens e episódios da vida que vai passando e, em si mesma ou para a nossa sensibilidade, via mudando...



POESIAS, de Scharffenberg de Quadros, com prefácio de Durval Borges — Edição da Gerpa — Curitiba, 1945.



Organizações como a Gerpa (Grupo Editor Renascimento) do Paraná merecem ser consideradas com a maior simpatia. Não se trata, evidentemente, duma empresa de moldes comerciais. Obedecendo a um plano altruístico por natureza, representa grande esforço, talvez não pequeno sacrifício. Fundou-se com o objetivo especial de tirar da obscuridade ou do esquecimento, "da penumbra filia dum complexo de timidez e modéstia", obras literárias cujo êxito de divulgação se limita ao Paraná ou a grupos de intelectuais em cada uma das partes do Estado, quando, no entender da direção da Gerpa, deveriam tornar-se conhecidas em todo o Brasil. Do programa da sociedade constam estes períodos realmente sugestivos: "Um dos significados atribuídos ao nosso Marunbi, o pico mais alto que se ergue no sistema da Cordilheira Marítima, é: *Por aqui não se passa*". A nossa literatura, realmente, estancou nos contrabertos dessa montanha, contentando-se em disputar glórias domésticas e passar pelo rude crivo da crítica local, sempre cruel, negativista". O que, portanto, se pretende é fazer que as belas e dignas realizações da inteligência paranaense

na ordem literária vençam as barreiras que a má vontade dos aristarcos provincianos e a própria indolência timorata de poetas e prosadores lhes tem até agora erguido. Mas a campanha da Gerpa é ainda mais justa e intuitiva do que ela própria parece imaginar. Não se trata propriamente de criar o prestígio das letras paranaenses, mas sim de o resuscitar. Em verdade, já ele existiu e dos mais amplos que, de Norte a Sul do país, se afirmavam e dilatavam. A época dos irmãos Pernetta, Dario Velloso e outros — sem falar dos Rocha Pombo, os Nestor Victor, os Emílio de Menezes, que vieram vencer no Rio de Janeiro — tornou-se, no movimento nacional das idéias e da arte, verdadeiramente ilustre. Lançavam-se livros, mantinham-se revistas de alto espírito e vasta cultura, chegou até a formar-se uma legião de filósofos espiritualistas, destinada à propagação duma doutrina nova ou renovada de ciência e de fé. Na terra onde, no princípio do século, foram possíveis tanta atividade e tanto êxito, não deverá haver hoje — parece! — grande dificuldade em restabelecer, recriar tudo aquilo. Em tal sentido e na medida dos seus recursos está Gerpa trabalhando. Esperemos.

O prefácio da autoria do Sr. Durval de Moraes para o livro presente estende-se por cerca de trinta páginas. Não o anima simplesmente a intenção laudatória. É um estudo meticolosamente documentado, escrupulosamente refletido e em que se sente o propósito honesto de bem definir e bem explicar a individualidade em questão.

Scharffenberg Quadros foi bem um rimador do seu tempo. Veio encontrar o parnasianismo triunfante e a esse ideal de conceito augusto e requintada técnica se entregou com todo o ardor e todo o ímpeto da mocidade. A' mercê de certas fases da vida, certas influências recebidas no espírito ou no sentimento e que os títulos das algumas das partes deste livro suficientemente indicam: Canções natais, Versos da derrocada, Ciclo passionista, Humanidade, podem os seus versos evoluir um tanto para o lirismo, para o romantismo, para outra tendência mais moderna e então a pronunciar-se na poesia brasileira. A nosso ver, porém, a feição que, nos versos de Quadros, mais poderosamente se acentuou, e com mais direito a perdurar, foi a parnasiana. Citaremos apenas o soneto *Ofélia* que de certo Alberto de Oliveira não desgostaria de ter composto:

*Olhos cegos á luz da eterna madrugada
collados para o céu, sotto o cabelo ardente,
num berço de algas desce Ofélia inanimada,
como a flor do nelumbo, á tona da corrente.*

*Veio nimb' Li d'ouro a luz triste do poente,
e vesti-la de azul a tarde immaculada;
armou em seu caminho arcaria inoponente
de guirlandas em flor a floresta enlulada.*

*Ellos, wilis, anões, fadas, gnomes, em pranto,
chegam; gemem-lhe em torno as náiades, e o choro
cresce ao surdo clamor das ondinas; no entanto*

*ela sonha, absorta em suas núpcias de mágoas,
e ajasta-se, através daquela imenso côro,
ao trêmulo vai-vem monótono das águas.*

J. L.



MATERNIDADE "CANDIDA VARGAS" — Imprensa Oficial. — João Pessoa. — 1945

Acabamos de receber um exemplar da publicação ilustrada que o Governo do Estado da Paraíba vem de fazer a propósito da "Maternidade Candida Vargas", recentemente inaugurada em João Pessoa, construída pelo Estado com a cooperação do Governo Federal. Vê-se, pela exposição e em face do documentário fotográfico, que se trata de estabelecimento realmente amplo, moderno e dotado de todas as exigências técnicas relacionadas com o mister a que se destina.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará
aos seus cabelos. Escolha entre as 18
tonalidades diferentes da Tintura Fleury
aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Pega no nosso serviço técnico todas as instruções e solicita o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 23 - 2º. Fl.

Nome

Rua

Cidade



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

ESCRAGNOLLE DORIA

N^O século XIX houve uma floração de talentos precoces, logo colhidos pela morte. Prematuramente desaparecidos aqueles talentos, deles resta entretanto imorredoura lembrança.

Em passada época os jovens de inteligência madrugadora foram chamados meninos prodígios. No fim do próprio século XIX, aplicada a outras precocidades, a expressão reapareceu, tida como novidade quando velharia. Assim tanta, tanta coisa...

Para exemplificar talentos precoces do século transato basta escrever, de preferência a outros, os nomes Alvares de Azevedo e Castro Alves. Que espíritos madrugadores, que pouca licença de viver tiveram!

Tal licença foi negada a Francisco Bernardino Ribeiro. Nasceu nosso quando presente no Brasil a Corte de Lisboa transigrada para o Rio de Janeiro, onde D. Maria I e seu filial procurador régio, o Príncipe Regente, Alteza Real com todos as prerogativas de Sua Magestade.

No fim do Primeiro Reinado, Bernardino Ribeiro principiava vida de adolescente. Em breve Pedro I sahiria do Brasil, deixando atraz de si, entre criações de governo, a fundação dos Cursos Jurídicos, equitativamente instalados no Norte e no Sul, em Olinda e São Paulo, cidades de regiões em tudo opostas.

Propondo-se a estudos superiores, vencidos os secundários ao que parece em Seminário carioca, Bernardino Ribeiro dirigiu-se ao Curso Jurídico de São Paulo.

Custar-lhe-ia de certo separação da família. Ir a São Paulo era difícil, que o dissesse Pedro I. Após o teatral estacar de montaria no Ipiranga e no Sete de Setembro, dias e dias D. Pedro galopára, sob sol e chuva, para alcançar o Rio de Janeiro onde o esperava corôa imperial.

Em 1850 era Bernardino Ribeiro primeiro anista no Curso Jurídico de São Paulo quando a corôa imperial de 1822 já se desfimava na cabeça do Homem da Independência.

Bernardino Ribeiro encontrava no Curso Jurídico uma seriação de cadeiras e matérias que vigoraria por muitos anos.

Alem de condiscipulos transferidos da Universidade de Coimbra, Bernardino Ribeiro achava no Curso Jurídico uma congregação de lentes graduados em leis pela universidade portuguesa. O próprio diretor do Curso, o tenente general Arouche, tanto podia vestir bôca como aurejar em bordados de farda de alto posto.

A estudantes de 1850 cabia apenas estudar. Sem tardança Bernardino Ribeiro o compreendeu incitado por grande desejo de saber. Atirou-se aos livros, a expressão é de giria academica.

Conheceu o juvenilissimo calouro as peias do ensino obrigatorio, o das chamadas de presença às aulas — quarenta faltas importando perda de ano. Alem das arguições orais, das dissertações escritas, tudo a compellir pelo menos a assiduidade, ao habito do dever exigido e cumprido.

Nem por isto a mocidade estava tolhida de manifestar sua caracteristica alegria. E dava-lhe boas largas em cidade que principiava a ser universitaria como o seria por tantos decenios.

Com aplauso e premio de aprovações honrosas, Bernardino Ribeiro chegou ao quinto ano de estudos jurídicos e sociais em 1854.

Participava de turma por muitos academicos notavel, por outros distinta. Apenas

FIRMINO RODRIGUES SILVA, O AUTOR DA NENIA A FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

Bernardino Ribeiro recebeu o grão de bacharel logo almejou o de doutor. Para tanto, em 1855 achou-se em presença da congregação do Curso Jurídico e dos arguentes por ele incumbidos de examinar defesa de tese. Nesta a um só cumpria resguardar-se de argumentações e objeções muitas vezes de alçapão, para descida do candidato "a redondo" espichar.

A aprovação plena, a maior do tempo, corôu o merito de Bernardino Ribeiro. Para confirmal-o da urna de votação só saíram bolas brancas.

No momento o Curso Jurídico oferecia a candidatos uma vaga de professor substituto. Encerrada inscrição de concurso, candidato unico se apresentou a certamen. Bernardino Ribeiro, havia dois dias doutorado. Clegas de turma dele, e que colegas, Ramalho e Crispiniano, desistiram de concorrer, quando se iam já aniciando os grandes juriscultos que acabaram sendo.

A 22 de Dezembro de 1855, o dr. Francisco Bernardino Ribeiro, unanimemente aprovado, era lente substituto do Curso Jurídico, dependente do Ministerio do Imperio, na ocasião titular da pasta o deputado Limpo de Abreu.

O novo professor tinha, a conta foi feita, vinte anos, cinco mezes e dez dias de idade.

A 11 de Janeiro de 1856, por voto academico, carinhosamente alcunhado de Mestrinho, Bernardino Ribeiro tomava posse de cátedra. Em breve, substituindo ocasionalmente o catedratico de Direito Criminal, Dias de Toledo, Bernardino Ribeiro proferia lição inaugural, que fez época, e figura em antologias, mesmo de recente data.

Bernardino Ribeiro tanto sabia usar da palavra como da pena, fundador de sociedade literaria, a *Philomatica Paulistana*, fundador de revista academica, colaborador de imprensa desse carater, redator de gazeta politica, *A Voz Paulistana*, interessante notar como Bernardino Ribeiro, o fluminense, se apaullistara.

Moço, será surpresa dizer que o Mestrinho poetou? No São Paulo de então nascera de pouco Alvares de Azevedo, no talento precoce e na morte prematura de tantas afinidades com Bernardino Ribeiro.

Sem nenhuma comparação com a Musa de Alvares de Azevedo, a Musa de Bernardino Ribeiro a este inspirou versos liricos e até humoristicos, do ultimo genero os temo o composto Alvares de Azevedo.

Tudo prenunciava a Bernardino Ribeiro carreira de felicidade e brilho, já no mag. t rio superior, já na advocacia, e quem sabe mesmo se na politica, para a qual o inclinavam ideias liberais sustentadas na *Voz Paulistana*.

Excessos de estudos prejudicaram porem a saude de Bernardino Ribeiro, de complexão delicada. Almeida Nogueira alude "a molestia congenita".

Fosse qual fosse, adiantou-se em cortar vida promissora a julgar por sua aurora. Numa poesia de Bernardino Ribeiro encontra-se este verso:

...se vises já sentis perto a morte,

verso applicavel ao próprio poeta e seu destino.

Ao expirar, Alvares de Azevedo voltado para o genitor lhe disséra: Que fatalidade, meu pai!

Poeticamente havia exclamado Bernardino Ribeiro:

...não percamos

Os bellos annos, que ora desabrocham

Por outra fatalidade, os bellos annos de Bernardino Ribeiro mal puderam desabrochar.

No Curso Jurídico, Bernardino Ribeiro tornára-se amigo e protetor de joven estudante, Firmino Rodrigues Silva, futuro jornalista eximio, na carreira politica chegando ao Senado do Imperio.

Firmino era quinto anista em 1857, anno da morte de Bernardino Ribeiro. Ferido de dôr pelo passamento do guia, do amigo, do protetor, Firmino compoz uma nenia fadada a exemplo do genero nas letras nacionais. Nestas Erato, a musa da elegia, tem sido sempre pouco solicitada apesar do fundo melancolico do brasileiro, de alegria mais disfarçada que real.

A longa nenia á memoria de Bernardino Ribeiro é grande amostra de poesia americana, a par da sagração do amigo arrebatado pela morte segundo Firmino mostrava Bernardino Ribeiro

*Um não sei que de amavel no semblante
Que vel-o era prezal-o; — a fronte augusta
Trahia o genio que alma lhe acendia*

E dirigindo-se à Patria, dizia a esta o poeta, falando de si mesmo:

*Tambem um filho teu, oh! minha patria
E o melhor dos amigos hei perdido.*

Nossa poesia elegiaca conta reduzidos cultores, Firmino, Pedra Branca, Araújo Vianna, De Simoni, com maior ou menor cópia de versos inclinados sobre a saudade de entes caros.

De Simoni passou a vernaculo *Carmes Epistolares* de seu compatriota italiano Ugo Foscolo. Fagundes Varella enriqueceria a poesia nacional com o *Cantico do Calvario*, admiravel nenia escrita ao turvar das lagrimas de pai chorando filho.

Por outro sentimento, a amizade, Firmino Silva engrandeceu saudade de amigo e protetor. A nenia do academico quinto-anista foi logo bem acolhida não só pelos apreciadores de Bernardino Ribeiro como pelos que em peças poeticas estimam a beleza da forma secundando espontaneidade da inspiração.

Datada de São Paulo, a 15 de Setembro de 1857, a Nenias á memoria de Bernardino Ribeiro, impressa em folhas volantes, foi reproduzida na integra pelo *Diario do Rio de Janeiro* no seu n. 77 de 7 de Abril de 1841. Os versos de Firmino Silva eram dedicados e consagrados "à Illma Sra D. Bernardina Rosa Ribeiro", mãe do malogrado Mestrinho cujo passamento tanto consternára classe academica.

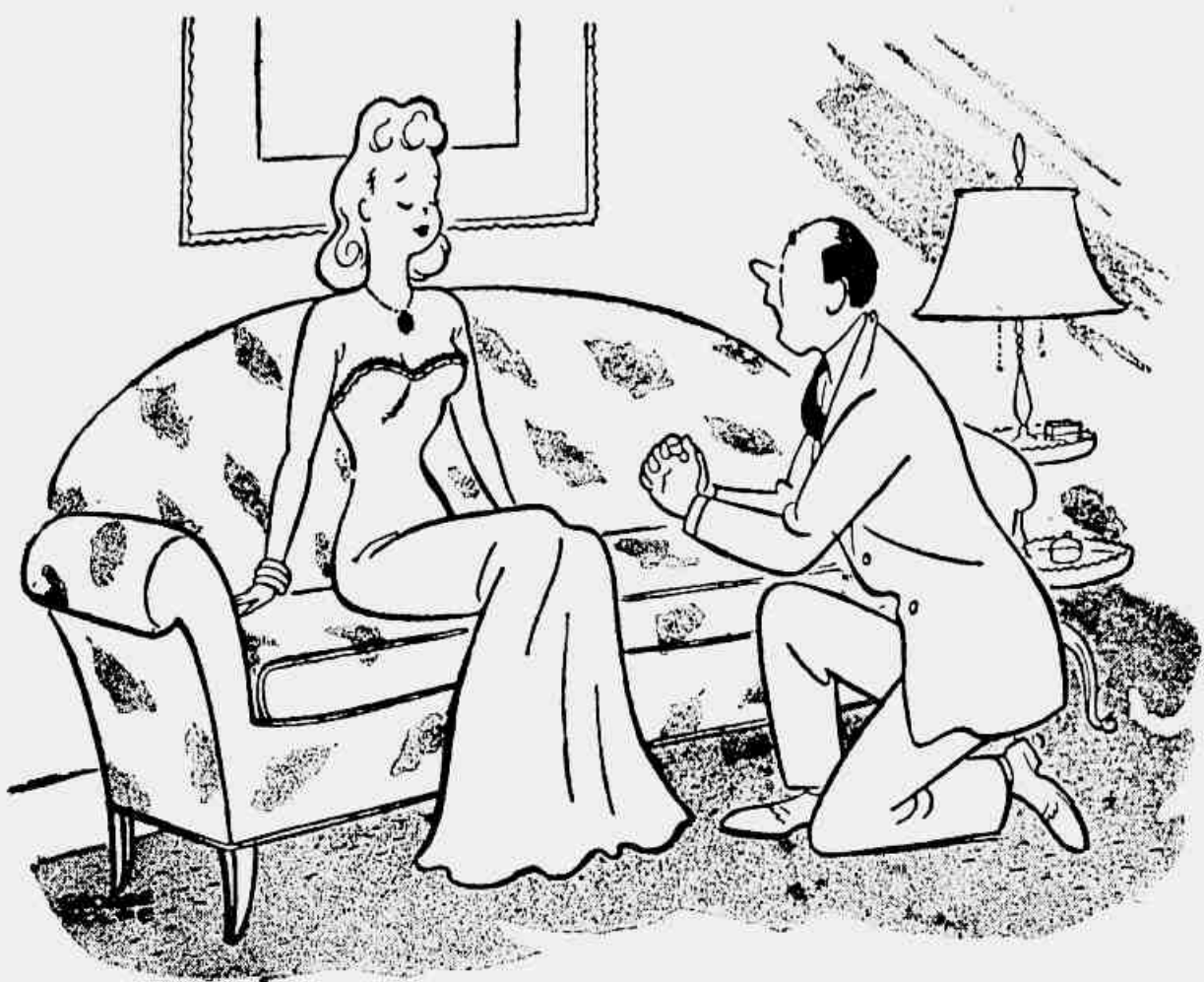
A Nenias de Firmino rompe com estas palavras: "Nichteroy, Nichteroy", Almeida Nogueira dizendo Bernardino Ribeiro nascido na cidade de tal nome em 1815. Espere-se prova, natalicia e cronologica.

Ao sabido, e mormente ao repisado, faz-se mistôr, quanto possivel, acrescentar coisa ignorada. Talvez o seja o documento infra, colhido em registro paroquial a certificar data mortuaria, local de sepultura e circunstancias do obito de Bernardino Ribeiro.

"As dezoove dias do mez de Junho de mil oitocentos e trinta e sete, na freguezia do Sacramento da Sé e na rua do Rosario faleceu com os Sacramentos de Penitencia e Extrema Uncção o Doutor Francisco Bernardino Ribeiro, filho legitimo de Francisco das Chagas Ribeiro, casado, foi amortalhado em habito de São Francisco, a Borla e o Capello de sua Formatura junto do habito do mesmo Santo, encomendado de licença no convento de Santo Antonio, de que fiz este assento que assigno".

O documento a esta o espirito cavalheiro integral de Bernardino Ribeiro. Nele o saber reforcava-se em Deus. Ao passar da vida presente á da eternidade, o Mestrinho teve da religião viatico, veste humilde, encomendação, en en em sagrado. Mas não deixa de ser original que a um habito franciscano se tenha aliado, para o descer á terra de Bernardino Ribeiro, "A Borla e o Capell de sua Formatura".





— Fala, amor! Dá-me o "sim"... eu eu comprarei um par de patins e me suicidarei!



WILL JOHNSON



— O "best seller" que mais se vendeu, e pelo qual paquei com mil dólares, era um livro de receitas culinárias!

DE
BOM
HUMOR



— Chi... Estou com uma dor de cabeça...

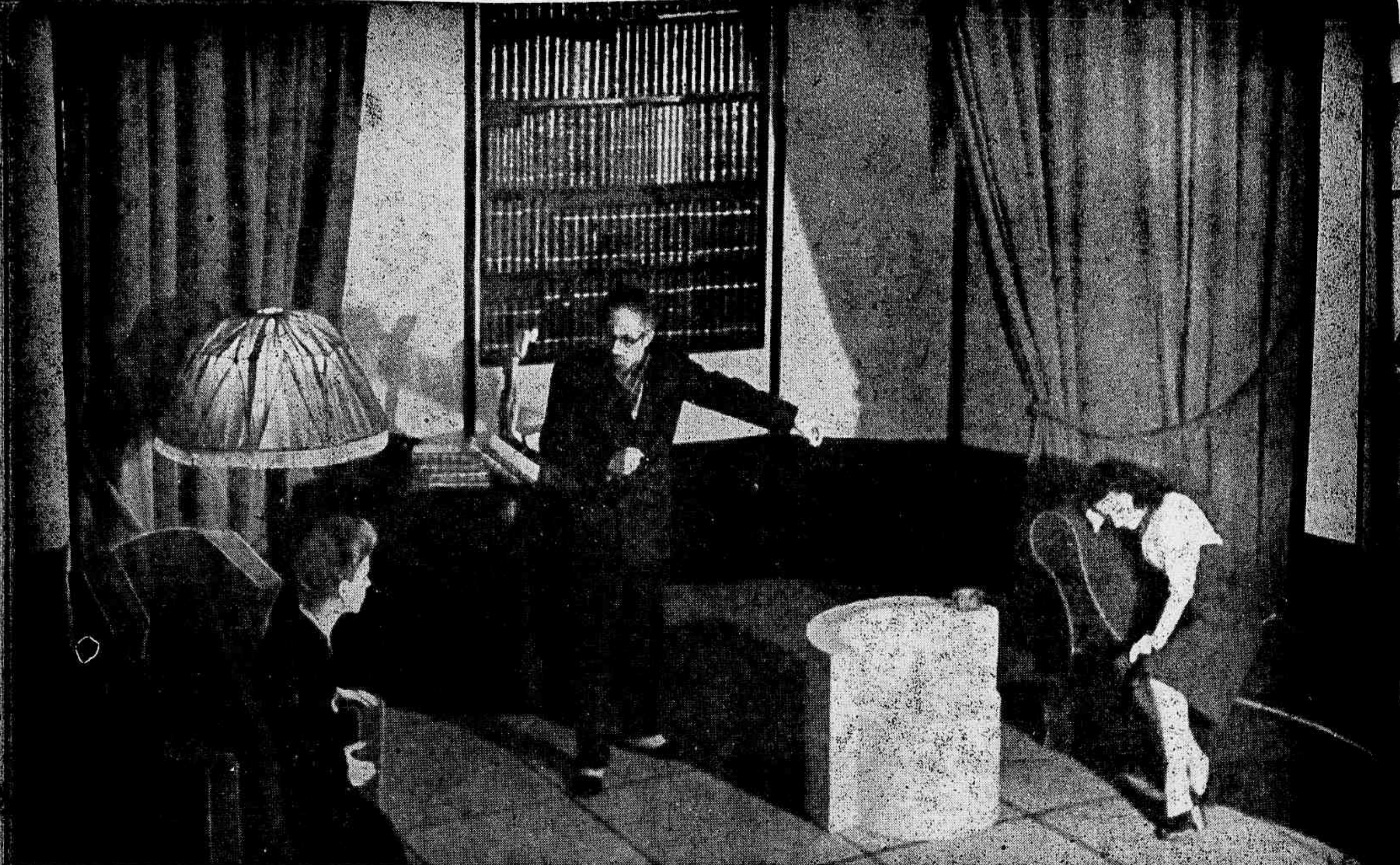


— Pelo que estou vendo, alguns destes objetos são por demais trágicos, não são, queridinha?



RECKAS

— Como é, minha irmã? Por quanto tempo ainda terei de te distraíndo o seu namorado?



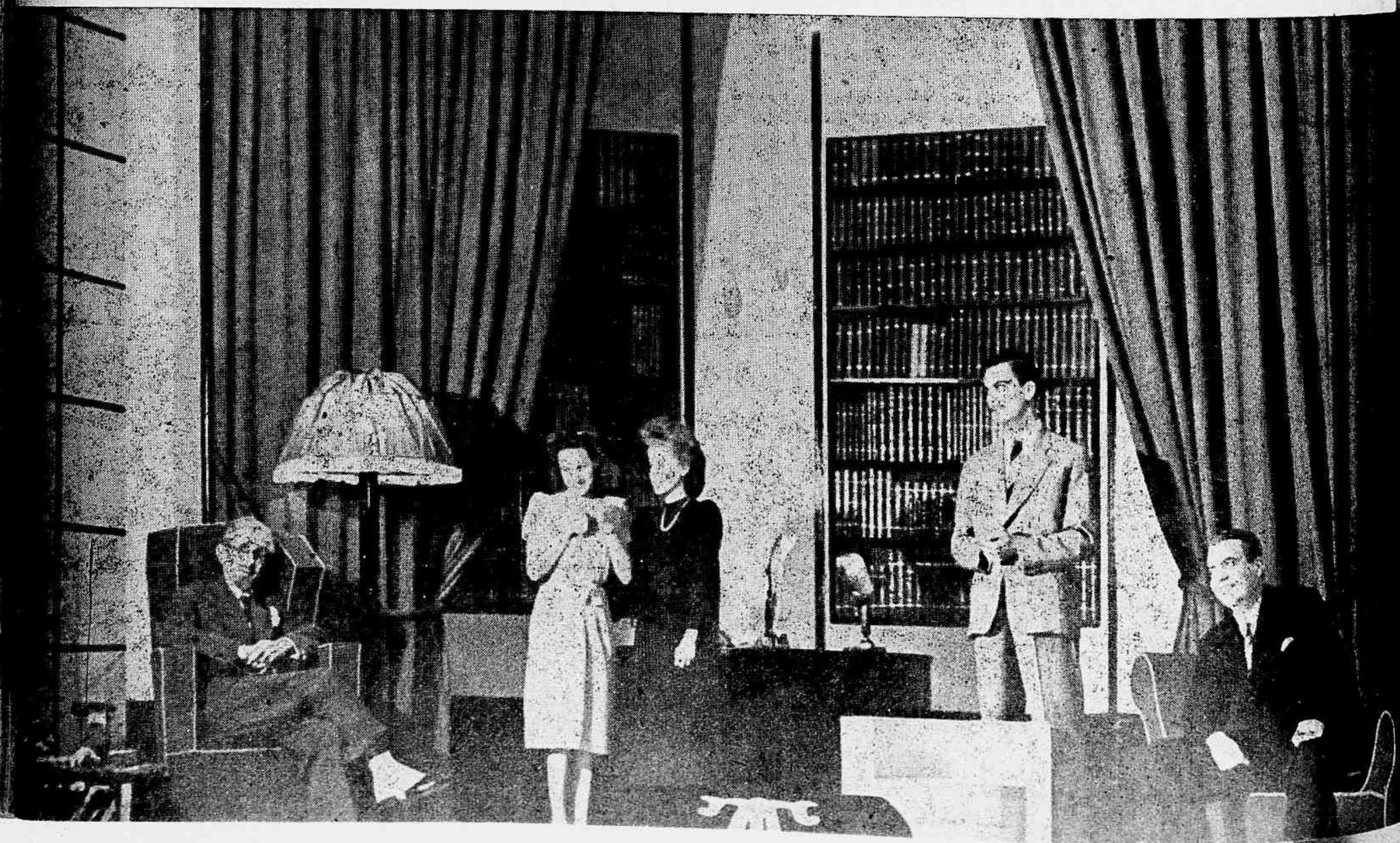
UM EMPREENDIMENTO DE ARTE — Renato Viana e o seu Teatro Anchieta, da Escola Dramática do Rio Grande do Sul, vão estrear agora em nossa Capital. Sua temporada na capital gaúcha constituiu um legítimo acontecimento de arte, traduzido nos comentários da crítica local e nos aplausos do público. "Conseguiu Renato Viana realizar um de seus mais acalentados sonhos de arte: artistas novos para um teatro de arte e de expressão", disseram os comentaristas porto-alegrenses.

RENATO VIANA E O TEATRO ANCHIETA

Com a peça de sua autoria "A comédia sexual", Renato Viana iniciará uma temporada de fim de ano no Teatro Ginástico, prometendo, a seguir, outros grandes espetáculos. Teremos, assim, "Crime e Castigo", de Dostoi-ewsky; "Casa de Bonecas", de Ibsen, que agora mesmo está sendo apresentada em versão cinematográfica argentina, aqui no Rio; "Em família", de Florencio Sanchez; e ainda "Jesus está batendo à nossa porta", do dramaturgo Renato Viana. Nestas páginas, alguns flagrantes da peça de estréia, tal como

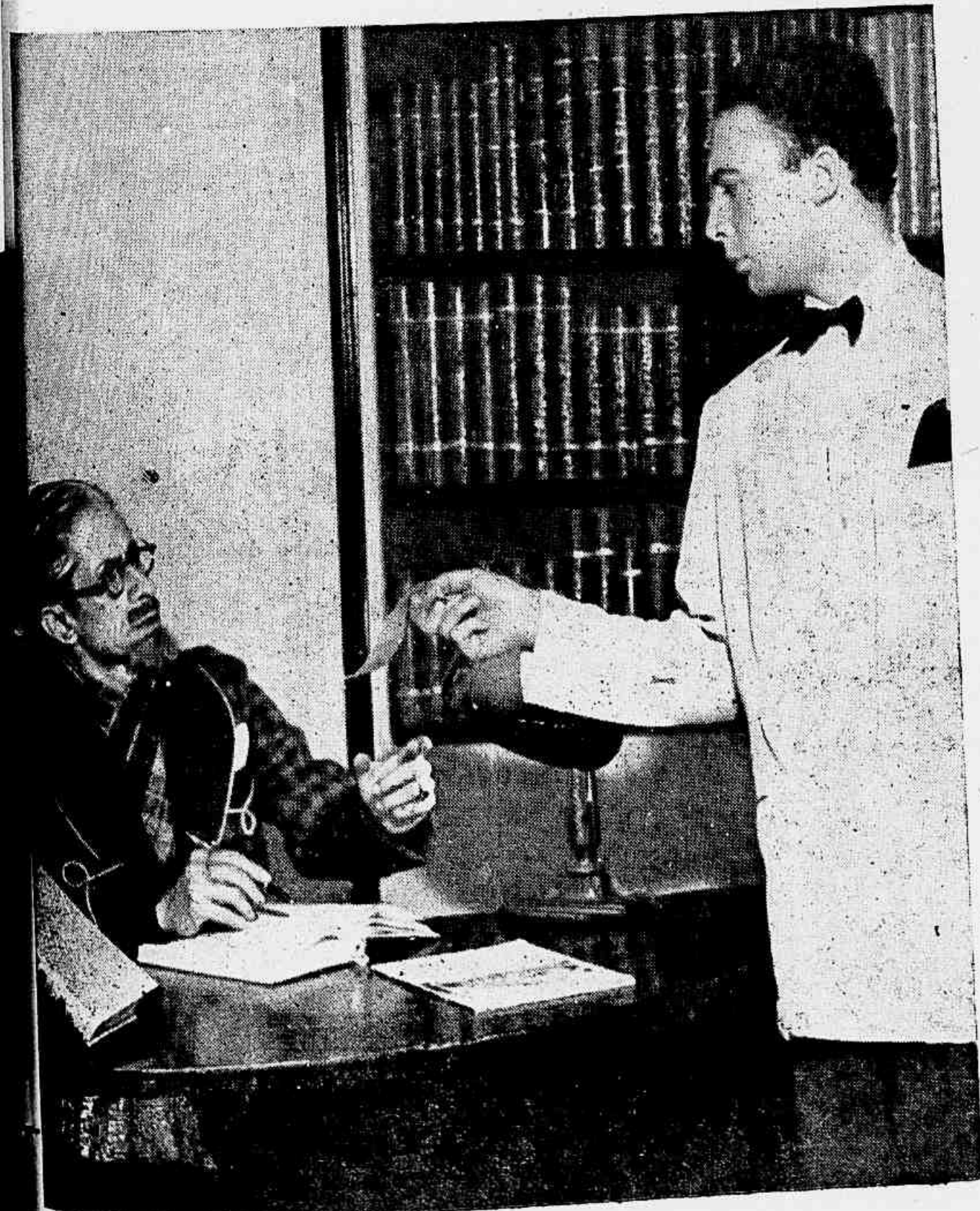
foi apresentada no palco de um teatro gaúcho, aliás com esmerada montagem e rigorosa "mise-en-scène". As características do teatro de Renato Viana são inconfundíveis. Trata-se de um experimentado homem de teatro, cuja atuação tem sido um marco decisivo. No Rio Grande do Sul, o dramaturgo patricio encontrou ultimamente o melhor "clima" para a realização de seus antigos ideais de arte, e o resultado dessa atividade sucessiva em várias temporadas, é o que agora é nos proporcionar.

"A COMÉDIA SEXUAL" será a peça de estréia, de autoria do próprio orientador do Teatro Anchieta. Na gravura superior Joice Oliveira, Maria Caetana, filha de Renato, e o próprio Renato Viana, vivendo um dos instantes principais desse seu novo original que vai ser agora dado a conhecer à platéia carioca. Na inferior, outros intérpretes: Luciola Barros, Flavia Pessoa, Renato Viana, Mauro Magalhães e Oto Pedro, em outro momento culminante da mesma peça.





A PEÇA E OS INTÉRPRETES — Um bom repertório, apresentado por um bem orientado conjunto de intérpretes, exibindo rigorosas montagens cênicas — eis o que nos promete para este fim de ano movimentado o teatro de Renato Viana, um velho lutador da nossa cena dramática. Aqui estão dois outros momentos de "A Comédia Sexual". Ao alto, Maria Caetana e Renato Viana no "climax" da peça que vai ser agora estreada. Em baixo, ainda Renato e Gastão Nogueira, outro artista novo e promissor, que agora entrará em contacto com a platéia da Capital da República.



Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se descoloca

A sua dentadura postica cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras posticas. Conserva-as mais firmes na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

90-B



Vida Nôva, Vigôr e Vitalidade

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormonais masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social cujo nome é **PANSEXOL**.

Um tônico estimulante indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral

das reservas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigor. **PANSEXOL** existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. **AUSTREGÉSILO**
Remetemos, pelo reembolso postal
Cr\$ 25,00 o vidro

Produtos Panvital - Rua da Estrela
n.º 6 - RIO DE JANEIRO

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros,
utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— **Altófalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.**

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

HEMORRHOIDAS? tome

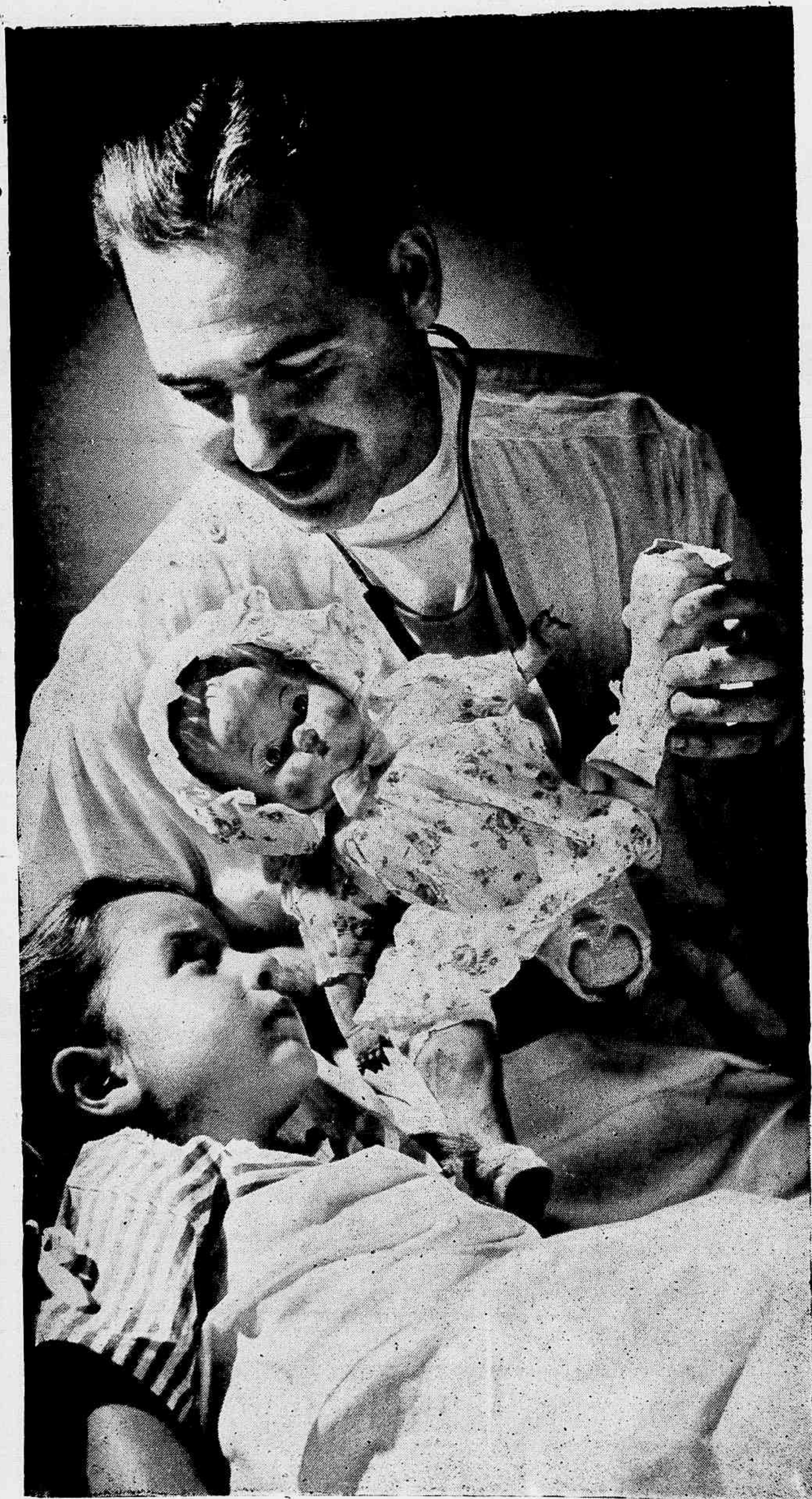
EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO?

Use **AURIS-SEDINA**

Missão de piedade...



É difícil imaginar o sofrimento humano antes do advento do éter. Talvez nenhuma outra contribuição isolada tenha maior significado para milhões de pessoas em todo o mundo. Porque o éter é uma droga verdadeiramente misericordiosa.

Há quase um século o dr. E. R. Squibb aperfeiçoou o método de preparar éter indiferente à ação do tempo e que satisfizesse às exigências da aplicação clínica. Atualmente a Casa Squibb conta também com um sistema de acondicionamento do éter que lhe garante a estabilidade e a eficácia. Eis porque os médicos há tantos anos confiam no Éter Squibb... eis porque tão grande proporção do éter usado no mundo é produto de Squibb. Os mesmos elevados padrões de qualidade e perfeição distinguem todos os produtos Squibb. É por isso que tantos produtos Squibb figuram no receituário do médico e nas prateleiras da farmácia. E é por isso que todos querem ter em casa os produtos Squibb, para a defesa da saúde e do bem estar dos entes amados.

☆ ☆ ☆ ☆

E. R. SQUIBB & SONS

Químicos Farmacêuticos desde 1858

Destacam-se entre os produtos Squibb: Penicilina - Sulfonamidas - Anestésicos - Anti-venéreos - Vitaminas - Hormônios - Dentífricos e outros preparados medicinais para o lar.

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

☆ ☆ ☆ ☆



A temporada oficial de 1945 continua a se caracterizar pela grande afluência aos "meetings" programados para os sábados e domingos no mais belo prado do mundo. Os ilustres estrangeiros que já tiveram ocasião de visitar o maravilhoso Hipódromo da Gávea, têm levado o seu nome e a sua fama aos mais remotos pontos do Globo, e é esta uma das razões pela qual tôdas as reuniões contam com a presença de uma assistência cosmopolita e fina, representante genuína da elegância mundial. Nesta página, flagrantes da assistência ao "meeting" de domingo último.

JOCKEY CLUB MUNDANO





PARA OS DIAS DE VERÃO

Aqui estão algumas sugestões para vestidos de verão. O primeiro, à esquerda, a partir de cima, é um gracioso modelinho em "toile" natural, inteiramente adornado com pespontos de linha vermelha. A seguir, um vestidinho simples, todo branco, também pespontado, cuja saia abre em pregas na frente, o que lhe dá uma graça especial. Logo após, o terceiro, em tecido de algodão azul pálido. Bolso bem no alto da blusa, circundados por um desenho em costura inglesa. Grandes pregas que se estendem da blusa até a saia. Fecha este vestido uma fila de botões dourados. Os três modelos de baixo consistem: no primeiro, em estilo esporte, confeccionado em linho rosa; aplicações pespontadas da mesma fazenda; cinto granat. No segundo: em linho verde pálido, inteiramente abotoado na frente; nervuras partindo dos bolsos. Finalmente o último também com nervuras.

PARA O "COCKTAIL"

Aqui têm as nossas leitoras um esplêndido conjunto de "toilettes" para a tarde ou para uma visita de cerimônia. Os dois modelos de cima, adornados com rendas e "strass", são mais próprios para a noite. Os restantes estão mais adequados para uma tarde, para um chá, para a "matinée" de um teatro, ou para uma recepção mais íntima durante o dia.

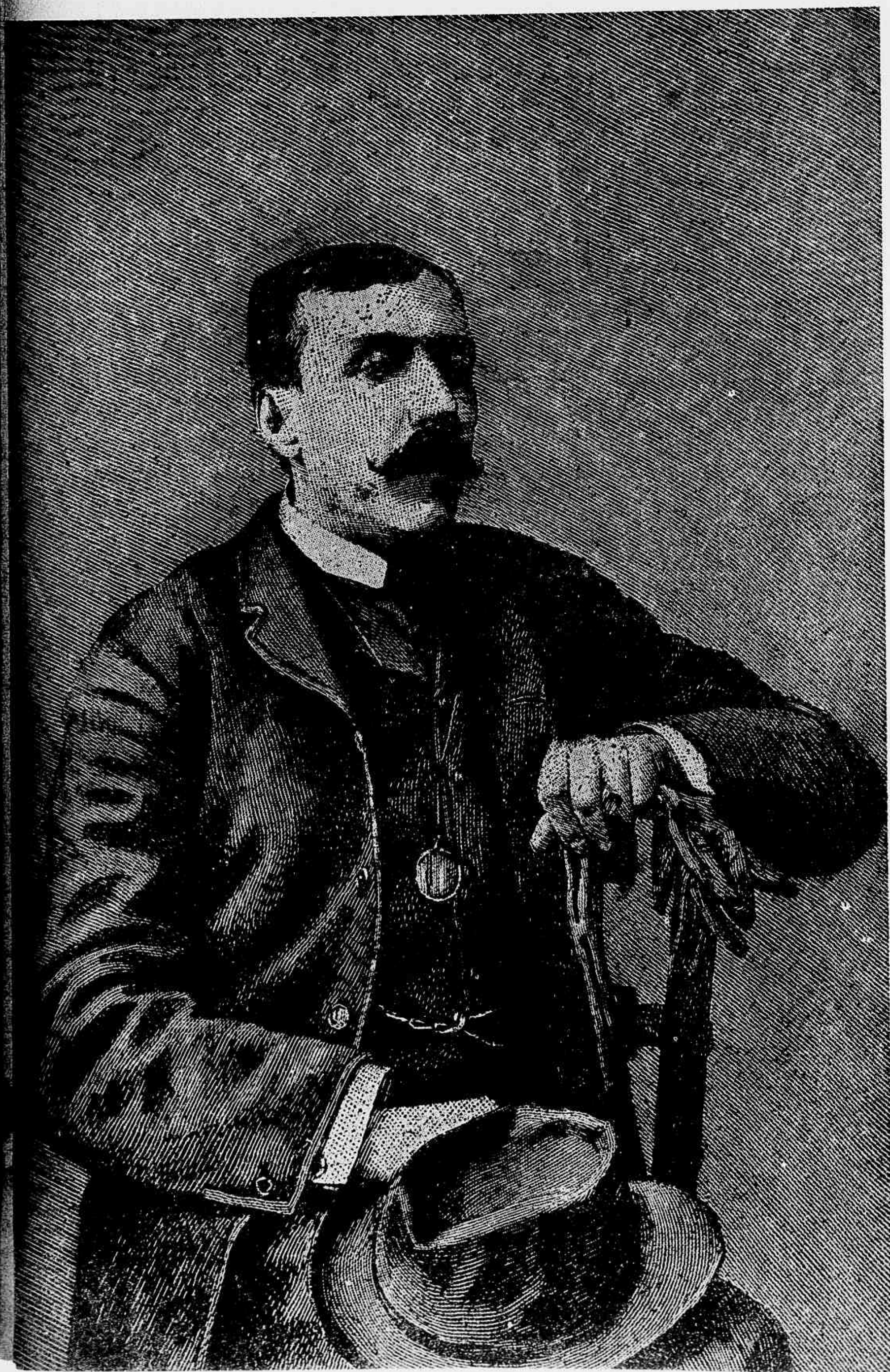


PARA O CHÁ

Eça e a perspectiva de seus romances

São inúmeros os livros editados no Brasil e em Portugal, à margem da obra de Eça de Queiroz e do próprio Eça. Alvaro Lins participou de maneira brilhante nesse empreendimento com a "História Literária de Eça de Queiroz", da qual reproduzimos, nestas páginas, um interessante capítulo sobre a perspectiva dos romances do autor de "Os Maias", exatamente quando vão em curso as festividades do centenário de seu nascimento, a registrar-se agora, dia 25:

Um retrato pouco conhecido de Eça de Queiroz, cliché gravado em madeira e publicado em 20 de agosto de 1888, em "A Ilustração" de Paris, com uma crítica sobre a aparição de "Os Maias". Tratava-se de uma publicação editada em português, embora circulando na Cidade-Luz.



COM a *Cidade e as Serras* Eça coloca-se do outro lado do *Primo Basílio* e dos *Maias* e aproxima-se da *Morgadinho*, de Julio Diniz, com o mesmo problema literário e humano. Já este deslocamento de posição é quasi que uma vergonha.

Também com a *Ilustre Casa de Ramires* o romancista Eça de Queiroz acaba. O escritor ainda está intacto mas sente-se que o romancista encerrou a sua carreira. Não será razoável, então, falar muito em "morte prematura" a propósito de Eça. A morte, quem sabe, foi para ele uma chance e talvez que diante dela o esportista Labert pudesse repetir: "Toujours de la chance, te Queiroz".

O único meio — meio piedoso que não exclua a justiça — de não considerar a *Cidade e as Serras* um livro de decadência será desclassificá-lo do genero romance e integrá-lo na categoria de um ensaio — a forma que desde o conto *Civiliz* ção este tema parece procurar como a sua maneira mais lógica de expressão. Um ensaio sobre as serras portuguesas, as paisagens campestres, os costumes simples do interior, o colorido das árvores, a força telúrica das coisas, a sugestão do que é bárbaro e primitivo. E para um efeito mais decisivo e mais contundente — as serras colocadas diante da cidade, da maior de todas as cidades.

A categoria de ensaio fica mais evidente em face da ausencia de outros elementos: o enredo não existe e as figuras são de uma extrema miséria de vida. Penso um momento nesta circunstancia: o desaparecimento de todos os personagens da *Cidade e as Serras*. Pois bem: sinto que esta supressão radical não alteraria o sentido do livro nem o modificaria substancialmente.

Jacinto e José Fernandes valem tanto como o "202" ou como o solar de Tormes. Estão na cidade, estão nas serras — com a mesma colocação decorativa das peças do "202" ou das paisagens do campo. Simples instrumentos de argumentação e de descrição. E em todo o livro a única individualidade, aparecendo sempre rapidamente, é a sugestiva figura do grão duque Casemiro.

Eça, ele mesmo, parece que não pensou nos personagens e deixou-os todos numa posição secundária. Mesmo os principais são formados de retalhos de traços reminiscências, esbatidas e amareladas, dos tipos que já havia levantado. Jacinto é um pouco Fradique e um pouco Carlos Eduardo — um Fradique que não apanhou o resfriado mortal e que se cansou da civilização. José Fernandes, um João da Eça que perdeu o poder de reagir à vida pelo *humour* e que faz reflexões amargas e comuns sobre Paris (Esta ausência do humor é, aliás, outro sintoma da significação da *Cidade e as Serras* na obra de Eça).

A crônica da família de Jacinto também é um resumo frouxo da dos Maias: o avô de Jacinto vai para o exílio, fugindo às lutas miguevistas; o pai de Jacinto, débil e franzino, morre cedo; Jacinto educa-se por intermédio do avô. Até no detalhe das amizades e das relações assemelham-se. Diante da amizade de Jacinto e José Fernandes surge logo a lembrança de Carlos Eduardo e João da Eça. O "202", por sua vez, sugere a lembrança de um outro "Ramalhete" enriquecido pela mecânica. Mas Jacinto, acumulado por fora com tantas qualidades superiores, o que ele dá muitas vezes, com o seu salto infantil do pessimismo mais sombrio ao otimismo mais vulgar, é a impressão dum pobre diabo. Um otimismo tão vulgar o de Jacinto que até o realismo do Eclesiastes parece-lhe uma horrenda deformação da bondade e da beleza dos seres...

Nem mesmo o que dá uma idéia de novo neste livro será realmente uma novidade. O sentimento de repulsa e de horror com que o autor se coloca aqui diante da vida das cidades, dos seus vícios, das suas convenções, dos seus artificios — é o tom permanente de todos os seus livros, principalmente o *Primo Basílio* e os *Maias*.

No entanto os que detestam estes dois livros, os que falam, com amargura, de "uma primeira fase de Eça de Queiroz" tomaram posse, como donos legítimos da *Cidade e as Serras* — o ensaio contra a cidade. Mas não é Eça, como se vê, quem muda de posição. São os leitores que não se portam com inteligência e coerência. E por que? Talvez porque, neste caso, a cidade visada não é Lisboa mas Paris... E Paris está longe, e não tem nada que ver com o "patriotismo" de certos leitores de Eça.

Eles podem argumentar, é possível, que a situação



"Os Vencidos da Vida" o famoso grupo de intelectuais portugueses do século XIX, vendo-se, da esquerda para a direita, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro, este ainda sem as suas barbas clássicas.

não é bem esta. Que a preferência surge do sentimento de amor à terra portuguesa que salta destas páginas—amor expresso no tom virgiliano com que descreve as paisagens de Tormes. Mas não será toda obra de Eça—uma obra de amor? Em que páginas deixou de se exprimir com paixão? Talvez, e sómente, em algumas páginas da *Cidade e as Serras*, nas quais se sente que o tom não é propriamente virgiliano mas enfático e cansativo.

E' visível que só neste romance é que Eça perde a naturalidade e o domínio das palavras. O que é inevitável por este motivo: esta obra, que pode ser pessoalmente muito sentida e muito sincera, apresenta-se, do ponto de vista artístico e literário, a única obra "falsa" de Eça de Queiroz. Um sentimento pessoal muito intenso constitui quase sempre, para a realização artística, o peor empecilho. Será sempre mais fácil descrever o que sentimos de longe ou pela superfície do que os objetos que se identificam conosco pelo amor. Da mesma maneira que as palavras fogem quando queremos falar das desgraças caídas sobre as nossas cabeças, o escritor perturba-se ao transportar para o romance o ambiente ou o drama, muito vívidos e muito sentidos na vida de todos os dias. E' o caso da *Cidade e as Serras*—a obra "falsa" de Eça. Tão "falsa" que, não podendo sugerir ou exprimir artisticamente, ele procura tudo definir pelo abuso do afirmativo totalisante das palavras em maiúsculas. Tão "falsa" que só não se fala em decadência, diante dela porque um capítulo, isolado da obra, lembra o "verdadeiro" Eça de Queiroz: o capítulo do aniversário de J. e Fernandes.

A *Cidade e as Serras* é, no entanto, o livro diante do qual os "patriotas", os eternos discípulos de Pinheiro Chagas, permanecem babados de gozo. Falam no arrependimento de Eça, em resposta à primeira fase, em ato de contrição—em tudo o que é grato aos que querem fazer da arte um instrumento de patriotismo.

Admita-se que a arte seja este instrumento. A molificação de Eça no sentido da *Cidade e as Serras* terá sido um progresso, um avanço, a entrada em um novo caminho? Bem se pode ver que não foi. Mesmo exigindo-se que a obra de arte seja um serviço ao seu

país, uma espécie de imposto ao Estado, mesmo dentro do absurdo—Eça serviu Portugal, muito melhor, com o *Primo Basílio* e os *Maías*.

Até mesmo a descrição das paisagens da *Cidade e as Serras* só contém novidade na extensão, o que é uma novidade sem consequência. Elas não são mais belas nem se revestem de mais realidade artística do que as outras: as da *Ilustre Casa de Ramires*, por exemplo; do que as paisagens de Cintra, que levantou justamente no seu livro considerado mais destruidor: *Os Maías*. O resto, a ternura da visão, nem será preciso uma revolução intelectual e íntima para explicar. A velhice mesmo, tão simples, explica esta ternura.

A extensão e a insistência no descritivo, diga-se logo, não foram das coisas mais favoráveis ao escritor, como mostra muito bem este trecho que nem chegou a revêr nas últimas provas: "O tempo que andara pela serra tão alegre, num inalterado riso de luz rutilante, todo vestido de azul e ouro, fazendo poeira pelos caminhos, e alegrando toda a natureza, desde os passaros até os regatos, súbitamente, com uma daquelas mudanças que tornam o seu temperamento tão semelhante ao do homem, apareceu triste, carrancudo, todo embrulhado no seu manto cinzento, com uma tristeza tão pesada e contagiosa que toda a serra entristeceu".

Mas, ao menos, neste romance, diria um Pinheiro Chagas: Eça conclui; Eça contrina em favor das serras portuguesas; Eça demonstra que o interior de Portugal é melhor do que a melhor cidade do mundo.

Ainda, nesta argumentação, será possível, e prudente, hesitar. O amor de Jacinto pelas serras forma-se como um derivativo e como uma consequência; não vem delas mesmas. E' o tédio de uma situação que o leva a outra. Mas o tédio de Jacinto origina-se de uma condição excepcional e privilegiada: Jacinto pôde concentrar no "202" o máximo de conforto, de progresso e de civilização para depois se cansar de tudo isso. Pôde realizar a sua fórmula perfeita de progresso e quando terminou não tinha mais na la que fazer. O que significa: o amor das serras vem do desencanto da cidade. O que significa, ainda: para amar as serras é preciso ter

sido antes Jacinto, o que constitui uma necessidade difícil: exige a posse de uma fortuna fora do comum e de uma desembastada fantasia. E' um amor que fica caro demais, e quasi inacessível.



Caricatura de Francisco Valença, feita para o "In-Memorial".

CONFUSÃO

Continuação da pág. 31

brecinho. Entretanto sabia que, enquanto fossem dois, poderia contar com a fidelidade da esposa, que não saberia decidir-se. Robert, entretanto, imaginou o perigo que correria se ela subitamente descobrisse o eleito. O dilema entre dois possíveis amores era a maior garantia da impossibilidade de um "caso". O marido suspirou.

A maior surpresa, entretanto, ainda não aparecera. O pior ainda não viera.

Chegou o dia da visita. O chá estava pronto. A sogra sem saber o que fazer, o marido sombrio, e Jeannette nervosíssima. Tocou a campainha. Jack e David! Meu Deus!

A sogra levantou-se da cadeira e foi olhar de perto. O marido caiu sentado e não quis olhar de perto. Jeannette, ao contrário, adiantou-se, com os olhos muito arregalados.

Diante deles estava Jack, belo como sempre, sorridente, alegre. Ao lado David. Não, a sombra de David.

Jack riu.

— Pobre David! Vocês estão espantados. Foi numa luta. Ele levou um soco no rosto, que chegou a perder todos os dentes e quebrou o osso do nariz.

David ensaiou um sorriso triste. Jeannette voltou-se novamente para Jack. Seu coração

batia mais depressa, um rubor subiu-lhe ao rosto. O rapaz notou tudo isso e disse, de si para si: "Não quis casar-se comigo. E agora... talvez".

O marido porém adivinhou-lhe os maus pensamentos. Das profundezas da poltrona em que se deixara cair, levantou-se como um raio. Jack era um tipo atlético; Robert, ao contrário, nunca praticara esportes. Parece que foi a surpresa do ataque que lhe garantiu a vitória. Num só golpe fulminante, os dentes do moço saltaram. O osso do nariz quebrou-se. O incidente terminou na polícia. Nunca um prisioneiro foi mais feliz do que Robert. Passou dois dias na cadeia, sendo solto mais tarde, porque a esposa arranjara o dinheiro para a fiança. Restabelecera-se o dilema? Não. Não havia mais perigo. Os dois gémeos ti-

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham e estufam. Solte o seu fígado e volte a sentir-se abastado e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não elimina a causa. Neste caso, as Pímulas Carter para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Crd 3,00.

nham perdido a aparência fulgurante e agora estavam novamente em igualdade de condições... mas estas eram deploráveis. Jeannette deixou de se inquietar. A sogra suspirou. Exultou o marido. Os gémeos partiram. Acabou-se a história.



Não se descuide da terrível

PIORRÉIA

De cada 5 pessoas
- 4 podem contrai-la

Milhares de pessoas estão sendo ameaçadas pela devastadora Piorréia, com o horrível encolhimento das gengivas e afrouxamento dos dentes.

Observe o aviso da natureza. Gengivas sensíveis, gengivas que sangram um pouco quando V.S. escova os dentes, são os sinais de perigo.

Proteja-se agora contra a Piorréia usando o método experimentado Forhan's. Faça massagem nas gengivas e escove os dentes duas vezes ao dia com FORHAN'S, o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorréico do Dr. R. J. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram melhoras positivas em apenas 30 dias de uso deste tratamento simples.

Visite seu dentista com regularidade. Siga seus conselhos. E comece hoje mesmo a usar Forhan's, para dentes mais limpos, brilhantes e são e gengivas mais firmes.

Escove os dentes com

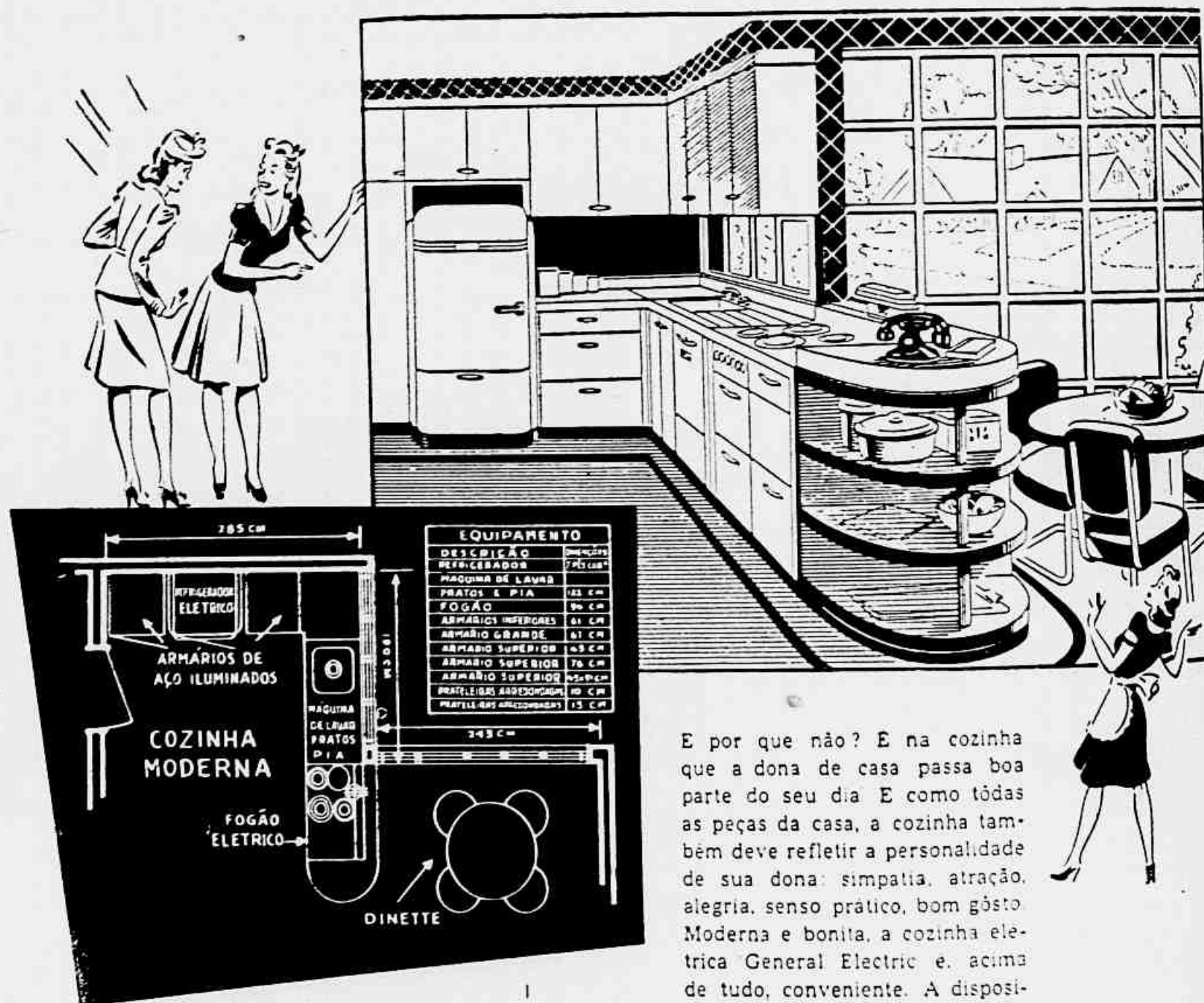
Forhan's



"Não espere sofrer de piorréia para usar Forhan's — use Forhan's e evite a piorréia"

4FP3

Faça chegar à cozinha o sôpro da renovação



● A General Electric terá o máximo prazer em colaborar graciosamente com V. S., estudando uma cozinha elétrica G. E. que se adapte ao seu orçamento e espaço disponível. Tanto para novas construções como para reformas.

Ouça "FESTIVAIS G. E." às 4as. feiras, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, às 20.30. PRE-8 (ondas médias, 980 kcs) PRL-7, (ondas curtas, 30.86 metros). Um programa sempre novo e sempre do agrado de todos.

E por que não? E na cozinha que a dona de casa passa boa parte do seu dia. E como todas as peças da casa, a cozinha também deve refletir a personalidade de sua dona: simpatia, atração, alegria, senso prático, bom gosto. Moderna e bonita, a cozinha elétrica General Electric é, acima de tudo, conveniente. A disposição racional do fogão elétrico, do refrigerador, do lava-pratos, das mesas e armários, da iluminação fluorescente, adapta-se a qualquer tamanho, forma e tipo de cozinha. Torna mais leve e mais agradável a lida cotidiana. Ponha-se de acordo com sua época e sua geração, personalizando sua cozinha segundo seus desejos e necessidades: possua uma cozinha elétrica G. E.

● Mais uma oferta da General Electric: "BAZAR FEMININO" com Helena B. Sangirardi, todas as quartas-feiras às 16 horas pela PRE-8, ondas médias da Rádio Nacional.

COZINHA TÔDA ELÉTRICA

GENERAL ELECTRIC

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 33 — 2.º Lda

A CARTA

(Continuação da pág. 19)

— Sim. Separada do marido, que vive em Boston. Também é ator.
 — Muito bem. Mande chamar o marido.
 — Mas ele vive em Boston e já apuramos que não saiu de lá.
 — Mande chamar o marido, por favor. E lembre-se: vai ficar devendo mil dólares a este seu criado.
 — Veremos.
 — Exatamente. Veremos.

★

O'Malley andou desaparecido um certo tempo. Quando Adams chegou a Nova York mandei chamá-lo. Ele apareceu para o interrogatório.

— Sr. Adams?
 O marido da "estrêla" levantou-se e encarou O'Malley.
 — Quería saber por que me fizeram vir de Boston até aqui.
 — Para interrogá-lo.
 — Que tenho eu com isso?
 — E' marido dela, não é verdade?
 — Era, de fato.
 — Muito bem. Conhece esta letra?
 — E' de minha mulher. Já vi este bilhete. Mostraram-me assim que cheguei.
 — Tem certeza de que é de sua mulher?
 — Sim.
 — Pois um perito me informa que é a letra de uma moça de dezenove anos mais ou menos, loura, alta, bem educada, que estuda canto. Confere?
 — Como pode um perito saber tudo isso vendo somente um bilhete?
 O'Malley encarou-o.

— Confere?
 O outro mexeu-se na cadeira, nervoso.
 — Se o senhor se refere à minha esposa, ela era alta, morena, tinha trinta e dois anos e não cantava.
 — Tem certeza?
 — Lógico.
 O'Malley fingiu surpresa.
 — E' curioso...
 — Mais alguma coisa?
 O'Malley, subitamente cheio de deferências, disse:
 — Não quero incomodá-lo mais por hoje. Quando volta a Boston?
 — Já que vim, resolvi passar uma semana em Nova York.

— Ótimo. Deixe seu endereço aqui, por favor.
 Adams sorriu com ar de superioridade. Mas notava-se que interiormente ele estava perturbado.

★

Foi no dia seguinte que O'Malley me apresentou uma moça desconhecida. Era uma jovem de uns dezenove anos mais ou menos, loura, alta, muito polida.
 — Mil dólares e uma ordem de prisão!
 — Está louco, O'Malley?
 — Não. Quero mil dólares de uma aposta e um mandato de prisão para Adams.
 — Adams?
 — Se você não o prender muito depressa, ele fugirá.

★

— A explicação é bem simples.
 — Nesse caso, queira explicar.
 — Naquela noite de fevereiro, Adams disse que estava com sono e retirou-se para seu quarto no hotel, em Boston. Colocou à porta um sinal "Não perturbem" e saiu.

A maior rendição

(Continuação na pag. 26)

a marinha nipônica ou lançado bombas atômicas. Sem isso, a ameaça ao Japão permaneceria como coisa remota e o esgotamento de suas fontes não seria tão cabal.

Na verdade, o estudioso de história pode, talvez, ver no curso da guerra contra o Japão, a reversão ao tipo primitivo de guerra, na qual evitava-se a batalha e a posição dominante era ocupada pelas vantagens que podia oferecer. Foi Frederico, o Grande, que modificou os padrões antigos, e foi Napoleão quem estabeleceu as novas formas de guerra. Mas é estranho encontrar-se agora o Japão recorrendo ao processo primitivo. Provavelmente, os senhores da guerra esperavam como que preservar seus quadros para outra guerra, com sua capitulação antes que fossem completamente batidos nos campos de batalha. As medidas aliadas, porém, não permitirão a concretização desses sonhos quiméricos.

pelos fundos. Chegou a Nova York às duas horas da manhã...

★

A campanha estava tocando. Pela segunda vez naquela noite Evelyn Adams foi abrir a porta.

— 'ohn!
 — Deixe-me entrar, Evelyn.
 Ela afastou-se e abriu a porta. Não tinha medo.
 — Evelyn, quando eu pedi divórcio pela primeira vez, queria a minha liberdade, sem outro motivo. Agora é minha felicidade que eu quero. Estou noivo.
 — Muito imprudente. Vai cometer bigamia?
 — Não. Por isso preciso que você me conceda o divórcio...
 — E' inútil.
 — Você nunca me deu seus motivos.
 — Não aprovo o divórcio.
 — Não basta para justificar uma recusa como esta.
 — Pois bem, quer saber a verdade? E' para castigar você. E' para que você sofra um pouco do que eu sofri nas suas mãos. Eu, que adorava a você...
 — Evelyn!
 — Você pensa que foi pouco o que me fez sofrer? Bêbado, bruto; traiu-me com todas as mulheres que lhe deram confiança...

Não pôde acabar de falar. Um tiro abafado pelo ruído de um trem que passava perto soou. Ela caiu numa poça de sangue.

★

— O fato dêle ter saído de Boston clandestinamente, prova a premeditação. Ele ia preparado para matá-la — terminou O'Malley.

— Mas, e o bilhete?
 — Foi escrito pela noiva e era a despedida, o rompimento, quando soube que ele era casado.
 — Mas...
 — Ele levou o bilhete. Ninguém conhecia a caligrafia da mulher. Que fez? Colocou a lista de canções, também escrita pela noiva, cantora, no apartamento. Assim parecia que a caligrafia era de fato de sua mulher.
 — Mas como você descobriu tudo isso?

— Procurei um pedaço de papel. Fui ao apartamento de Evelyn, procurei o lugar onde ela poderia ter escrito o bilhete. E' lógico que quando a pessoa escreve, o traço da pena reproduz as asperezas da superfície sobre a qual o papel está colocado. Nenhuma das superfícies do apartamento poderia ter sido utilizada para escrever aquele bilhete. Daí concluí que tinha sido escrito fora. Procurei as amigas de Evelyn. Não era letra de nenhuma delas. Procurei Lovering e seu círculo mais íntimo. Não era letra de ninguém ali. Procurei o círculo de Adams e descobri que ele tinha sido visto com uma moça cuja descrição dei a ele, supostamente, como se tivesse sido fornecida por um perito. Ele descobriu logo que havia alguma coisa e escreveu para a noiva dizendo que não se comunicasse com ele. Eu estava vigilante e pela carta soube o endereço dela. O seu testemunho prova que foi quem escreveu o bilhete. Há mais, porém. A lista apresentada também foi escrita por ela. E ninguém afirma que Adams permaneceu em Boston. Apenas se sabe que ele foi para o quarto dizendo que ia dormir. Confrontado com tudo isso ele confessou a verdade.

Pensei que o caso estivesse encerrado, mas justamente naquele momento O'Malley voltou-se para mim e disse:

— A propósito — começou — por falar em dinheiro (quem tinha falado em dinheiro?) onde estão aqueles mil dólares?

Suspirei. Tirei do bolso o livro de cheques. O'Malley deu uma gargalhada.

COMO O SOL
 DÁ VIDA À NATUREZA,
ANTISARDINA REALÇA
 A SUA BELEZA



ANTISARDINA, o creme que
 não rejuvenesce, prolonga
 a mocidade da CÚTIS.

— Palpites! Palpites!
 Irritado, repliquei:
 — Vá para o inferno!
 Ele continuou a rir.

OPORTUNIDADE QUE OFERECEMOS

MOVEIS PASCHOAL BIANCO

PRONTO PARA ENTREGA

MODELO CONGONHAS CR\$ 14.000,00

AV. RANGEL PESTANA 1646-1670

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de todas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

PARA A TARDE

Donna Reed, a graciosíssima figurinha da Metro, aqui está com uma originalíssima "toilette" negra, onde se destaca o adorno da saia em feltro de avental. Para as apreciadoras das novidades bizarras, este modelo de Donna Reed deve causar sensação.



STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Mande medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência do seu Correio pelo Reembolso Postal. Peçam catálogos. Fábrica de Jóias "Azteca" - Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro.

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA

PREFIRA
AGUA DE COLONIA LEGÍTIMA
MARCA
RION
UMA COLONIA CLÁSSICA



Rion



AGUA DE LAVANDA
RION
TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER

O canto de Araponga

(Continuação da pág. 31)

elas uma araponga. O novo vizinho, mais baixo do que o an-



DIAGNÓSTICO PRECOCE DA GRAVIDEZ PELO EXAME DE URINA
Exames de sangue, oculto e leuc. Vacinas antigênicas
Laboratório CURVELLO DE OLIVEIRA
Rua São José, 85, 4.º andar. Selem 485-488
(Edifício Camêlarias) — Fone 22-2717

Pés doridos?

Este sofrimento se reflete nas rugas de seu rosto!



Obtenha alívio imediato com um Remédio ou Aplicação do Dr. Scholl! Custo reduzido.

Faces sulcadas pela dor; indisposição; nervos cansados; fadiga; falta de energia; menor capacidade de trabalho — estes são apenas alguns dos resultados nocivos que pode causar um mal nos pés. Liberte-se deste sofrimento! O Dr. Wm. M. Scholl, famoso cientista e autoridade em males dos pés, criou um remédio, uma aplicação ou um Suporte de Arco para o alívio de cada mal-estar nos pés. À venda nas drogarias, sapatarias, perfumarias e várias outras lojas em todo o mundo. Seu custo é reduzido. Procure a marca Dr. Scholl.

ARCOS DÉBEIS

Foot-Easer Dr. Scholl e exercícios apropriados aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nos pés e nas pernas, quando devidos aos arcos fracos ou caldos.



CALOS DORES NOS DEDOS

Os Zino-pads Dr. Scholl aliviam imediatamente os calos, eliminando a pressão do calçado. Macios e acolchoados, impedem a formação de calos e bolhas d'água.



CALOSIDADES

Os Zino-pads Dr. Scholl, em tamanho especial para calosidades, aliviam a dor, suavizam a pressão sobre o ponto dolorido. Despreendem, rapidamente, e extirpam as calosidades.



JOANETES

Os Zino-pads Dr. Scholl, tamanho especial para joanetes, protegem as articulações sensíveis e dilatadas, eliminando a pressão do calçado.



PÉS QUENTES E CANSADOS

O Balmão Pédico Dr. Scholl dá alívio imediato, eliminando a ardência e o cansaço dos pés muito doloridos.



JOANETES

O Redutor de Joanetes Dr. Scholl, de borracha macia, elimina a dor causada pela pressão do calçado, corrigindo-lhe a deformação e mantendo sua forma.



UNHAS ENCRAVADAS

O Onixol Dr. Scholl é excelente contra o sofrimento causado pelas unhas encravadas. Suave emoliente, permite que as partes inflamadas sejam removidas.



Exames e conselhos grátis sobre todos os males dos pés. Pedicuros científicos sempre à disposição.

SUORTES DE ARCO-REMÉDIOS ORIGINAIS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFORTO DOS PÉS

RIA SÃO JOSÉ, 111 - RIO

RUA AROUCHE, 71 - SÃO PAULO

tigo, mas ainda assim um homem remarcadamente alto — e sobretudo (era de uma largura de ombros desenfreada!) remarcadamente forte — chegou quando seus pertences já estavam todos postos direitinho em casa. Entrou, para tornar a sair minutos depois, em mangas de camisa, com uma placa que foi pregar todo prosa no portão. Não precisei pensar muito para concluir que era um homem de profissão liberal; são esses os que usam invariavelmente, e presun-

çosamente, placa no portão. Entretanto fiquei curioso: qual das tão numerosas profissões liberais ele exerceria? A engenharia? A medicina? Ou quem sabe se a advocacia? Se fôsse um advogado poderíamos trocar idéias em latim... Imaginei-me conversando em latim com o novo vizinho; que engraçado isto seria! De qualquer forma seria original. Esperei ardendo de impaciência que ele acabasse a operação, o que não demorou muito. Assim que entrou ganhei a cal-

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

Com ESMALTE LALAUQUE suas unhas brilham como joias!



Nas cores:

- Branco
- Rosa natural
- Rosa rubra
- Rosa coral
- Rosa antigo
- Cardinal
- Ruby
- Cyclamen
- Grenat

ESMALTE
Lalauque

Protege e embeleza as unhas!
É econômico, de fácil aplicação e muito duradouro.



A VENDA
EM TODO O BRASIL

J. Ferraz

çada e, devagarinho, como quem não quer nada, fui ver a placa. Chegado diante do portão estaquei bruscamente. Um suor gelado inundou-me o corpo, e meus olhos se arregalaram horrorizados! A placa dizia simplesmente o seguinte:

"Alamiro Canabrava — Criador de Arapongas"

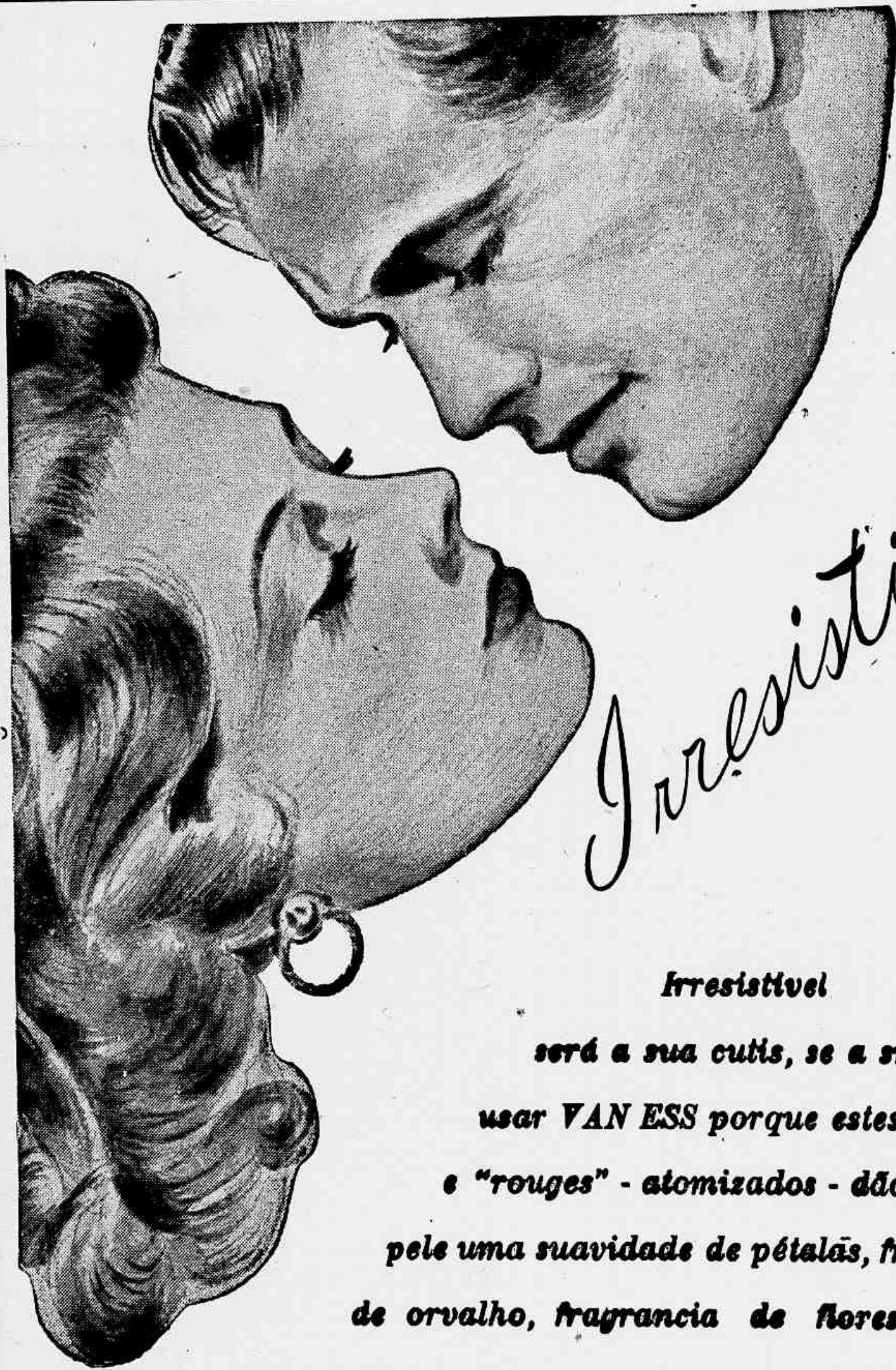
Um azar tão tremendo pareceu-me impossível! E eu me recusaria terminantemente a acreditar nos dizeres da placa, se no mesmo momento, confirmando-

os, não parassem diante do portão dois colossais caminhões, abarrotados de gaiolas de arapongas. Corri para casa, arrancando desesperadamente os cabelos, ansioso por enfiar a cabeça em baixo do travesseiro, em baixo de dois travesseiros, em baixo do colchão, de forma a não ouvir, ou pelo menos a suavizar quanto abençoadamente possível a cantoria pavorosa que na certa dali a pouco começaria. Mas, chegado à varanda, mau grado meu, não pude entrar. Como acontece com as pessoas que assistem aterradas a um desas-

tre, sem conseguir desviar os olhos angustiados do que se passa, também eu não conseguia desviar os meus das arapongas. Permaneci sob um arco da varanda, como pregado ao chão, mudo, imóvel, enfeitiçado, vendo os homens dos caminhões descarregarem as gaiolas e transportarem-nas para a casa, em cuja parede exterior, que dois deles cobriam ativamente de pregos, eram penduradas. Con-tei-as uma a uma transido de horror: "apenas" cento e cinquenta!...

Gaiola atrás de gaiola, os ca-

minhões esvaziaram-se e em seguida partiram, deixando, tal qual em um encantamento atroz, a casa transformada num fabuloso arapongal. Era arapongal p'ra todo lado! Da frente aos fundos, do telhado ao chão, não se avistava um reduzido metro da liquidada parede da casa, apenas gaiolas, e gaiolas, e mais gaiolas, e dentro de cada uma sempre as deslumbrantes penas brancas e verdes dos pássaros, dos lindos pássaros, dos pássaros traíçoeiramente lindos — dos patifes dos pássaros!...



Irresistível!

Irresistível
será a sua cutis, se a sr.
usar VAN ESS porque estes pós
e "rouges" - atomizados - dão à
pele uma suavidade de pétalas, frescor
de orvalho, fragrancia de flores...

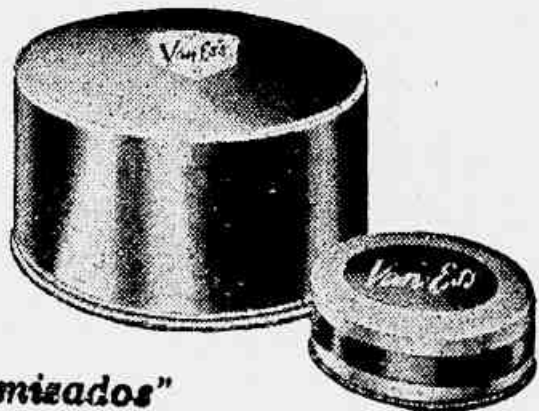
VAN ESS embeleza... convida... enfeitiça...

pó de arroz e "rouge"



Van Ess

"atomizados"

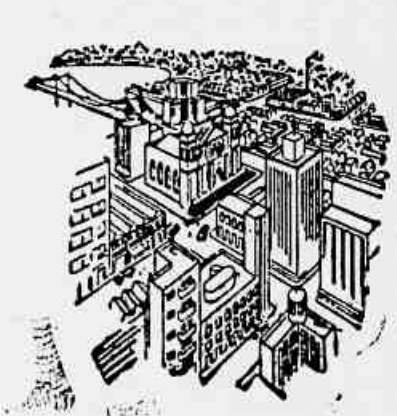


★ Use também o batom VAN ESS, em diversas tonalidades da moda e à base de "ceras volúas", que suaviza, protege e embeleza os lábios.



CREME DENTAL
ATLAS

50 anos de proteção à Família Brasileira



— Uma cidade de 14.000 casas poderia ser construída com os seguros já pagos pela SUL AMERICA em seus 50 anos de existência

★

Sul America
COMPANHIA RACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA
Cidade Postal 913 - Rio de Janeiro

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Quando a última gaiola foi pendurada murmurei sumidamente:

— E' agora!

Certos silêncios causam medo... O silêncio que antecede uma tempestade é dêsse; já presenciarei a um silêncio assim, sobre o Amazonas, antes de uma tempestade tremenda, a mais tremenda de quantas se tinha memória na região. A lúgubre impressão que êsse silêncio me deixou, embora decorridos mais de dez anos dêsse fato, ainda se conserva violentamente gravada no meu espírito. No rio, muito calmo, não quebrava uma onda, no ar não ecoava o grito de um pássaro, no próprio barco em que eu viajava ninguém ousava falar. Parecia que os sons tinham todos desertado da terra! E quando por fim a tempestade veio, com todo o ímpeto terrível do aguaceiro, com todo o estrondo apavorador dos trovões, com toda a fúria devastadora do vento, não conseguiu me causar sequer a décima parte da impressão que o silêncio me deixara.

O silêncio que antecede a uma batalha ainda é pior. Há tempos conheci um sujeito que me disse ser polonês e ter estado na batalha de Karpol, travada em 1941 entre russos e alemães, na qual participara do lado russo, integrando um regimento de poloneses livres. Segundo me informou êsse sujeito, Karpol é uma aldeia, pequenina e ignorada, situada sobre a colina do mesmo nome, num trecho ermo, sombrio e ardiloso da estrada Viasma - Moscou. Explicou-me que essa batalha fôra pouco co-

nhecida do mundo — mal aparecera no noticiário dos jornais! — porque durara apenas quatro céleres dias. Mas as revistas militares se referem a ela — onde realmente se jogou a sorte de Moscou, e portanto a sorte da Rússia — como a mais intensa de toda a campanha, sem exclusão sequer da celebrada batalha de Stalingrado. Para se calcular a ferocidade terrível dessa batalha, basta se saber que durante seu desenrolar só a artilharia russa disparou mil granadas por segundo — ou seja sessenta mil por minuto! O silêncio que a precedera fôra simplesmente medonho. Tão medonho que êle não chegara propriamente a tomar parte no combate: aniquilado pelo silêncio, era, antes mesmo de reben-

tar o primeiro tiro, conduzido para um hospital da retaguarda, e dado como definitivamente incapaz para o serviço militar pelos psiquiatras do hospital — donde estar agora no Brasil. Posteriormente vim a saber que nunca houve batalha de Karpol, pela simples razão de que não há entre Viasma e Moscou, ou em qualquer outro ponto da imensa Rússia, aldeia ou colina com aquele nome. O tal polonês nunca estivera na Rússia, nunca estivera na Polônia, não era sequer polonês. Era apenas brasileiro e muito mentiroso. Mas isso não impede que o silêncio que êle me descreveu fôsse realmente terrível!

Para mim, contudo, nem o silêncio que antecede à tempestade de mais furiosa, nem o silêncio



que antecede à batalha mais cruenta — realmente travada ou não — nem outro silêncio qualquer, perturba tanto quanto o silêncio que precede à gritaria apavorante de cento e cinquenta arapongas.

(Continua na pág. 55)

Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Agua de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz

O sonho côr de rosa dos perfumes!

A VENDA
EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

OS comprimidos
DE
Piralgina
GRANADO

LIVRAM
DE QUALQUER
DOR

GRANADO & C.
FABRIL DE FARMACIA
RIO DE JANEIRO

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA



DIABETE -- OBESIDADE -- MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas de secreção interna. METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edifício Góes — R. Álvaro Alvim, 27-2.º and. sala 38 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 18 às 18 h.

BRONZISOL
ANTISOLAR

De Mme. Campos

FIXA UM LINDO BRONZEADO NATURAL

A VENDA EM TODA A PARTE

S O I R É E

CUTIS CANSADA



e sem viço

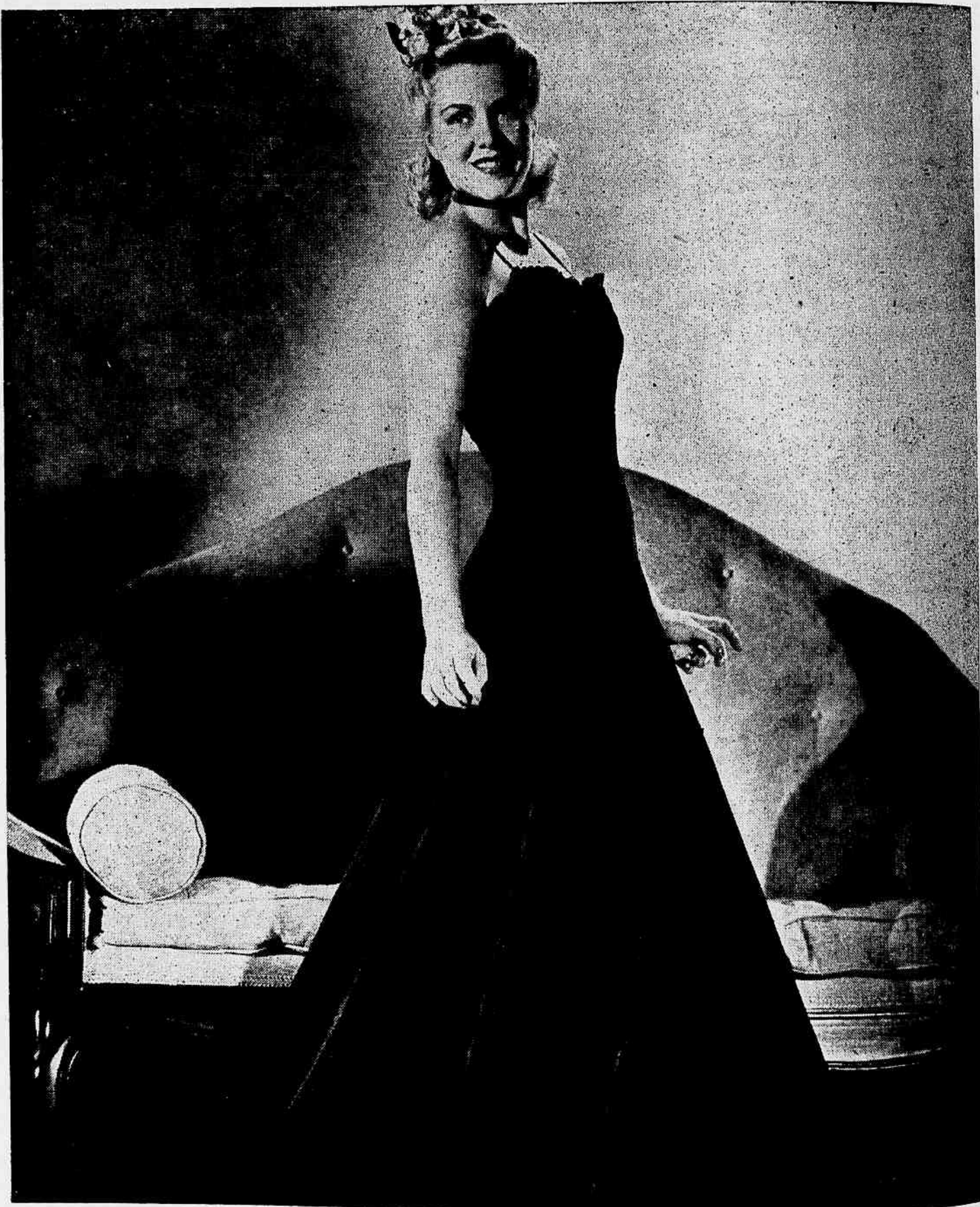
As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

**CREME
RUGOL**

Alvim, & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Tafetá negro com incrustações de veludo negro realizam esta magnífica "toilette", em que a graça radiante de Claire Trevor, da RKO, se destaca esplendidamente.



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

O canto da Araponga (Continuação da pág. 53)

Liquidar um homem!

Durante segundos tremendos mantive-me em expectativa aflita, aguardando a todo momento que os pássaros comessem-se então outros segundos, de expectativa ainda mais aflita, em que eu roía nervosamente as unhas. Depois vieram outros em que, desesperado, já sem unhas para roer, eu mordida ferozmente o pulso — e babava!... Quanto tempo o suplício durou, ignoro. Só sei que a um dado momento (contaram-me isto depois) levantei-me, corri para a casa do vizinho, esmurrei-lhe furiosamente a porta e, quando ele a abriu, agarrei-o pelos ombros e o sacudi com toda a força de que era capaz, gritando desvairadamente:

— Ou essas arapongas começam a cantar já, já, para eu endoidecer de uma vez, ou eu te mato, ouviu bem? Mato-te!

Completamente surpreso, o homem só teve um pensamento: livrar-se de mim. Primeiro o tentou com palavras, brandamente: "O senhor me largue; mas afinal de contas do que é que se trata? Vamos, acalme-se e explique-me tudo direitinho". Depois, vendo que palavras não resolviam, serviu-se de um meio mais enérgico, de eficiência logo comprovada: afastou-me um pouco com uma das mãos, e com a outra desferiu-me um vigoroso soco no queixo, que me atirou no chão, inteiramente atordoado... Aí apressou-se a buscar um copo com água de flor de laranjeira, que me obrigou a beber em goles compassados... O calmante, atuando rapidamente sobre meus nervos esgotados, fez-me voltar sem demora a mim — e prorrompi aliviadamente numa copiosa crise de choro. Então, entre soluços desconsolados, contei angustiadamente ao vizinho, com todos seus penosos detalhes, minha triste história, a vida venturosa que eu levava na minha casinha tranquila; a chegada do homem da araponga; as semanas martirizantes que o pássaro me fizera passar; meus esforços infrutíferos para me mudar; o dinheiro que ganhara no bicho e que entregara ao homem; minha alegria quando ele partira, e agora meu irremediável desespero por estar morando não mais ao lado de uma, mas de cento e cinquenta arapongas!

O vizinho ouviu-me em atento silêncio, balançando vagarosamente a cabeça para cima e para baixo, como a mostrar que me compreendia perfeitamente, que me dava toda a razão. Quando acabou bateu afavelmente no meu ombro:

— Pode voltar para casa sossegado. O senhor não ouvirá nunca essas arapongas cantarem.

E reparando no meu ar pasmado e incrédulo:

— O canto da araponga é tão feio que as próprias arapongas não podem comê-lo. Se duas arapongas estão juntas e

— Que é isto, meu Amigo? Sente-se cansado, abatido? Não se sente bem disposto?

O que lhe falta é um bom Tônico reconstituinte.

Tome **NUTROFOSFAN** e ficará satisfeito. **NUTROFOSFAN** nutre, revigora o organismo, enriquece o sangue, vale SAÚDE.



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

uma canta, a outra logo reclama aos berros. Se em vez de duas estão cento e cinquenta, nenhuma se atreve a abrir o bico: é que nem mesmo uma araponga aguentaria o barulho horroroso de cento e quarenta e nove arapongas berrando juntas!...

Por mais surpreendente que isto pareça, o homem não me mentiu — suas arapongas não cantam! Há meses que ele mora ao meu lado e jamais elas abriram o bico, jamais uma delas ousou fazê-lo. Todas as manhãs avisto os pássaros prectosamente quietos nas suas gaiolas, admiro

embevecido suas penas lindas, olho o sol que brilha no céu azul e faz os jardins do meu querido bairro, tão verdes e tão alegres, parecerem ainda mais alegres e ainda mais verdes, e me considere inofensivamente o sujeito mais feliz do mundo...



Saber conversar é um dos maiores encantos da Mulher...

A ELEGANCIA, a beleza, o "charm", são dotes preciosos para o sucesso social... Mas, para que eles brilhem em sua plenitude, para que a aproximação os torne ainda mais sedutores, é necessário que possua esse cativante dote do espírito que é — **saber conversar...**

Um dito oportuno, uma citação inteligente, é uma arma social do mais alto valor. E esta arma encontrará mensalmente nas páginas de Seleções.

Reunindo matéria agradável, informando sobre o que de mais importante se passa no mundo, Seleções é um verdadeiro espelho da vida universal. Lendo Seleções, jamais lhe faltará assunto para dar a suas palestras o encanto de saber conversar.



SELEÇÕES é lida pelas pessoas bem informadas em todo o mundo!



ELEANOR ROOSEVELT, esposa do grande presidente americano, diz: "A leitura do Reader's Digest é uma alegria, precisamente porque nele encontramos, condensada, uma variedade de assuntos capazes de estimular nosso intelecto, sob vários aspectos".



HENRY FORD, o gênio da indústria automobilística e autor de vários livros, diz: "Todos os meses espero com prazer a saída do Reader's Digest e há duas coisas que encontro sempre em seus artigos: interpretação sobre o presente, e indicações sobre o futuro".



EVA CURIE, a eminente biógrafa, filha ilustre de uma mãe ilustre, diz: "É um feliz augúrio que as edições internacionais de Seleções tenham sido recebidas tão entusiasmamente e façam votos que, em breve, sejam lidas em todas as principais línguas do universo".

SELEÇÕES publica, mensalmente, os melhores artigos de 500 revistas e o resumo de um livro famoso!

Representante Geral no Brasil: **FERNANDO CHINAGLIA** — Rua do Rosário, 55-A — 2.º andar — Rio de Janeiro

...como ESTÁ AUMENTANDO!

• Realmente, é notável o desenvolvimento dos nenês alimentados com Maizena Duryea, produto de alto valor nutritivo. Garanta a saúde de seu filhinho, dando-lhe diariamente o incomparável

MAIZENA DURYEA

Verifique o acompanhamento incluído em cada pacote

A MAIZENA DURYEA
Café Postal, 6-8 - São Paulo
Para enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

Nome _____
Rua _____
Cidade _____ Estado _____



PARA QUE SUA EPIDERMIS MANTENHA
TODO O ENCANTO DOS 20 ANOS...

CRISTAIS PARA BANHO E TALCO

ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE



Proclamação
da República
do BRASIL

1889

84 anos antes

do Brasil transformar-se de Império em República, a firma Seager's, da Inglaterra, já havia sido fundada e já fabricava o famoso Seagers Gin, mundialmente conhecido e apreciado pela sua alta qualidade e delicioso sabor. A congênera brasileira continua a fabricar sob a responsabilidade de sua Matriz, o Seagers Gin e é por isso que aqui no Brasil se toma sempre o mesmo incomparável produto que se bebe na Inglaterra.

Desde 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE

**SEAGERS
GIN**

(DIGA-SIGA)

PETTINATI-GS-2

PERNAS DE

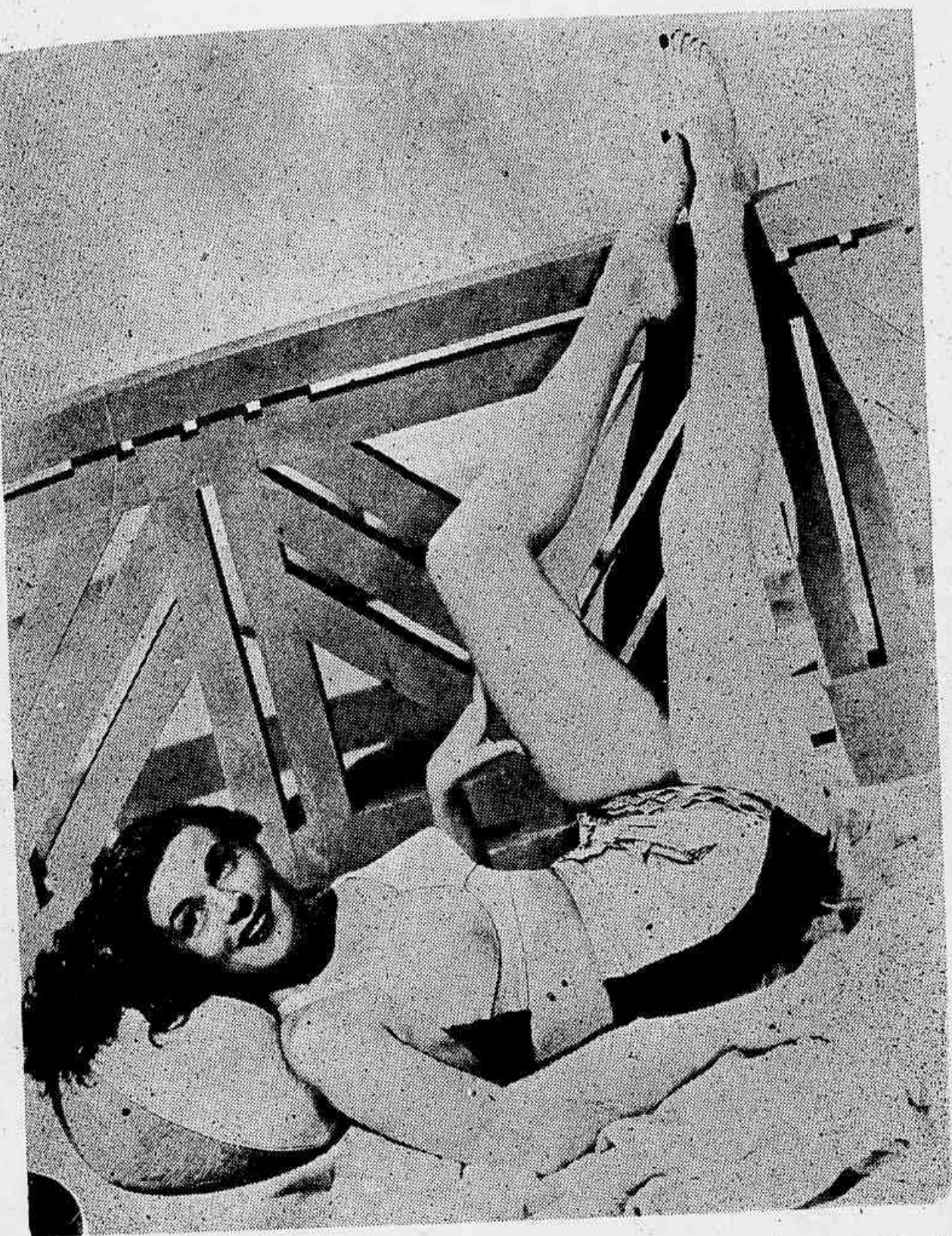


O SAMBA "E' UM PRAZER!" — Sonja Henie dança um samba brasileiro sobre o gelo no seu mais recente filme, "E' um prazer!". Aqui está Ruth Valmy, uma das pequenas do grupo de bailarinas, com a indumentária que aparece nessa sequência, toda em cores. Que tal a sambista... de Hollywood?



O SWING E A RUMBA EM AÇÃO — Vivian Austin, que é também dona de um excelente senhor par de pernas, aproveita o ensejo para exibi-las à vontade, na rumba e no swing incluídos em "A caça de maridos". Não admira que a caça seja bem sucedida. Lançando mão desse recurso não é vantagem, não!

HOLLYWOOD



O QUE É BOM É PARA SE VER! — Esse o lema de Marguerite Chapman, que nós vimos recentemente em "Alma Russa". No filme com Paul Muni, a "estrêla" não teve ensejo de exibir as pernas maravilhosas com que foi dotada pela Natureza; mas nas praias e nas piscinas, é isso que os senhores estão vendo agora...



ELEGANCIA E DISTINÇÃO... DE PERNAS — Janis Paige prefere mostrar as pernas longe dos estúdios. Tem, por princípio, que a sua arte não deve ser "pernóstica" (vá lá o trocadilho infame); mas quando o fotógrafo, na hora do material de propaganda, pede uma pôse especial Janis Paige não tem dúvidas. E mostra o que possui de bom.

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

ALTO-FALANTES LOCALIZADOS NA ESTAÇÃO D. PEDRO II,

por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Sedvidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações:

SERVIÇO DE TURISMO E PUBLICIDADE DA
ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL
7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II,
salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.



como estou outra agora...

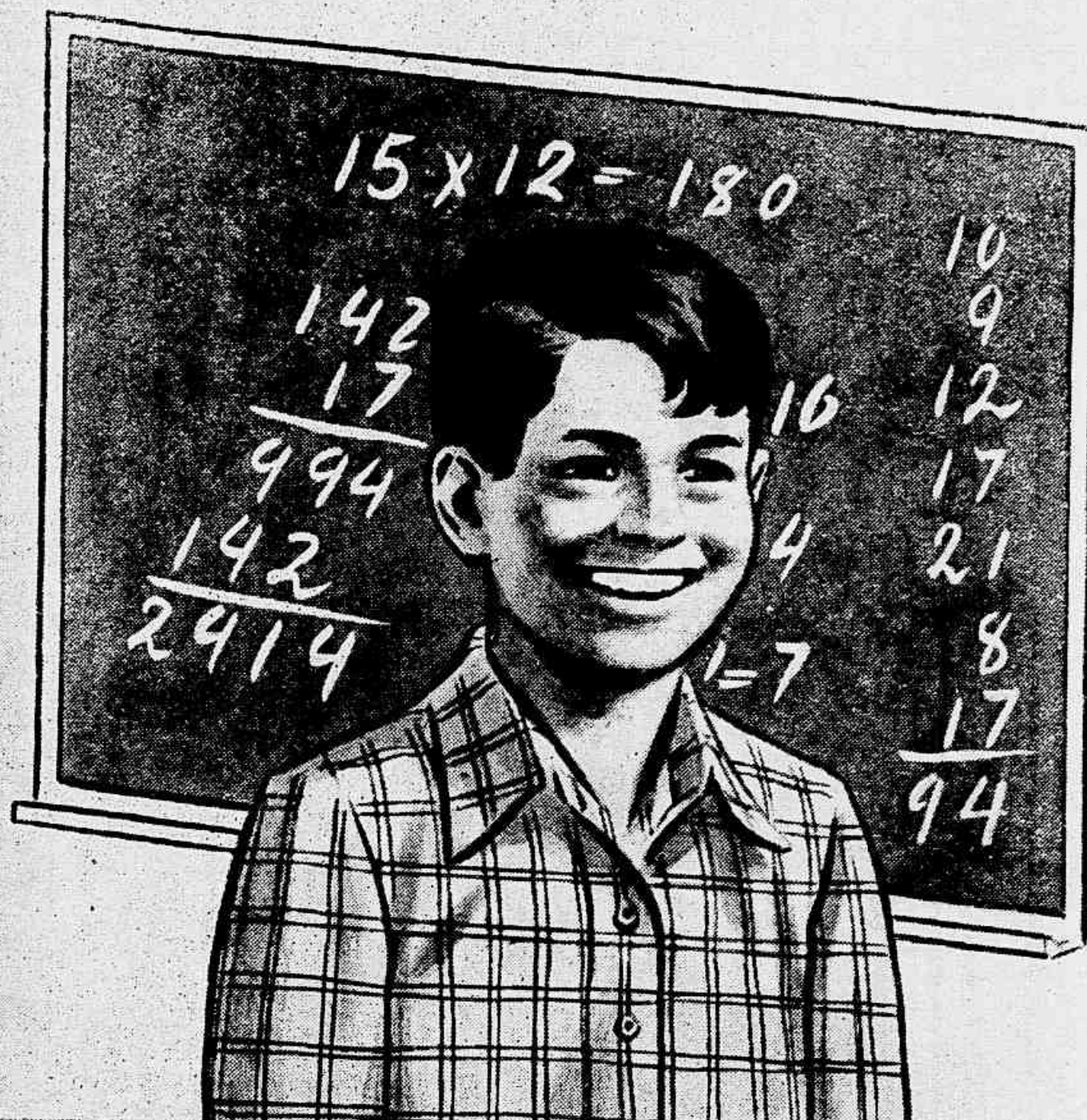
Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora sim, estão brilhantes, sedosos, são e juvenis. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessoas de bom gosto. Fixa sem emplastar, evita a caspa e a queda do cabelo. Depois do permanente quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá cor e brilho natural. Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

**KOLYNOS
SOBRESSAI
EM TODAS
AS PROVAS**



PORQUE É UTIL EM TODAS AS IDADES!

Uma lição que se aprende para toda a vida é o uso constante de Kolynos.

Pela voz dos dentistas, como pela dos mestres, fala a experiência e o conhecimento: eles recomendam Kolynos, pois sabem que esse creme dental protege os dentes em todas as idades. A espuma borbulhante produzida por uma quantidade insignificante de Kolynos na escova seca é suficiente para limpar completamente os dentes, porque

penetra com facilidade em todos os recantos da boca.

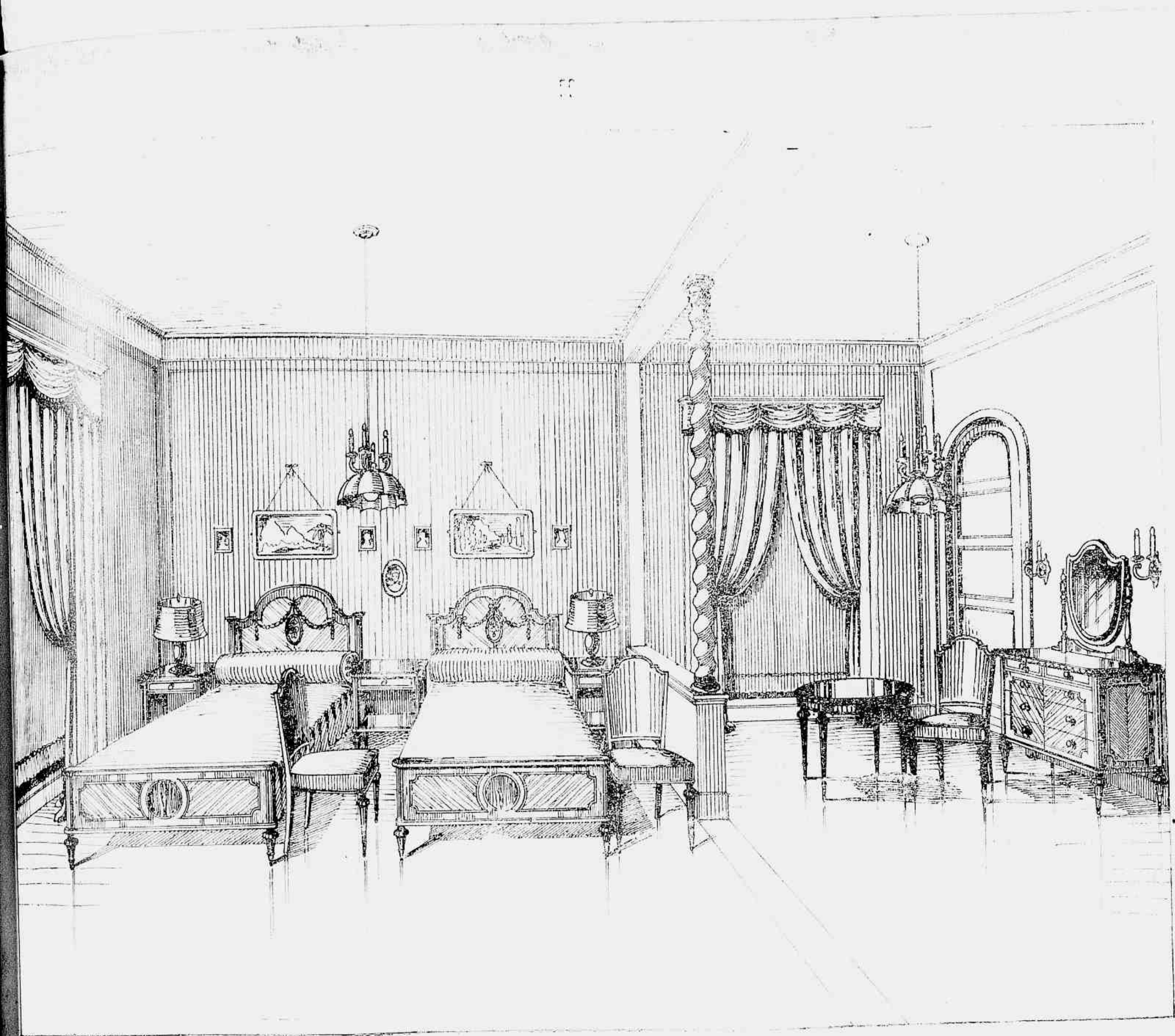
A sensação agradável que provoca o uso desse creme dental torna-o preferido de crianças e adultos; graças a ele, escovar os dentes se transforma, para seus filhos, num prazer diário — um prazer que protege a saúde. Por isso mais dentistas e mais famílias usam e recomendam Kolynos, que custa muito menos porque rende muito mais.



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

**EXPERIMENTE
hoje mesmo o CREME
DENTAL
ANTISSÉPTICO!**

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21 35 o "Rádio Almanaque Kolynos".



Dormitorio de estudante

No "cliché" acima reproduzimos um modelo de quarto de dormir em estilo moderno, especialmente desenhado para aposentos de rapazes. O técnico que o criou levou em conta a premente carência de espaço que se encontra nos apartamentos de hoje. As camas, trabalhadas em madeira escura, são colocadas uma ao lado da outra, com mesinhas de cabeceira que podem, pelo seu formato e tamanho, servir como estantes de emergência. No quarto de vestir, uma mesa de centro e um toucador com espelho, além de um guarda-casaca que pode ser feito em qualquer estilo. O necessário número de cadeiras deve ser distribuído entre os dois aposentos, de maneira a não prejudicar a estética nem agravar a exiguidade de espaço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXOS NEM FILIAIS



GLYNÁSE

CREME DENTAL

MODERNÍSSIMA FÓRMULA
NORTE AMERICANA
COM PERÓXIDO DE MAGNÉSIA
UMA GARANTIA PARA OS DENTES
DA MULHER ELEGANTE